

Universidade Federal de Juiz de Fora
Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários

Mariana Mello Alves de Souza

“Meu Reino Por um Cavalo!”: Ricardo III e o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas

Juiz de Fora

2022

Mariana Mello Alves de Souza

“*Meu Reino Por um Cavalo!*”: Ricardo III e o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, área de concentração em Literatura, Identidade e Outras Manifestações Culturais, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Carolina Alves Magaldi.

Juiz de Fora

2022

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Mello Alves de Souza, Mariana.

"Meu Reino Por um Cavalo!": Ricardo III e o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas / Mariana Mello Alves de Souza. -- 2022.

115 f. : il.

Orientadora: Carolina Alves Magaldi

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. William Shakespeare. 2. Ricardo III. 3. Literatura. 4. História. 5. Manipulação. I. Alves Magaldi, Carolina, orient. II. Título.

Mariana Mello Alves de Souza

Meu Reino Por um Cavallo!

Ricardo III e o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras. Área de concentração: Teorias da Literatura e Representações Culturais.

Aprovada em 23 de março de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Alves Magaldi - Orientadora

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Bárbara Inês Ribeiro Simões Daibert - Membro Interno

Universidade Federal de Juiz de Fora

Profa. Dra. Juliana Steil Tenfen - Membro Externo

Universidade Federal de Pelotas

Juiz de Fora, 17/03/2022.



Documento assinado eletronicamente por **Carolina Alves Magaldi, Professor(a)**, em 23/03/2022, às 16:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Juliana Steil Tenfen, Usuário Externo**, em 25/03/2022, às 12:46, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Barbara Ines Ribeiro Simoes Daibert, Professor(a)**, em 01/04/2022, às 12:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-Uffj (www2.ufff.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador **0713622** e o código CRC **385BD54E**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha mãe Lucia, pelo apoio constante, pelas aulas de História e por nunca ter me deixado desistir.

Agradeço à minha orientadora Carolina, a quem eu considero como a melhor orientadora do mundo, pela paciência, pelas palavras de motivação e por sempre acreditar nas minhas ideias, até nas mais doidas.

Agradeço ao saudoso mago Gilvan Procópio Ferreira por nunca ter se atrasado, nem se adiantado, por ter chegado em minha vida acadêmica exatamente quando pretendia chegar.

Agradeço às minhas irmãs Anna e Maíra e ao meu irmão Ademir, pelo estímulo ainda que à distância, pela acolhida e por serem tão extraordinários.

Agradeço aos amigos Lucas Tadeu, Paulo Cilas e, novamente, à minha irmã Maíra pelo mais sincero encorajamento e imprescindível companheirismo nas horas difíceis.

Agradeço também às amigas e amigos dentro e fora do meio acadêmico. É através da educação, do respeito ao próximo e da empatia que iremos construir um Brasil melhor.

Um agradecimento especial à Annette Carson, pelas amáveis palavras de incentivo e à Philippa Langley e Matthew Lewis, por nunca terem desistido da busca pelo verdadeiro rei Ricardo III.

Por fim, meus sinceros agradecimentos a Ni Barnard, por sua interpretação humana de uma importante figura da história.

If you do not find a way, no one will.

Galadriel

RESUMO

Embora tenha governado apenas por dois anos – de 1483 a 1485 – Ricardo III se destaca como um dos mais famosos e infames reis da Inglaterra. Com uma controversa reivindicação ao trono, somada à acusações de sangue nas mãos, Ricardo Plantageneta é historicamente descrito como um tirano e um monstro por seus sucessores. Tal descrição se manteve por séculos, apoiada principalmente pela representação construída por William Shakespeare na peça *A Tragédia do Rei Ricardo III* – que teve como base documentos e relatos produzidos ao longo da era Tudor, linhagem que sucedeu Ricardo após sua morte. A hipótese deste trabalho é de que os Tudor criaram uma representação pessoal de Ricardo III a fim de sustentar sua posição enquanto família real reinante na Inglaterra. Essa representação teria se consolidado com a peça escrita por Shakespeare, e com o passar dos anos se tornou um construto literário imbuído de malignidade e despotismo. As circunstâncias da produção artística de Shakespeare são extremamente favoráveis a análises dos sistemas de patronagem, – estudados inicialmente por Lefevere (1992) – entretanto, o que se observou foi uma lacuna nos estudos acerca de Ricardo III e de sua peça homônima. E é nessa lacuna que o presente trabalho se insere. E para tal, a metodologia do presente trabalho envolve uma sistematizada pesquisa bibliográfica a fim de elaborar propostas analíticas a respeito do tema. Pretende-se empregar métodos descritivo e analítico das obras, assim como uma leitura comparatista do corpus, relacionando-o e vinculando-o com as problemáticas apresentadas de forma a atingir o objetivo desta dissertação, que é analisar – com o auxílio do aparato teórico histórico fornecido por Le Goff (1992), que analisa as relações entre história e narrativa; Veyne (2005), que trabalha a relação entre história e os fragmentos que a compõe; Certeau (2011), que explana como a história se torna mito; além de fazer uso das proposições tradutórias de Lefevere (1992) sobre reescrita; de Hermans (1985) sobre manipulação; e de Even-Zohar (2012) sobre a teoria dos polissistemas – como foi construída a imagem histórica de Ricardo III que inspirou a peça shakespeariana, tendo como base estudos recentes acerca do monarca além de avaliar o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas.

Palavras-chave: William Shakespeare. Ricardo III. Literatura. História. Manipulação.

ABSTRACT

Although he ruled for only two years – from 1483 to 1485 – Richard III stands out as one of England's most famous and heinous kings. With a controversial claim to the throne, added to the accusations of blood in his hands, Richard Plantagenet is historically described as a tyrant and a monster by his successors. Such description has remained for centuries, supported mainly by the representation constructed by William Shakespeare in the play *The Tragedy of the King Richard III* – that was based on documents and reports produced throughout the Tudor era, a lineage that succeeded Richard after his death. The hypothesis of this paper is that the Tudors created a personal representation of Richard III in order to support their position as the reigning royal family in England. This representation would have been consolidated with the play written by Shakespeare, and over the years it became a literary construct imbued with malignity and despotism. The circumstances of Shakespeare's artistic production are extremely favorable to the analysis of the patronage systems, – initially studied by Lefevere (1992) – however, what was observed was a gap in the studies about Richard III and his homonymous play. And it is in this gap that the present work fits itself in. For that, the methodology of the present work involves a systematized bibliographical research in order to elaborate analytical proposals about the subject. It is intended to employ descriptive and analytical methods of the works, as well as a comparative reading of the corpus, relating it and linking it with the problems presented in order to achieve the objective of this dissertation, that is to analyze – with the help of the historical theoretical apparatus provided by Le Goff (1992), who analyses the relationship between history and narrative; Veyne (2005), who works on the relationship between history and the fragments that compose it; Certeau (2011), who explains how history becomes myth; as well as making use of Lefevere's (1992) translational propositions on rewriting; Hermans' (1985) on manipulation; and Even-Zohar's (2012) theory of polysystems – how the historical image of Richard III that inspired the Shakespearean play was constructed, based on recent studies about the monarch and assessing the impact of manipulation on literary construction and its historical consequences.

Keywords: William Shakespeare. Richard III. Literature. History. Manipulation.

Lista de Figuras

Figura 1 – retrato do rei Ricardo III, pintado entre 1504 e 1520.....	p.66
Figura 2 – retrato do rei Ricardo III, pintado no fim do século XVI.....	p.67
Figura 3 – retrato do rei Ricardo III, pintado entre 1597 e 1618.....	p.68
Figura 4 – Imagem 04: gravura linear do rei Ricardo III, feita no século XVII.....	p.68
Figura 5 – gravura linear do rei Ricardo III, feita em 1638.....	p.69
Figura 6 – o retrato de Paston do Rei Ricardo III, pintado em 1520.....	p.70
Figura 7 – Escavação revelando o esqueleto do rei Ricardo III.....	p.74
Figura 8 – Esqueleto do rei Ricardo III.....	p.74
Figura 9 – Reconstrução facial do rei Ricardo III.....	p.76
Figura 10 – Reconstrução facial do rei Ricardo III feita após o estudo genético da Universidade de Leicester.....	p.76

Lista de Quadros

Quadro 1 – <i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 1.....	p.63
Quadro 2 – <i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 2.....	p.77
Quadro 3 – <i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 4.....	p.81
Quadro 4 – <i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 4 – continuação Quadro 4.....	p.82
Quadro 5 – <i>Ricardo III</i> - Ato 2, cena 1.....	p.84
Quadro 6 – <i>Ricardo III</i> - Ato 2, cena 1 – continuação Quadro 5.....	p.85
Quadro 7 – <i>Ricardo III</i> - Ato 2, cena 2.....	p.86
Quadro 8 – <i>Ricardo III</i> - Ato 3, cena 1.....	p.89
Quadro 9 – <i>Ricardo III</i> - Ato 3, cena 1, segundo momento.....	p.89
Quadro 10 – <i>Ricardo III</i> - Ato 3, cena 3.....	p.90
Quadro 11 – <i>Ricardo III</i> - Ato 4, cena 2.....	p.92
Quadro 12 – <i>Ricardo III</i> - Ato 4, cena 2, segundo momento.....	p.92
Quadro 13 – <i>Ricardo III</i> - Ato 4, cena 3.....	p.93
Quadro 14 – <i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 2.....	p.95
Quadro 15 – <i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 2 – continuação Quadro 14.....	p.96
Quadro 16 – <i>Ricardo III</i> - Ato 4, cena 2.....	p.98
Quadro 17 – <i>Ricardo III</i> - ato 4, cena 4.....	p.99
Quadro 18 – <i>Ricardo III</i> - ato 4, cena 4 – continuação Quadro 17.....	p.100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 RICARDO III: O HOMEM POR TRÁS DA HISTÓRIA.....	16
2.1 RICARDO PLANTAGENETA, A CASA YORK E A GUERRA DAS ROSAS	16
2.2 RICARDO, DUQUE DE GLOUCESTER, LORDE PROTETOR E ALTO CONDESTÁVEL DA INGLATERRA.....	23
2.3 RICARDO III	35
3 APARATO TEÓRICO.....	40
3.1 PARÂMETROS DA TRADUÇÃO E INTERTEXTUALIDADE PARA COMPREENDER O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS	40
3.2 QUANDO SE FALA DA HISTÓRIA	49
3.2.1 História e Narrativa.....	49
3.2.2 A História como um “romance real”	51
3.2.3 A História como Mito	53
4 RICARDO III: O MONARCA E O TIRANO.....	57
4.1 RICARDO EM CINCO ATOS	57
4.2 ANÁLISE	62
4.2.1 A aparência física e o caráter de Ricardo III.....	62
4.2.2 Os assassinatos atribuídos a Ricardo.....	76
4.2.3 Os relacionamentos matrimoniais de Ricardo III	95
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	105

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho terá como objetos de estudo a vida do monarca inglês Ricardo III e a peça homônima *Ricardo III*, escrita pelo poeta, dramaturgo e ator William Shakespeare. Nascido em 23 de abril de 1616, em Stratford-upon-Avon, Shakespeare é tido como o poeta nacional da Inglaterra, tendo produzido 38 peças, 154 sonetos, dois longos poemas narrativos, e mais alguns versos esparsos, cuja autoria, contudo, é ainda contestada pelos estudiosos de sua obra. Com peças traduzidas para todas as principais línguas modernas, Shakespeare é o autor inglês de maior notoriedade e cujos trabalhos e temas atemporais permanecem em evidência graças à adaptações frequentes feitas para o teatro, televisão, cinema e literatura.

Dentre as temáticas que marcam a obra de Shakespeare ao lado das comédias e das tragédias, estão os dramas históricos baseadas em eventos e personagens oriundos da historiografia inglesa. Especula-se que, com tais peças, o autor buscava expor os aspectos corruptos e destrutivos da linhagem plantageneta numa justificação para as origens da dinastia Tudor e sua ascensão ao poder. É neste contexto que se insere Ricardo III, considerado o primeiro grande protagonista de Shakespeare. Sua peça homônima é composta de cinco atos, nos quais o autor retrata a ascensão maquiavélica de Ricardo ao trono e seu subsequente curto reinado. Porém, é apenas em sua quarta edição que a peça assume o caráter de tragédia. Heliadora (2014, p. 88) afirma que:

O fato de Ricardo ter um ombro bem mais alto que o outro e também um braço ressequido favorecia a intenção do autor de mostrá-lo não apenas como um mau rei mas também como má pessoa, já que na época qualquer deformação física era tida como indício de deformação moral.

A afirmação de Heliadora (2014) vem para comprovar que a História é escrita pelos vencedores, e conforme explica Le Goff, “a história de início era um relato emitido por uma testemunha do fato. Hoje, o simples relato é mudado para uma explicação do evento.” (LE GOFF, 1992, p. 8). O que se percebe então é que, à medida em que a História é estudada, surge a dificuldade em tornar visível linha tênue que separa o fato histórico da verdade. Ainda segundo Le Goff, “a tomada de consciência da construção do fato histórico, da não-inocência do documento lançou uma luz reveladora sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico”. (LE GOFF, 1992, p. 11). Assim sendo, pode-se afirmar que a História se caracteriza por ser uma prática social, uma questão política e a leitura que se faz do mundo através do viés histórico se articula sobre uma vontade de transformá-lo.

No caso específico do rei Ricardo III, tem-se a hipótese que a leitura que seus sucessores da família Tudor fizeram de sua vida e reinado se articulou sobre uma vontade de criar uma representação pessoal de Ricardo III, sendo esta majoritariamente composta por mentiras e ficção a fim de sustentar sua posição enquanto família real reinante na Inglaterra. Essa representação teria se consolidado com a peça escrita por Shakespeare, e com o passar dos anos se tornou um construto literário imbuído de malignidade e despotismo. Nota-se que, em obras literárias da contemporaneidade, esse parâmetro de entendimento de Ricardo ainda está presente, refletindo ao longo dos séculos a influência exercida pelos Tudor.

É por essa razão que afirma-se que as circunstâncias da produção artística de Shakespeare foram extremamente favoráveis a análises dos sistemas de patronagem. O termo, utilizado por Lefevere (1992, p. 468), pode ser entendido como o poder exercido por pessoas e instituições (partidos políticos, editores, jornais, revistas etc.), que determinam o que será permitido ou não ser lido, escrito ou reescrito em termos de literatura. Os chamados patronos regulam a relação entre o sistema literário e os outros sistemas que, juntos, formam a sociedade e a cultura. Logo, o sistema cultural que está inserido dentro de múltiplos sistemas, é formado por uma estrutura hierárquica que permite que o capital cultural concentre-se nas mãos dos agentes do poder.

Todavia, o que se percebeu foi a existência de uma lacuna nos estudos sobre o assunto. E é nessa lacuna que o presente trabalho se insere, pois, nesse sentido, uma pesquisa que procure analisar as criações de alguém imbuído de significância histórica e literária como é William Shakespeare e que busque identificar os sinais e fatores que levaram o Bardo a dar vida a uma representação que foi responsável por estimular uma visão nociva a cerca de um ser humano como aconteceu em Ricardo III, é não só importante quanto necessária, devido à carência de estudos específicos nessa área.

As únicas exceções a esse cenário são a tese “Metamorfoses de um rei: Imagens de vilania em ‘Richard III’ de William Shakespeare”, de Glória Maria Guiné de Mello, a dissertação “Ricardo III: a construção da memória”, de Beatriz Breviglieri Oliveira e o artigo “‘Meu reino por um cavalo!’: a construção da imagem vilanesca do rei Ricardo III a partir das crônicas de Holinshed, de 1587”, de Renata Ribeiro Oliveira. Cabe destacar que o presente estudo se diferencia dos trabalhos mencionados por investigar a construção das manipulações histórico-textuais a partir do aparato teórico dos Estudos da Tradução, combinando-os aos da Nova História.

Ao reunir os textos constitutivos deste trabalho, constatou-se que, durante séculos, Ricardo Plantageneta foi descrito como um tirano e um monstro por seus sucessores, que basearam suas representações na documentação sobre os crimes e o aspecto físico de Ricardo oriunda da biografia escrita por Sir Thomas More. No entanto, nos últimos anos, e especialmente devido aos esforços de historiadores, arqueólogos e pesquisadores do Reino Unido, descobriu-se que ele não era nada parecido com a persona criada após sua morte.

É possível supor que, muito da fama negativa do monarca esteja associada à campanha difamatória promovida pelos Tudor, dinastia que ascendeu ao poder na Inglaterra depois da derrota de Ricardo e sua subsequente morte na Batalha de Bosworth em 1485. Tamanho foi o poder ganho por eles com a extinção da linhagem plantageneta e com a queda da Casa de York, que sua influência política, social e cultural se estendeu por anos a fio, até alcançar o século 16, período histórico que contém a vida e a obra de William Shakespeare.

Dessa forma, este trabalho buscará responder como as dimensões histórico-culturais do rei Ricardo III foram interpretadas na peça shakespeariana, além de buscar compreender os processos de construção e manipulação da personagem Ricardo III. Para tal, a primeira obra a ser considerada no aparato teórico deste trabalho é a peça *Ricardo III*, que acredita-se ter sido escrita em 1592, por William Shakespeare. Nela, é oferecida ao leitor uma versão do rei impregnada de malignidade e intenções cruéis. Logo na primeira cena, Ricardo, ainda Duque de Gloucester, transcorre sobre o fim dos conflitos entre as casas de York e Lancaster e sobre os festejos reais promovidos pelo irmão Eduardo IV, dos quais não pretende participar dadas as suas condições físicas. Ele descreve a si mesmo como “deserdado de belas proporções, roubado de uma forma exterior por natureza dissimuladora, foi com deformidades, inacabado e antes do tempo que me puseram neste mundo que respira, feito mal-e-mal pela metade, e esta metade tão imperfeita, informe e tosca que os cachorros começam a latir para mim se me paro ao lado deles.” (SHAKESPEARE, 2007, p. 26).

Tal representação se assemelha a muitas das descrições feitas de Ricardo após a sua morte em 1485 e nos serve como ponto de partida para reflexão. O esforço deste trabalho será analisar Ricardo não como o vilão de sua própria história, mas como um homem “treinado em armas, caça e falcoaria, dança e cortesia que se tornou um soldado capaz e administrador competente, permanecendo firmemente leal a Eduardo IV.” (CAVENDISH, 2002).

No primeiro capítulo deste trabalho, buscar-se-á traçar um panorama histórico da Inglaterra no século XV e para tanto, serão elencados fatos e acontecimentos relativos ao contexto no qual se insere o monarca Ricardo III, figura que pretende-se (re) descobrir neste

trabalho. Os aportes teóricos que fizeram-no ganhar renovado interesse do ponto de vista sócio-histórico e cultural serão expostos assim como serão abordadas as teorias propostas acerca de sua vida pessoal e política.

No segundo capítulo, em um primeiro momento, serão elencadas as obras constituintes do aparato teórico histórico deste trabalho, basilares para explicar a relação entre história e narrativa, a noção de tekmeria e a conexão entre história e mito. Tratam-se dos pressupostos de Le Goff (1992), Certeau (2011) e Veyne (2005), além do embasamento oriundo de outras obras e artigos de apoio.

Num segundo momento, serão especificados também os textos intervenientes do aparato teórico tradutório, necessários para embasar o uso dos conceitos de manipulação, reescritura e patronagem, e a Teoria dos Polissistemas. Tratam-se dos fundamentos de Lefevere (1992), Hermans (1985) e Even-Zohar (2013), que poderão ser complementados por obras e artigos de apoio.

No terceiro capítulo, intentar-se-á realizar uma análise comparativa dos trechos mais significativos da peça *Ricardo III*, tomando como ponto de partida o panorama histórico da Inglaterra no século XV e os fatos acerca da vida pessoal e política de Ricardo, conforme exposto no primeiro capítulo deste trabalho. Buscar-se-á comparar os excertos do texto shakespeariano com as proposições de More (1924) e Carson (2013) acerca da figura do rei, além de fazer uso os aportes teóricos fornecidos no segundo capítulo do trabalho, de forma a concluir de que forma foi construída a imagem histórica de Ricardo III que inspirou a peça homônima, tendo como base estudos recentes acerca do monarca e avaliar o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas.

Devido ao silenciamento do pressuposto histórico que se dá com a morte de Ricardo na Batalha de Bosworth, se partirá dele para chegar à peça de Shakespeare. O *corpus* que envolve a questão da dualidade histórica que é a vida de Ricardo III é bastante amplo, sendo escolhidas, no entanto, as obras mais significativas. Algumas são provenientes de periódicos encontrados no meio virtual como *History Today*, enquanto outras advêm de publicações impressas como o caso da peça *Ricardo III* (2007) em seu formato tradicional, além do livro *Shakespeare: o que as peças contam: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos* (2014), de Bárbara Heliodora.

Obras das áreas de não-ficção e história também auxiliam na composição do *corpus* de pesquisa, de forma a tecer uma vinculação entre história, narrativa e literatura. Serão consultados *History Of King Richard The Third Of England* (2013), de Jacob Abbott; *Richard*

III: The Maligned King (2013), de Annette Carson, *Good King Richard?* (2014), de Jeremy Potter; *Richard III: Yale English Monarchs* (2011), de Charles Ross; *The King's Grave: The Search for Richard III* (2013), de Philippa Langley; *História e Memória* (1992), de Jacques Le Goff; *Como se escreve a história, Foucault revoluciona a história* (2005), de Paul Veyne; *A escrita da história* (2011), de Michel De Certeau, além de outras obras e artigos de apoio.

Para embasar mais amplamente as hipóteses de manipulação histórica e patronagem e para compreender seus efeitos na História mais especificamente, serão considerados as obras *The manipulation of literature: studies in literary translation* (1985), de Theo Hermans; *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame* (1992), de André Lefevere e *Teoria dos polissistemas* (2013), de Itamar Even-Zohar.

Considerando este *corpus* de análise, a metodologia do presente trabalho envolve uma sistematizada pesquisa bibliográfica a fim de elaborar propostas analíticas a respeito do tema. Pretende-se empregar os métodos descritivo e analítico ao explorar as obras citadas, assim como tenciona-se fazer uma leitura comparatista do *corpus*, relacionando-o e vinculando-o com as problemáticas apresentadas de forma a concluir de que forma foi construída a imagem histórica de Ricardo III que inspirou a peça Shakespeariana, tendo como base estudos recentes acerca do monarca e avaliar o impacto da manipulação na construção literária e suas consequências históricas.

2 RICARDO III: O HOMEM POR TRÁS DA HISTÓRIA

Neste primeiro capítulo intentou-se traçar um panorama histórico da Inglaterra no século XV. Foram elencados, por meio dos caminhos anunciados pela História, fatos e acontecimentos relativos ao contexto no qual se insere o monarca Ricardo III, figura que pretende-se (re) descobrir neste trabalho. Os aportes teóricos que fizeram-no ganhar renovado interesse do ponto de vista sócio-histórico e cultural serão expostos assim como serão abordadas as teorias propostas acerca de sua vida pessoal e política.

2.1 RICARDO PLANTAGENETA, A CASA YORK E A GUERRA DAS ROSAS

Embora seu governo tenha durado por apenas dois anos – de 1483 a 1485, o reinado mais curto de qualquer rei adulto desde a conquista normanda¹ – Ricardo III se sobressai como um dos mais famosos e infames reis da Inglaterra. Como destaca Ross (2011, p. 226), “Ricardo III tem sido o mais persistentemente vilificado de todos os reis ingleses”². Para Hicks (1991, p. 247), “trabalhos históricos eruditos ainda repetem e de fato amplificam as acusações dos contemporâneos de que ele era um usurpador, um tirano e um assassino de crianças inocentes”³. Todavia, para se chegar a qualquer conclusão acerca da figura do monarca, é preciso conhecê-lo.

Seu nascimento se deu no Castelo de Fotheringhay em Northamptonshire em 2 de outubro de 1452. Filho de Ricardo, duque de York e Cecília Neville, Ricardo era o mais novo dos 8 herdeiros que sobreviveram à infância, registra-se que seus pais tiveram 13 filhos no total. Nomeado Ricardo Plantageneta, ele, juntamente com seus irmãos mais velhos Eduardo e Jorge, eram tataranetos de Eduardo III, cuja linha de descendência foi usada para justificar a reivindicação ao trono pela Casa de York. Nas palavras de Bartlett (2013, p. 1):

Entre 1154 e 1485, um período de 331 anos, a Inglaterra foi governada por uma família. Todo rei durante esse tempo era um descendente na linhagem masculina de um conde francês, Godofredo de Anjou, cujo distintivo, a *Cytisus scoparius* – *planta*

¹ Em 14 de outubro de 1066, o exército comandado por Guilherme II, Duque da Normandia, derrotou o exército saxão do rei Haroldo II na Batalha de Hastings, no sul da Inglaterra. Deu-se o nome de conquista normanda à essa batalha e à posterior dominação da Inglaterra pelos vencedores.

² Traduzido pela autora. No original: “Richard III has been the most persistently vilified of all English kings.”

³ Traduzido pela autora. No original: “Scholarly historical works still repeat and indeed amplify the charges of contemporaries that he was an usurper, a tyrant and a murderer of innocent children.”

genista em latim – é a origem de seu nome: os Plantagenetas.⁴

A disputa entre os dois ramos da família – York e Lancaster – resultou da usurpação do trono por Henrique IV no final do século XIV, quando depôs e assassinou Ricardo II para se tornar o primeiro soberano lancasteriano. Henrique era filho de João de Gaunt, duque de Lancaster, que havia sido o terceiro filho de Eduardo III. Por muito tempo a dinastia Lancasteriana de Henrique pareceu firmemente estabelecida; seu filho Henrique V governou a Inglaterra de 1413 a 1422 e liderou invasões bem-sucedidas ao território francês.

Quando ele morreu jovem, seu filho de um ano de idade, outro Henrique, tornou-se rei com aceitação geral. Embora um primo, Ricardo, duque de York (nascido em 1411), possuísse uma reivindicação ao trono razoavelmente superior – ele descendia do quarto filho de Eduardo III na linha masculina, e de seu segundo filho na linha feminina – ninguém desafiou a sucessão Lancasteriana até 1455, quando o mesmo duque de York decidiu que a coroa inglesa deveria lhe pertencer.

Hicks (1991, p. 10) argumenta que, quando a Guerra dos Cem Anos⁵ terminou abruptamente com a derrota dos ingleses, o governo não conseguiu remediar esses desastres. Segundo ele, “os problemas estavam ligados – a guerra havia afundado o governo em dívidas e a depressão reduzira sua renda –, mas a ineficácia do próprio Henrique VI, um rei incapaz de reinar, também contribuiu”⁶. Para Dinning (2019, p. 1), referindo-se a Henrique VI:

Henrique VI não era um rei vingativo – de forma alguma, era o contrário. Ele certa vez ordenou que os quartos de um traidor falecido fossem retirados, comentando: *Eu não terei nenhum cristão tão cruelmente manipulado por minha causa*. E em 1452, na Sexta-Feira Santa, emitiu 144 perdões após uma tentativa de rebelião do duque de York.⁷

Os historiadores acima citados parecem concordar que Henrique carecia desse carisma e não tinha força, habilidade ou interesse em seus deveres reais ou autoridade. Seward (apud Dinning, 2019, p. 1) escreveu: “ele falhou espetacularmente como um governante, perdendo

⁴ Traduzido pela autora. No original: “Between 1154 and 1485, a period of 331 years, England was ruled by one family. Every king during that time was a descendant in the male line of a French count, Geoffrey of Anjou, whose badge, the broom plant – planta genista in Latin – is the origin of their name: the Plantagenets.”

⁵ A Guerra dos Cem Anos foi uma longa e descontinuada guerra entre Inglaterra e França, que ocorreu entre 1337 e 1453, motivada por razões políticas e econômicas.

⁶ Traduzido pela autora. No original: “the Hundred Year's War ended abruptly with English defeat, and the government was powerless to remedy these disasters. The problems were connected – war had plunged the government deep into debt and the depression had slashed its income – but the ineffectiveness of Henry VI himself, a king incapable and unwilling to reign, also contributed.”

⁷ Traduzido pela autora. No original: “Henry VI was not a vengeful king – if anything, he was quite the opposite. He once ordered a deceased traitor’s impaled ‘quarter’ to be taken down, commenting: “I will not have any Christian man so cruelly handled for my sake.” And in 1452, on Good Friday, he issued 144 pardons following an attempted rebellion by the Duke of York.”

dois reinos. Ele não só perdeu a França Lancasteriana, mas sua incapacidade de prover um bom governo resultou nas Guerras das Rosas e, eventualmente, em seu próprio assassinato”⁸. Esta citação mostra que Henrique tinha os traços opostos aos exigidos de um rei por seus contemporâneos. A Encyclopaedia Britannica (2019b, p. 1) detalha que:

Após a morte de Henrique V em 1422, o país ficou sujeito à longa e facciosa minoridade de Henrique VI (agosto de 1422 a novembro de 1437), durante a qual o reino inglês foi administrado pelo conselho do rei, um corpo predominantemente aristocrático. Esse arranjo, que provavelmente não estava de acordo com os últimos desejos de Henrique V, não foi mantido sem dificuldade. Como Ricardo II antes dele, Henrique VI tinha parentes poderosos ansiosos para se apoderarem do poder e se colocarem à frente das facções no estado. O conselho logo se tornou seu campo de batalha.⁹

O conselho incluía o tio do rei, Humberto, duque de Gloucester e seu tio-avô, Henrique Beaufort, bispo de Winchester – filho bastardo legitimado de João de Gaunt. Do outro lado do canal, um terço de toda a França, incluindo Paris, era governada por outro tio, o duque de Bedford. Pois Henrique era rei da França e também da Inglaterra, tendo sido coroado em Paris em 1430, ainda que a grande maioria da nobreza francesa apoiasse Carlos VII, um rei da casa dos Valois.

Seu casamento com Margarida de Anjou – uma princesa francesa da linhagem dos Valois – significou uma tentativa da coroa em adotar uma política de paz. Entretanto, ainda que início de 1449, os ingleses ainda mantivessem seu domínio na Normandia e na Gasconha, em agosto de 1450 já não se tinha registro da presença inglesa em solo normando, tampouco se menciona que em agosto de 1451, a Gasconha jazia desacolhida. Uma tentativa de recuperar Bordeaux terminou no desastre que permitiu aos historiadores do período afirmar que Inglaterra finalmente havia perdido a Guerra dos Cem Anos. Tal perda é considerada um dos estopins da série de conflitos que se seguiu. Como descreve Seward (1995, p. 10):

A Guerra das Rosas constituiu a conclusão lógica da Guerra dos Cem Anos. Como tal, permanece na memória como algo romântico, um conto de cavaleirismo e barbaridade medievais, na fronteira entre o mito e a realidade. A mente evoca imagens de cavalaria armada sem rosto e esguias infantarias de soldados com longos arcos, todos feitos para saltar aos olhos com padrões coloridos e vestimentas espalhafatosas com os comandantes vestidos como jóias. Qual era a diferença entre uma batalha e

⁸ Traduzido pela autora. No original: “He failed spectacularly as a ruler, losing two kingdoms. Not only did he lose Lancastrian France but his inability to provide good government resulted in the Wars of the Roses and eventually in his own murder.”

⁹ Traduzido pela autora. No original: “After the death of Henry V in 1422 the country was subject to the long and factious minority of Henry VI (August 1422–November 1437), during which the English kingdom was managed by the king’s council, a predominantly aristocratic body. That arrangement, which probably did not accord with Henry V’s last wishes, was not maintained without difficulty. Like Richard II before him, Henry VI had powerful relatives eager to grasp after power and to place themselves at the head of factions in the state. The council soon became their battleground”.

uma justa? Meras exibições, mas a primeiro com sangue e extirpação como consequência.¹⁰

Com as duas dinastias reais entrelaçadas por casamentos e separadas por imprudências consanguíneas, a Inglaterra via o ramo de Lancaster, liderado pelo ineficaz Henrique VI – filho do herói Henrique V de Agincourt¹¹ – como uma criança coroada rei da França e com uma rainha francesa Margarida de Anjou, entra em declínio com a perda de possessões francesas conquistadas por Henrique V. O ramo de York, encabeçado pelo duque de York, buscava a deposição do rei Lancaster tendo como base uma reivindicação mais forte ao trono:

Em 1415, Ricardo sucedeu seu tio Eduardo como duque de York. Como descendente de Lionel, duque de Clarence, terceiro filho do rei Eduardo III (que governou entre 1327 e 1377), York tinha uma reivindicação hereditária ao trono que era mais forte, por primogenitura, do que a de Henrique VI (que se tornou rei em 1422), que era descendente do quarto filho de Eduardo. No entanto, York serviu Henrique fielmente como governador da França e da Normandia de 1436 a 1437 e de 1440 a 1445. Ao mesmo tempo, ele se tornou um adversário da poderosa família Beaufort, que estava ganhando o controle do governo de Henrique. A morte de Humberto, duque de Gloucester, em 1447 deixou York na fila para a sucessão ao trono, e os Beauforts o mandaram – virtualmente banido – para a Irlanda como lorde-tenente. Ele retornou à Inglaterra em 1450 e liderou a oposição ao novo ministro-chefe de Henrique, Edmundo Beaufort, duque de Somerset. Quando o rei sofreu um colapso nervoso em julho de 1453, a rainha ambiciosa, Margarida de Anjou, apoiada por Somerset, reivindicou a regência, mas seu comando era tão impopular que o Parlamento nomeou York protetor do reino em março de 1454. York era odiado e temido por Margarida, porque ele era um rival em potencial para o trono que ela esperava obter para seu filho, então uma criança. (BRITANNICA, 2019a, p. 1)¹².

Nascido e educado em um reino fragmentado pela tensão política e tendo sua própria família como grande contribuinte para tal instabilidade, Ricardo Plantageneta tornou-se parte de uma sucessão de reis que nasceram e morreram entre as muitas batalhas que foram travadas

¹⁰ Traduzido pela autora. No original: “The War of the Roses constituted the logical conclusion of the Hundred Years War. As such it remains in memory as something romantic, a tale of Medieval chivalry and barbarity, on the border between myth and reality. The mind conjures up images of faceless armored cavalry and slender infantries of soldiers with long-bows, all made striking to the eye by colorful standards and gaudy dresses with the commanders decked out as jewels. What was the difference between a battle and a joust? All for show, but the former with blood and disembowelment as a consequence”.

¹¹ A Batalha de Agincourt foi um conflito ocorrida na Guerra dos Cem Anos, em 25 de outubro de 1415 (Dia de São Crispim), no norte da França. Resultou em uma das maiores vitórias inglesas durante a guerra.

¹² Traduzido pela autora. No original: “In 1415 Richard succeeded his uncle Edward as duke of York. As a descendant of Lionel, duke of Clarence, third son of King Edward III (ruled 1327–77), York had a hereditary claim to the throne that was stronger, by primogeniture, than that of Henry VI (who became king in 1422), who was descended from Edward’s fourth son. Nevertheless, York served Henry faithfully as governor of France and Normandy from 1436 to 1437 and 1440 to 1445. At the same time, he became an opponent of the powerful Beaufort family, which was gaining control of Henry’s government. The death of Humphrey, duke of Gloucester, in 1447 left York next in line for succession to the throne, and the Beauforts had him sent — virtually banished — to Ireland as lord lieutenant. He returned to England in 1450 and led the opposition to Henry’s new chief minister, Edmund Beaufort, duke of Somerset. When the King suffered a nervous breakdown in July 1453, the ambitious queen, Margaret of Anjou, backed by Somerset, claimed the regency, but her rule was so unpopular that Parliament appointed York protector of the realm in March 1454. York was hated and feared by Margaret because he was a potential rival to the throne she hoped to obtain for her son, then an infant”.

desde que Henrique de Bolingbroke usurpou o trono de seu primo Ricardo II em 1399. Em 1454, quando Henrique recuperou o trono, o pai de Ricardo foi destituído de grande parte de seu poder, apenas para reconquistá-lo na primeira batalha de St. Albans em maio de 1455 – tida como a primeira batalha das Guerras das Rosas – quando o duque de Somerset, seu inimigo e o grande aliado da rainha Margarida, foi morto e o rei levemente ferido.

Conforme reconta a Encyclopaedia Britannica (2019a, p. 1):

Entre 1450 e 1460, Ricardo, terceiro duque de York, havia se tornado o chefe de um grande grupo baronal, da qual os principais membros eram seus parentes, os Nevilles, os Mowbrays e os Bourchiers. Entre seus principais tenentes estava seu sobrinho Ricardo Neville, o conde de Warwick, um homem poderoso por conta própria conta, que tinha centenas de adeptos entre os gentry espalhados por mais de 20 condados. Em 1453, quando Henrique caiu em insanidade, o poderoso grupo baronial apoiado por Warwick, instalou York como protetor do reino. Quando Henrique se recuperou em 1455, ele restabeleceu a autoridade do partido de sua esposa Margarida, forçando York a pegar em armas para se proteger. A primeira batalha da Guerra das Rosas, em St. Albans (22 de maio de 1455), resultou em uma vitória dos York e em quatro anos de trégua desconfortável.¹³

Nesse ínterim, um regime Yorkista foi estabelecido, tendo York como regente e o conde de Warwick – que emergira como o apoio forte da causa Yorkista – foi apontado como capitão de Calais. O rei adoeceu novamente no outono de 1455, e York se tornou novamente protetor por um breve período; o rei, no entanto, se recuperou no início de 1456.

Segundo Grey Friars Research Team *et al.* (2015, p. 88) pouco se sabe dos primeiros anos de vida de Ricardo III. Para eles, sendo Ricardo um filho mais novo, parecia improvável que ele incomodasse muito a História:

No entanto, a arqueologia corresponde aos fatos conhecidos: os testes em seus ossos e dentes mostram que seus primeiros anos foram bem nutridos e saudáveis. Ele vivia com sua inteligente mãe e possuía irmãos jovens para brincar em belas paisagens. Sua casa era um belo castelo, irreconhecível de suas origens como um simples castelo de mota do século XII. Seu pai havia gasto uma fortuna em melhorias para torná-lo digno de um pretendente ao trono.

[...]

Ricardo deve ter sido um menino pequeno, mas forte e sem deixar vestígios da escoliose que começaria a retorcer sua espinha na adolescência. Ele teria tido professores para ensiná-lo a ler e escrever, jogos e brinquedos rudes e violentos para encorajar as artes masculinas da guerra, e teria sido treinado para montar em um

¹³ Traduzido pela autora. No original: “Between 1450 and 1460 Richard, third duke of York, had become the head of a great baronial league, of which the foremost members were his kinsmen, the Nevilles, the Mowbrays, and the Bourchiers. Among his principal lieutenants was his nephew Richard Neville, the earl of Warwick, a powerful man in his own right, who had hundreds of adherents among the gentry scattered over 20 counties. In 1453, when Henry lapsed into insanity, a powerful baronial clique, backed by Warwick, installed York, as protector of the realm. When Henry recovered in 1455, he reestablished the authority of Margaret’s party, forcing York to take up arms for self-protection. The first battle of the wars, at St. Albans (May 22, 1455), resulted in a Yorkist victory and four years of uneasy truce”.

cavalo tão logo houvesse aprendido a andar.¹⁴

Na cronologia estabelecida por Grey Friars Research Team *et al.* (2015, p. 89), “em 1459, o pai de Ricardo fez Cecília e as crianças mais jovens se mudarem para a segurança do Castelo de Ludlow – que pode ter sido o local no qual Ricardo finalmente conheceu seus irmãos mais velhos, Eduardo e Edmundo.”. Eles afirmam que:

Uma semana depois do sétimo aniversário de Ricardo, a vida mudou dramaticamente para pior. Os York foram derrotados na vizinha Ludford Bridge, um episódio que dificilmente se tornou uma batalha, uma vez que se encontravam em tamanha desvantagem que reconheceram o inevitável antes do início dos combates. Seu pai fugiu para a Irlanda com Edmundo, enquanto Eduardo fugiu para a França com outros líderes York, deixando Cecília e os filhos mais novos em busca de refúgio com vários amigos e aliados. (GREY FRIARS RESEARCH TEAM *et al.*, 2015, p. 89)¹⁵.

Como relata Langley (2013, p. 68):

De fato, Cecília e seus filhos pequenos foram feitos prisioneiros de guerra. Eles foram levados perante o parlamento dos Lancaster reunido em Coventry, onde York foi acusado de alta traição e suas terras foram confiscadas. Cecília pediu misericórdia a Henrique VI e recebeu um perdão real, e ela e seus filhos foram colocados sob custódia da irmã de Cecília, Ana, duquesa de Buckingham, no Castelo de Tonbridge, em Kent. As fortunas da casa de York haviam atingido o ponto mais baixo.¹⁶

O esforço para retomar o prestígio e poder dos York partiu da França, onde os refugiados condes de Warwick e Salisbury e o filho de York, Eduardo, usaram a cidade de Calais como base para invadir a Inglaterra, desembarcando em Sandwich em 1460. Uma breve batalha em Northampton, em julho, foi vencida pelos York e o rei foi capturado. A rainha Margarida de Anjou fugiu com seu filho Eduardo, finalmente alcançando a segurança de Harlech e embarcando para a Escócia.

¹⁴ Traduzido pela autora. No original: “However, the archaeology matches the known facts: the tests on his bones and teeth show that his early years were well nourished and healthy. He was living with his clever mother, and had young siblings to play with in beautiful countryside. Home was a handsome castle, unrecognisable from its origins as a simple twelfth-century timber motte and bailey. His father had recently spent a fortune on improvements to make it worthy of a claimant to the throne.

[...]

Richard must have been a slight boy, but strong and without a trace yet of the scoliosis which would begin to twist his spine in adolescence. He would have had tutors to teach him to read and write, rough and tumble games and toys to encourage the manly arts of war, and he would have been trained to sit on a horse almost as soon as he could walk”.

¹⁵ Traduzido pela autora. No original: “A week after Richard’s seventh birthday, life changed dramatically for the worse. The Yorkists were defeated at nearby Ludford Bridge, an episode which scarcely became a battle as they were so heavily outnumbered that they recognised the inevitable before the fighting really started. His father escaped to Ireland with Edmund, while Edward fled to France with other Yorkist leaders, leaving Cecily and the youngest children to seek refuge with various friends and allies”.

¹⁶ Traduzido pela autora. No original: “In fact, Cecily and her young children were made prisoners of war. They were taken to the Lancastrian parliament that met at Coventry, where York was charged with high treason and his lands confiscated. Cecily pleaded for mercy from Henry VI, and received a royal pardon, and she and her children were now placed in the custody of Cecily’s sister Anne, Duchess of Buckingham in Tonbridge Castle in Kent. The fortunes of the House of York had reached a nadir”.

No Parlamento, o duque de York reivindicou o trono como herdeiro de Ricardo II. A Câmara dos Comuns e os juizes se recusaram a considerar um assunto tão delicado, deixando a moção do duque para a decisão dos Lordes. O duque de York tentara reivindicar o trono, mas ante o posicionamento do Parlamento, aceitou o direito de sucessão após a morte de Henrique. Tal direito efetivamente deserdou o filho de Henrique, o príncipe Eduardo, e fez a rainha Margarida continuar sua oposição. Durante uma quinzena de debate, os Lancastrianos se reagruparam e, quando York os encontrou em Wakefield, ele foi derrotado e morto. Warwick, um pouco mais tarde, foi derrotado na segunda batalha de St. Albans.

Conforme relato da Croyland Chronicle reproduzido por Grey Friars Research Team *et al.* (2015, p. 89-90):

O duque de York veio da Irlanda; e, ao se dirigir a Westminster enquanto o Parlamento estava lá reunido, entrou na sessão; depois do que, subindo ao trono real, reivindicou o direito de sentar-se lá como pertencendo unicamente para si mesmo.

Como escreveu o cronista, em outubro Ricardo reivindicou brevemente o trono para si – certamente o momento de maior orgulho para a Orgulhosa Cecília –, mas depois das negociações isso foi reduzido a reconhecê-lo como herdeiro, deserdando o filho de Henrique, Eduardo. O resultante Ato de Acordo foi um tratado cujas determinações indicavam que não haveria a mínima chance da rainha Margarida as aceitar. Ela ordenou a suas tropas escocesas que marchassem para o sul.

No início de dezembro, Ricardo, aparentemente subestimando seriamente o tamanho das forças lancasterianas reunidas, marchou para o norte com um pequeno exército. Na batalha de Wakefield, no dia 30 de dezembro, ele foi morto no campo e Edmund, de 17 anos, foi morto quando tentou escapar. Suas cabeças foram presas em estacas nos portões de York, Ricardo portanto uma jocosa coroa de papel.¹⁷

Langley (2013, p. 70) apresenta um relato do Abade Whethamstede – uma fonte próxima à Casa de York, que o duque de York certamente conhecia – descrevendo uma versão ainda mais angustiante dos ocorridos em Wakefield. No relato de Whethamstede, York foi capturado ainda vivo: “Eles o mantiveram em um formigueiro”, relatou o abade, “e colocaram em sua cabeça, como se fosse uma coroa, uma grinalda vil de juncos, assim como os judeus fizeram para com o Senhor, e dobrando o joelho diante ele, diziam em tom de brincadeira *Salve*

¹⁷ Traduzido pela autora. No original: “The duke of York came over from Ireland; and repairing to Westminster while the Parliament was there assembled, entered the sitting; after which, going up to the royal throne, he claimed the right of sitting there as belonging solely to himself.

As the chronicler wrote, in October Richard briefly actually claimed the throne for himself – surely the proudest moment for Proud Cis – but after negotiations this was scaled down to recognising him as heir, disinheriting Henry’s son, Edward. The resulting Act of Accord was a settlement that there was absolutely no chance the determined Queen Margaret would accept. She ordered her Scottish troops south.

In early December Richard, apparently seriously underestimating the size of the assembled Lancastrian forces, marched north with a small army. At the Battle of Wakefield, on 30 December, he was killed on the field, 90 Who was Richard? and the 17-year-old Edmund was slain as he attempted to escape. Their heads were stuck on spikes over the gates of York, Richard’s bearing a mocking paper crown.”

Rei, sem domínio. Salve Rei, sem ascendência. Salve o líder e o príncipe, sem súditos ou posses. E tendo dito isso juntamente com outras coisas vergonhosas e desonrosas, finalmente lhe cortaram cabeça”.¹⁸

2.2 RICARDO, DUQUE DE GLOUCESTER, LORDE PROTETOR E ALTO CONDESTÁVEL DA INGLATERRA

Langley (2013, p. 70) explana que as “imagens de martírio e profanação aterrorizaram toda a família York e tiveram um impacto particularmente forte sobre seu filho mais novo, Ricardo, que anos depois liderou o enterro formal de seu pai no local de descanso da família em Fotheringhay”¹⁹.

Já Grey Friars Research Team *et al.* (2015, p. 90) sustentam que, após a morte do duque de York:

Eduardo, com apenas 19 anos, era agora o líder da causa Yorkista, enquanto seus irmãos mais novos e sua irmã encontraram uma variedade de abrigos temporários com aliados, incluindo um período na Borgonha, na França. Seu status como politicamente inconvenientes e não particularmente bem-vindos aos hóspedes mudou espetacularmente em 1461.²⁰

O ano de 1461 se consolidou como um ano de mudanças para os York, que, embora derrotados na segunda batalha de St Albans em fevereiro – na qual Henrique foi libertado –, puderam manter Londres como sua base de poder, uma vez que as forças Lancasterianas falharam em sua luta pela cidade e foram forçados a recuar diante dos exércitos convergentes de Eduardo e Ricardo Neville, o conde de Warwick. Os Yorkistas os perseguiram, atravessando o rio Aire em 28 de março e atacaram no dia seguinte. Os dois lados estavam lutando por 10 horas em uma furiosa tempestade de neve quando a chegada de novas tropas sob o comando de João Mowbray, terceiro duque de Norfolk, enleou o moral dos Lancasterianos e dispersou suas fileiras. Os fugitivos foram massacrados impiedosamente pelos perseguidores ante ordens de

¹⁸ Traduzido pela autora. No original: “*They stood him on a little anthill, the abbot related, ‘and placed on his head, as if a crown, a vile garland made of reeds, just as the Jews did to the Lord, and bent the knee to him, saying in jest “Hail King, without rule. Hail King, without ancestry. Hail leader and prince, with no subjects or possessions.” And having said this, and various other shameful and dishonourable things to him, at last they cut off his head*”.

¹⁹ Traduzido pela autora. No original: “*These images of martyrdom and desecration appalled the whole of York’s family, and had a particularly strong impact upon his youngest son, Richard, who years later led the formal reburial of his father in the family resting-place at Fotheringhay*”.

²⁰ Traduzido pela autora. No original: “*Edward, still only 19, was now the leader of the Yorkist cause, while his younger brothers and sister found a variety of temporary shelters with allies, including a period in Burgundy in France. Their status as politically awkward and not particularly welcome guests changed spectacularly in 1461*”.

Eduardo.

Conforme a Encyclopaedia Britannica (2019c, p. 2) explica:

A causa Yorkista teria sido perdida se não fosse pelo filho de Ricardo, Eduardo, conde de March, que derrotou os Lancasterianos primeiro em Mortimer's Cross e depois em Towton Moor no início de 1461. Ele foi coroado rei em 28 de junho, mas datou-se seu reinado a partir de 4 de março, o dia em que os cidadãos e soldados de Londres reconheceram seu direito como rei.²¹

Após a coroação de Eduardo, as vidas de seus irmãos mais novos também se modificaram. Jorge e Ricardo foram ordenados Cavaleiros de Bath e Jorge tornou-se duque de Clarence. Em 1 de novembro, aos nove anos de idade, Ricardo tornou-se duque de Gloucester (ele nunca atendeu por Ricardo de York, título detido por seu pai). Langley (2013, p. 70) explica que, depois de seu ordenamento como duque, pouco se sabe sobre os anos seguintes da vida de Ricardo. Conforme ela relata, nos primeiros anos do reinado de seu filho Eduardo, “Cecília, cuja piedade era igualada por sua perspicácia política, ocupava agora uma posição dominante na corte Yorkista”²². Por essa razão, é provável que Ricardo tenha passado algum tempo com sua mãe em Fotheringhay e em sua residência em Londres no Castelo de Baynard.

O Grey Friars Research Team *et al.* (2015, p. 90) coloca que:

Ricardo, recompensado com títulos e propriedades perdidas pelos inimigos derrotados de Eduardo, permaneceu fiel a seu irmão durante os sucessos e revés das duas fases de seu reinado. Em 1464, quando a família foi dilacerada novamente, e Ricardo foi forçado a escolher entre seus irmãos, Eduardo ou Jorge – “o falso, o ignóbil Clarence” de Shakespeare – ele ficou ao lado de Eduardo.²³

1464 foi o ano em que Eduardo se casou secretamente com Elizabeth Woodville, uma união considerada uma catástrofe por muitos de seus conselheiros mais próximos. Na época, a mãe de Eduardo, Cecília Neville, duquesa de York, e o irmão dela, Ricardo Neville, conde de Warwick, estavam organizando uma aliança com a França baseada num casamento entre Eduardo e Bona de Savóia, cunhada do rei francês Luís XI.

Entretanto, o matrimônio com Elizabeth causou grande rancor da parte de Warwick, e sua ligação com Eduardo foi se desgastando cada vez mais, na medida em que os parentes da

²¹ Traduzido pela autora. No original: “The Yorkist cause would have been lost if it had not been for Richard’s son, Edward, Earl of March, who defeated the Lancastrians first at Mortimer’s Cross and then at Towton Moor early in 1461. He was crowned king on June 28, but dated his reign from March 4, the day the London citizens and soldiers recognized his right as king”.

²² Traduzido pela autora. No original: “Cecily, whose piety was matched by her political acumen, now held a commanding position at the Yorkist court”.

²³ Traduzido pela autora. No original: “Richard, rewarded with titles and estates forfeited by Edward’s defeated enemies, remained loyal to his brother throughout the successes and reverses of the two phases of his reign. In 1464, when the family was ripped apart yet again, and Richard was forced to choose between his brothers, Edward or George – Shakespeare’s ‘false, fleeting, perjure’d Clarence’ – he stayed by Edward.”

rainha eram mais favorecidos que ele e sua família. Diz-se que Elizabeth era famosa por sua beleza; no entanto, ela não era apenas um belo rosto, mas também uma mulher cuja família tinha sido defensora proeminente de Henrique VI e uma viúva cujo primeiro marido havia morrido na batalha contra Eduardo.

No que pode ter sido uma tentativa de aplacar a ira de seu antigo aliado, Langley (2013, p. 71) detalha que:

No outono de 1465, agora com doze anos, Ricardo fez um movimento muito importante para a casa de Ricardo Neville, conde de Warwick, conhecido na posteridade como “o Fazedor de Reis”, o aristocrata mais poderoso do reino. Em 1461, o apoio de Warwick à causa Yorkista foi uma importante contribuição para a vitória de Eduardo IV, e o rei agora o escolheu para ser o tutor de Ricardo.²⁴

Ainda segundo Langley (2013, p. 71):

Ricardo permaneceu com Warwick até que Eduardo IV o trouxe de volta à corte no início de 1469, logo após seu décimo sexto aniversário. A primeira carta sobrevivente composta por Ricardo, Duque de Gloucester, pode ser datada de 24 de junho de 1469. Foi escrita em Castle Rising, em Norfolk, onde Ricardo estava em peregrinação a Walsingham com seu irmão Eduardo IV. Ricardo, tendo deixado a tutela do conde de Warwick, estava agora amadurecendo, emocionalmente e em seu julgamento político. Ele relatou que havia recebido uma posição do rei no norte e precisava viajar para lá com alguma pressa. Ele estava com pouco dinheiro e pediu um empréstimo de 100 libras para ser pago na próxima Páscoa. O corpo principal da carta fora ditado a um funcionário da chancelaria. Mas o pós-escrito fora feito de próprio punho por Ricardo, e nele ele falava direta e comandativamente ao destinatário. “Sir John Say, ele declarou, eu peço a você que você não me falhe neste momento de minha grande necessidade, se assim quiser que eu lhe mostre meu bom senhorio no assunto pelo qual você me procurou.”²⁵

Não muito depois da escrita dessa missiva, uma notícia alarmante chegou à corte de Eduardo IV: o conde de Warwick havia dado início a uma revolta armada contra o rei. As queixas de Warwick contra os Woodvilles não podiam mais ser contidas. Segundo relato da Croyland Chronicle reproduzido por Langley (2013, p.72), a razão da rebelião era “o fato de que o rei, sendo muito influenciado pelas sugestões urgentes da rainha, bem como aqueles que

²⁴Traduzido pela autora. No original: “In the autumn of 1465, now aged twelve, Richard made a highly important move to the household of Richard Neville, Earl of Warwick, known to posterity as ‘the Kingmaker’, the most powerful aristocrat in the kingdom. In 1461 Warwick’s support for the Yorkist cause had been an important contributor to Edward IV’s victory, and the king now chose him to be Richard’s tutor.”

²⁵ Traduzido pela autora. No original: “Richard had remained with Warwick until Edward IV brought him back to court early in 1469, just after his sixteenth birthday. The earliest surviving letter composed by Richard, Duke of Gloucester can be dated to 24 June 1469. It was written at Castle Rising in Norfolk, where Richard was on pilgrimage to Walsingham with his brother Edward IV. Richard, having left the tutelage of the Earl of Warwick, was now coming of age, emotionally and in his political judgement. He related that he had been given a position by the king in the north, and needed to travel there in some haste. He was short of money, and asked for a loan of £100, to be repaid next Easter. The main body of the letter had been dictated to a chancery clerk. But the postscript was in Richard’s own hand, and in it, he spoke directly and commandingly to the recipient. ‘Sir John Say,’ he declared, ‘I pray you that you fail me not at this time of my great need, as you will that I show you my good lordship in the matter that you labour me for.’”

de alguma maneira estavam ligados a ela por sangue, os enriquecera com presentes ilimitados e sempre promovendo-os aos cargos mais dignos sobre sua pessoa”²⁶.

Um outro agravante da revolta do conde de Warwick foi a participação do irmão mais novo do rei. Em um ato claro de traição, Jorge, duque de Clarence se juntou à causa de Warwick, mas todas as fontes afirmam que Ricardo permaneceu leal a Eduardo. Em 26 de julho, os seguidores de Warwick derrotaram um dos principais defensores galeses do rei, Guilherme, Lord Herbert, em Edgecote, e pouco depois o rei foi capturado. No entanto, conforme detalha Langley (2013, p. 72) “Warwick não foi capaz de dominar Eduardo da mesma maneira que Ricardo, duque de York, manipulou Henrique VI em 1460. Eduardo foi libertado de sua prisão no castelo de Middleham no início de setembro de 1469, possivelmente após a intervenção de seu irmão Ricardo”²⁷.

Langley (2013, p. 72) elucida que, na sequência da soltura de Eduardo, seu irmão “Ricardo foi recompensado por sua lealdade com o importante cargo militar de condestável da Inglaterra, em outubro de 1469”²⁸. Mas segundo ela:

O acordo negociado entre o rei e Warwick era desconfortável e, em fevereiro de 1470, Warwick e Clarence estavam conspirando novamente. Em uma notável sequência de eventos, Eduardo expulsou Warwick e Clarence do país, apenas para enfrentar – seis meses depois – a mais improvável aliança de Warwick e da Rainha Margarida de Anjou, organizada pelo astuto rei francês Luís XI. Eduardo IV subestimou a seriedade dessa ameaça e, em outubro de 1470, ele e Ricardo foram forçados a fugir para a Holanda.

Warwick restaurou o rei lancasteriano Henrique VI, mantido prisioneiro na Torre de Londres; Eduardo negociou apoio militar suficiente de seu cunhado Carlos, duque de Borgonha, para reconquistar a coroa. Em março de 1471, sua pequena frota atracou em Yorkshire, aproveitando a neutralidade de Henrique Percy, que Eduardo havia restituído ao condado de Northumberland no ano anterior. Eduardo conseguiu se mover para o sul sem ser importunado e unir forças com Guilherme, Lorde Hastings, na região de Midlands. Quando o apoio de Eduardo ganhou força, Clarence sentiu que a maré estava se voltando contra Warwick, abandonou o conde e se submeteu a seu irmão.²⁹

²⁶ Traduzido pela autora. No original: “the fact that the king, being too greatly influenced by the urgent suggestions of the queen, as well as those who were in any way connected with her by blood, had enriched them with boundless presents and by always promoting them to the most dignified offices about his person”.

²⁷ Traduzido pela autora. No original: “Yet Warwick was not able to dominate Edward in the way that Richard, Duke of York had manipulated Henry VI in 1460. Edward was released from Middleham in early September 1469, possibly after Richard’s intervention”.

²⁸ Traduzido pela autora. No original: “Richard was rewarded for his loyalty with the important military office of Constable of England in October 1469”.

²⁹ Traduzido pela autora. No original: “Richard was rewarded for his loyalty with the important military office of Constable of England in October 1469. But the compromise brokered between the king and Warwick was an uneasy one, and by February 1470 both Warwick and Clarence were plotting again. In a remarkable sequence of events Edward first drove Warwick and Clarence out of the country, only to be faced – some six months later – by the most unlikely alliance of Warwick and the Lancastrian Queen Margaret of Anjou, arranged by the wily French king Louis XI. Edward IV underestimated the seriousness of this threat, and in October 1470 he and Richard were forced to flee, to Holland.

Conforme explica English Monarchs (2018, p. 1), “os exércitos de Eduardo e Warwick se encontraram pela última vez em Barnet em um lugar chamado Gladmore Heath”³⁰. Em suas palavras:

O exército de Warwick já estava em posição quando o exército de Eduardo chegou na noite de 13 de abril. O rei Eduardo posicionou suas tropas no escuro, com a intenção de repelir um ataque esperado ao amanhecer. O rei Yorkista posicionou Hastings à esquerda e seu fidedigno irmão mais novo, Ricardo, duque de Gloucester, com dezoito anos na época, para liderar o flanco direito. Enquanto Clarence lutava ao lado de Eduardo no centro, presumivelmente para ficar de olho nele. Um contingente de reservas foi mantido na retaguarda. No escuro, Eduardo IV calculou mal a distância entre seus homens e o inimigo, e aproximou-se muito mais de Warwick do que pretendia. Provou ser um erro afortunado, pois a artilharia dos Lancaster manteve uma barragem constante durante a noite, mas ultrapassou seus oponentes quase inteiramente.³¹

A guerra civil se mostrou uma dura escola, e até aquele ponto, os registros mostram que Ricardo se saiu bem. Como condestável, ele presenciou a vitória de seu irmão Eduardo em Barnet e na subsequente batalha de Tewkesbury que, segundo Castelow (2019, p. 1), “provou ser um dos encontros mais decisivos nas Guerras das Rosas”³². Após a sua derrota na batalha de Barnet no mês anterior, o exército Lancasteriano sob o comando do duque de Somerset buscava cruzar o rio Severn em Gales para unir forças com Jasper Tudor. Conforme Castelow (2019, p. 1) explana:

Ciente das manobras lancasterianas, o rei Eduardo IV partiu com 5.000 Yorkistas para interceptar e confrontar seu inimigo. Os Lancasterianos chegaram a Tewkesbury no dia 3 de maio; no entanto, em vez de correr o risco de serem pegos tentando a difícil travessia do rio, Somerset optou por enfrentar os Yorkistas.

[...]

Devido ao terreno, os Yorkistas tiveram dificuldades em avançar contra a posição dos Lancasterianos em qualquer ordem, e assim fizeram chover flechas e tiros sobre os que se defendiam.

[...]

Warwick restored the Lancastrian king Henry VI, held prisoner in the Tower of London; Edward negotiated for enough military support from his brother-in-law Charles, Duke of Burgundy to regain the crown. In March 1471 his small fleet landed in Yorkshire, profiting from the neutrality of Henry Percy, whom Edward had restored to the earldom of Northumberland the previous year. Edward managed to move south unmolested and join forces with William, Lord Hastings in the Midlands. As Edward’s support gathered momentum Clarence, sensing the tide was turning against Warwick, abandoned the earl and submitted to his brother”.

³⁰ Traduzido pela autora. No original: “The armies of Edward and Warwick met for the final time at Barnet at a place called Gladmore Heath”.

³¹ Traduzido pela autora. No original: “Warwick's army was already in position when Edward's army arrived on the evening of 13th April. King Edward positioned his troops in the dark, intending to repel an expected attack at dawn. The Yorkist king deployed Hastings on the left and his trusted youngest brother, Richard, Duke of Gloucester, aged eighteen at the time, to lead the right flank. while Clarence fought alongside Edward in the centre, presumably to keep a close eye on him. A contingent of reserves was kept at the rear. In the dark Edward IV misjudged the distance between his men and the enemy, and drew up much closer to Warwick than he had intended. It proved to be a fortunate error, for the Lancastrian artillery kept up a constant barrage during the night, but overshot their opponents almost entirely”.

³² Traduzido pela autora. No original: “proved to be one of the most decisive encounters in the Wars of the Roses”.

Embora Somerset tenha liderado um contra-ataque, os homens de Eduardo conseguiram segurá-los, empurrando lentamente os Lancasterianos de volta ao longo das sebes e bancos. O fim estava à vista quando as fileiras dos Lancasterianos se romperam e a maioria foi morta enquanto fugiam do campo até o rio, uma área ainda hoje conhecida como Prado Sangrento.³³

Para *Battlefields of Britain* (2019, p. 2), “as perdas dos Lancasterianos foram em torno de 2.000 homens”³⁴. A perda mais crucial fora a de Eduardo de Westminster, príncipe de Gales, único filho e herdeiro de Henrique VI. Se ele foi morto em batalha ou posteriormente assassinado é algo que os historiadores do período ainda dão como incerto. Shakespeare, em *Henrique VI*, Parte 3 (Ato V, Cena V), assevera que o desafiador jovem príncipe foi assassinado pelo duque de Clarence. Já *English Monarchs* (2018, p. 1) disserta que:

Uma versão alternativa foi dada por três outras fontes: *The Great Chronicle of London*, Polidoro Virgili e Edward Hall, que foi a versão usada por Shakespeare. Isso registra que Eduardo, tendo sobrevivido à batalha, foi feito prisioneiro e levado perante o rei Eduardo IV, que estava com Jorge, duque de Clarence; Ricardo, duque de Gloucester; e Guilherme, lorde Hastings. O rei recebeu o príncipe graciosamente e perguntou por que ele pegara em armas contra ele. O príncipe respondeu orgulhosa e desafiadoramente: “Eu vim para recuperar a herança de meu pai”. O rei então golpeou o príncipe em seu rosto com sua manopla e então, aqueles na presença do rei subitamente esfaquearam o príncipe Eduardo com suas espadas. O príncipe Eduardo foi enterrado na Abadia de Tewkesbury.³⁵

De qualquer modo, Eduardo IV sabia que, enquanto o príncipe vivesse, sempre haveria um rival capaz de gerar oposição ao seu domínio. Além disso, Eduardo de Westminster era neto de Henrique V, o grande rei guerreiro, cujas façanhas históricas eram muito mais apreciadas do que o reinado sombrio de Eduardo IV. Na perspectiva Yorkista, o príncipe de Gales não poderia deixar o campo de batalha vivo em hipótese alguma assim como seu aliado direto, o duque de Somerset.

³³ Traduzido pela autora. No original: “Learning of the Lancastrian manoeuvres, King Edward IV set off with 5,000 Yorkists to intercept and confront his enemy. The Lancastrians arrived at Tewkesbury on 3rd May; however rather than risk getting caught attempting the difficult river crossing, Somerset chose to give battle to the pursuing Yorkists.

Due to the terrain, the Yorkists found it difficult to advance on the Lancastrian position in any sort of order, and so showered the defenders with arrow and shot.

Although Somerset led a counter attack, Edward’s men managed to hold them, slowly beating the Lancastrians back along the hedges and banks. The end was in sight when the Lancastrian ranks broke and most were cut down as they fled the field down to the river, an area still known today as the Bloody Meadow”.

³⁴ Traduzido pela autora. No original: “The Lancastrian losses were in the region of 2,000”.

³⁵ Traduzido pela autora. No original: “An alternative version was given by three other sources: *The Great Chronicle of London*, Polydore Vergil and Edward Hall, which was the version used by Shakespeare. This records, that Edward, having survived the battle, was taken captive and brought before King Edward IV who was with George, Duke of Clarence; Richard, Duke of Gloucester; and William, Lord Hastings. The king received the prince graciously, and asked why he had taken up arms against him. The prince replied proudly and defiantly, “I came to recover my father's heritage.” The king then struck the prince across his face with his gauntlet hand and those present with the king then suddenly stabbed Prince Edward with their swords. Prince Edward was buried at Tewkesbury Abbey”.

Como condestável e homem de confiança de seu irmão, coube a Ricardo presidir o rápido julgamento e execução do duque, retirado do santuário da Abadia de Tewkesbury sob ordens de Eduardo IV em 6 de maio. É possível que Ricardo também tenha estado presente quando, em 7 de maio, a notícia da captura da rainha Margarida de Anjou e de seus partidários em Little Malvern Priory chegou aos ouvidos de Eduardo. Nas palavras de Rickard (2014, p.1), “a rainha Margarida era agora uma mulher destroçada – o filho que ela nutria e protegera por muito tempo, e que fora a principal esperança da Casa de Lancaster, estava morto e sua causa acabara”³⁶.

A batalha de Tewkesbury deveria ter terminado a Guerras das Duas Rosas, mas conforme Rickard (2014, p.1), “Eduardo enfrentou uma última crise. Thomas Neville, o bastardo de Fauconberg e comandante de uma frota Lancasteriana, iniciou uma revolta em Kent, Essex e Surrey, com um núcleo de tropas do governo de Calais. Ele ameaçava Londres, com o objetivo de libertar Henrique VI, e também ameaçar a rainha Elizabeth e o infante príncipe Eduardo”³⁷. Depois que seu cerco à cidade falhou, Fauconberg ainda tentou orquestrar um ataque mais resoluto, apenas para ser repellido. Ele permaneceu nos arredores de Londres até o dia 18 de maio, mas seu exército então se separou. Fauconberg voltou para sua frota, mas se rendeu em troca de um perdão. Rickard (2014, p.1) explica que:

Em 21 de maio, Eduardo fez uma entrada triunfante em Londres. Ricardo de Gloucester liderou o desfile em reconhecimento ao seu desempenho em Barnet e Tewkesbury, enquanto Margarida de Anjou trouxe a retaguarda em uma carruagem. Naquela noite, Henrique VI morreu na Torre, oficialmente de “puro desprazer e melancolia”, mas não houve dúvida na época que Eduardo o matou.³⁸

Daquele ponto em diante, Eduardo não enfrentou mais rebeliões armadas, já que a linha Lancasteriana havia praticamente se extinguido. O período relativo de paz que se seguiu após Tewkesbury permitiu não só um reinado comedido a Eduardo como abriu caminho para que Ricardo, tendo sido educado pelo conde de Warwick nos idos de 1460, se tornasse um candidato

³⁶ Traduzido pela autora. No original: “Queen Margaret was now a broken women - the son who she had nurtured and protected for long, and who had been the main hope of the House of Lancaster, was dead and her cause was over”.

³⁷ Traduzido pela autora. No original: “Edward placed one last crisis. Thomas Neville, the Bastard of Fauconberg, and commander of a Lancastrian fleet, had raised a revolt in Kent, Essex and Surrey, with a core of troops from the Calais government. He now threatened London, with the aim of freeing Henry VI, but he also threatened Queen Elizabeth and the infant Prince Edward”.

³⁸ Traduzido pela autora. No original: “On 21 May Edward made a triumphant entry into London. Richard of Gloucester led the parade in recognition of his performance at Barnet and Tewkesbury, while Margaret of Anjou brought up the rear in a carriage. That night Henry VI died in the Tower, officially from 'pure displeasure and melancholy', but there was no doubt at the time that Edward had had him killed”.

óbvio para assumir o papel do conde como tenente real no norte. Langley (2013, p. 73) reconta que:

Nos meses seguintes a Tewkesbury, Ricardo adquiriu o cargo pertencente a Warwick de servidor dirigente das partes do norte do ducado de Lancaster e ocupou as propriedades de Neville em Yorkshire e Cumbria. E para sublinhar sua posição como sucessor de Warwick, Ricardo casou-se com uma das filhas do conde, Ana Neville, pouco depois da Páscoa de 1472. Ele estava decidido a garantir sua parte legítima das propriedades de Warwick.³⁹

Todavia, novos contratemplos com o duque de Clarence voltaram a mazelar o rei e o duque de Gloucester. Casado com Isabel Neville – filha mais velha do conde de Warwick e irmã de Anna Neville, esposa de Ricardo –, Jorge lutou amargamente contra seu próprio irmão mais novo pela lucrativa herança dos Neville. Langley (2013, p. 73) reporta que a *The Croyland Chronicle* forneceu um relato vívido sobre o início do litígio:

Uma disputa começou durante o período da festa de São Miguel em 1472 entre os dois irmãos do rei que se mostrou muito difícil de resolver ... Tanta discórdia surgiu entre os irmãos, e tantos argumentos agudos foram apresentados, em ambos os lados, na presença do rei, sentado na câmara do conselho, que todos os presentes, mesmo advogados, se maravilhavam ... Na verdade, esses três irmãos, o rei e os dois duques, possuíam talentos tão notáveis que, se tivessem sido capazes de evitar a discórdia, esse tríplice vínculo só poderia ter sido quebrado com muita dificuldade.⁴⁰

Finalmente, em 1474, Eduardo IV intermediou um acordo que negava a reivindicação legítima do sobrinho de Warwick e herdeiro masculino mais próximo, Jorge Neville, duque de Bedford, e negava também os direitos da viúva de Warwick, Ana Beauchamp, que agora era tratada pelo acordo de Eduardo como se estivesse legalmente morta. Os direitos dela passaram para suas filhas e, portanto, para seus maridos Ricardo e Clarence. O acordo do rei permitiu que seus irmãos desfrutassem das terras que outrora pertenceram a Warwick e, nesse meio tempo, Ricardo começou a cultivar boas relações com antigos servos dos Neville e a criar uma poderosa afinidade com o norte.

³⁹ Traduzido pela autora. No original: “The upbringing with the Earl of Warwick in the 1460s made him an obvious candidate to take over the earl’s role as royal lieutenant in the north. In the months following Tewkesbury Richard acquired Warwick’s office of chief steward of the northern parts of the Duchy of Lancaster and occupied forfeited Neville estates in Yorkshire and Cumbria. And to underline his position as Warwick’s successor, Richard married one of the earl’s daughters, Anne Neville, shortly after Easter 1472. He was determined to secure his rightful share of Warwick’s landed estate”.

⁴⁰ Traduzido pela autora. No original: “A quarrel began during Michaelmas term 1472 between the king’s two brothers that proved very difficult to settle ... So much dissension arose between the brothers, and so many acute arguments were put forward, on either side, in the presence of the king, sitting in the council chamber, that all present, even lawyers, marvelled ... Indeed, these three brothers, the king and the two dukes, possessed such outstanding talents that if they had been able to avoid discord, such a triple bond could only have been broken with the utmost difficulty”.

Todavia, em 1475, Eduardo declarou guerra à França, desembarcando em Calais em junho. No entanto, seu aliado Carlos, o Audaz, duque de Borgonha, não conseguiu fornecer qualquer assistência militar significativa, o que levou Eduardo a realizar negociações com os franceses. Ele chegou a um acordo com o Tratado de Picquigny, que lhe proporcionou um pagamento imediato de 75.000 coroas e uma pensão anual de 50.000 coroas, permitindo-lhe recuperar suas finanças. Entretanto, como relata Langley (2013, p.17), “Ricardo mostrou seu descontentamento ao se abster do acordo”⁴¹. Lewis (2014a, p. 1) expõe que:

Muitos na Inglaterra também viram apenas desonra na capitulação do exército inglês. O mais proeminente entre eles era o irmão do rei, Ricardo, duque de Gloucester. Ricardo se recusou a participar das negociações e não estava presente na assinatura do Tratado em protesto contra o que ele considerava uma rendição desonrosa. Ricardo argumentou, possivelmente com alguma validade, que o rei tinha uma força maciça o suficiente para ganhar pelo menos uma batalha contra os franceses, enquanto eles ainda reuniam sua força total. Então, protestou Ricardo, o rei poderia negociar a mesma paz, se assim o desejasse, de uma posição de maior força e voltar para casa tendo conquistado o campo em solo francês e forçado-os a negociar possivelmente um acordo ainda melhor. Ricardo era minoria no conselho, e cada um dos presentes receberia uma pensão pesada da França também.⁴²

De volta à Inglaterra, Eduardo sustentou um governo de avença até que, no verão de 1477, seu irmão Clarence foi preso e levado a julgamento. Segundo English Monarchs (2018, p. 1), a prisão de Jorge está ligada ao seu casamento com Isabel Neville, que produziu dois filhos sobreviventes: uma filha Margarida, condessa de Salisbury (1475 – 1541) e um filho Eduardo, conde de Warwick (1475 – 1499). Para eles, quando “Isabel morreu em dezembro de 1476, dois meses depois de dar à luz a Ricardo, um filho que não viveu muito, Clarence tentou arranjar um grande casamento com Maria, herdeira da Borgonha e enteada de sua irmã Margarida, e para sua fúria, Eduardo IV novamente vetou os arranjos⁴³”. English Monarchs (2018, p. 1) rememora que:

Clarence, no que só pode ser descrito como um estado de espírito paranóico, convenceu-se de que sua esposa havia sido envenenada por uma criada, Ankarette Twynho, que foi imediatamente levada aos juízes de Warwick. A desafortunado Ankarette Twynho foi considerada culpado por um júri controlado por Clarence e

⁴¹ Traduzido pela autora. No original: “Richard showed his displeasure by absenting himself from the agreement”.

⁴² Traduzido pela autora. No original: “Many in England also saw only dishonour in the capitulation of the English army. Most prominent amongst them was the king’s brother Richard, Duke of Gloucester. Richard refused to attend the negotiations and was not present at the signing of the Treaty in protest at what he saw as a dishonourable surrender. Richard argued, possibly with some validity, that the king had a force strong enough to win at least one battle against the French while they still mustered their full strength. Then, Richard protested, the king could negotiate the same peace, if he so desired, from a position of greater strength and return home having won the field on French soil and forced them to negotiate possibly an even better settlement. Richard was in the minority on the council, each of whom were to receive a hefty pension from France too”.

⁴³ Traduzido pela autora. No original: “Isabel died in December 1476, two months after giving birth to a short-lived son, Richard, Clarence attempted to arrange a grand marriage with Mary, heiress of Burgundy, to his fury, Edward IV again vetoed the arrangements”.

enforcada. Foi relatado que Clarence alimentou rumores de que Eduardo era um bastardo, o produto de uma união ilícita entre a duquesa Cecília de York e um arqueiro, Blaybourne e que ele lançava dúvidas sobre a validade do casamento de Eduardo com a rainha, Elizabeth Woodville.

Seu irmão alarmado, o rei, em retaliação e como advertência, fez um membro da casa de Clarence, João Stacey, ser acusado de feitiçaria e o executou. Clarence, indignado, apareceu na câmara do conselho em Westminster, onde insistiu que um padre lesse a declaração de inocência de João Stacey. Acreditava-se que um levante simultânea em Cambridgeshire foi orquestrada por Clarence. Claramente tendo ido longe demais, Eduardo, sua paciência levada ao limite, acusou-o de agir acima da lei quando enforcou Ankarette Twynho e ele foi preso sob as ordens do rei e levado para a Torre sob acusação de alta traição, onde definhou por vários meses, o rei relutando em agir contra seu irmão.⁴⁴

Hicks (2019, p.2) complementa dizendo que:

O administrador de confiança de Clarence, Thomas Burdet, e dois astrólogos supostamente lançaram o horóscopo do rei, que, segundo a lei da época, configurava traição. Todos foram condenados e executados, Burdet declarando sua inocência. Clarence teve seu protesto lido no conselho real. Embora certamente tenha o direito de defender seu retentor, foi esse ato que lançou dúvidas sobre a justiça real que levou Eduardo a aprisioná-lo. Provavelmente foi só mais tarde que o caso Twynho entrou em jogo. A prisão de Clarence não pressupunha a pena de morte, nem constituía traição, nem o duque (até onde sabemos) estava implicado em quaisquer outras traições. No entanto, ele foi acusado, julgado e executado por traição em um parlamento especialmente convocado para este fim em janeiro de 1478. O ato de posse menciona várias ofensas, nenhuma delas realmente traiçoeiras, como o caso Twynho, reclamando contra o rei e sua pretensão de ser o herdeiro de Lancaster. Sem dúvida, a decisão de Eduardo estava relacionada aos acontecimentos de 1469-71, embora as ofensas de Clarence tivessem sido perdoadas e limpas. Crowland não considerou as acusações dignas de menção em seu elaborado relato. O ato sobrevivente tem a assinatura do rei - pode, de fato, já tê-lo dado antes de ser apresentado ao parlamento - e o rei liderou a promotoria, à qual Clarence não teve permissão de defesa. Crowland, que parece ter estado presente, achou o julgamento e o veredicto injustos. Assim também nossas outras fontes: “*were hee fautye were hee faultlesse*”; se “*a acusação foi fabricada ou se uma trama real foi revelada*”. Eduardo não conseguiu convencer os contemporâneos da culpa de seu irmão. A destruição de seu irmão – fraticídio – e um príncipe real pelo próprio Eduardo foi profundamente chocante.⁴⁵

⁴⁴ Traduzido pela autora. No original: “Clarence, in what can only be described as a paranoid state of mind, convinced himself that his wife had been poisoned by a servant, Ankarette Twynho, who was promptly brought before the justices at Warwick. The unfortunate Ankarette Twynho was found guilty by a jury controlled by Clarence and hanged. It was reported that Clarence fed rumours that Edward was a bastard, the product of an illicit union between Duchess Cecily of York and an archer, Blaybourne and that he cast doubts on the validity of Edward's marriage to the queen, Elizabeth Woodville.

His alarmed brother, the king, in retaliation and as a warning, had a member of Clarence's household, John Stacey, accused of witchcraft and executed. Clarence, outraged, appeared at the council chamber at Westminster where he insisted a priest read John Stacey's declaration of innocence. A simultaneous rising in Cambridgeshire was believed to have been orchestrated by Clarence. Clearly having gone too far, Edward, his patience tried to the limit, accused him of going above the law when he hanged Ankarette Twynho and he was arrested on the orders of the king and conveyed to the Tower on a charge of high treason, where he languished for several months, the king being reluctant to act against his brother”.

⁴⁵ Traduzido pela autora. No original: “Clarence's trusted retainer Thomas Burdet and two astrologers supposedly cast the king's horoscope, which, under contemporary law, was treasonable. All were convicted and executed, Burdet declaring his innocence. Clarence had his protestation read out at the royal council. Whilst surely right to stand up for his retainer, it was this act, which cast doubt on royal justice that prompted Edward to imprison him. Probably it was only later that the Twynho affair came into play. Clarence's arrest did not presume the death

Talvez fosse de se esperar que, devido à sua lealdade ao rei, que Ricardo houvesse concordado com as decisões que culminaram com a morte de Jorge. Mas Fields⁴⁶ postula que Ricardo estava bem ciente dos defeitos de Clarence, mas, apesar deles, sentia amor por seu belo e encantador irmão mais velho, o companheiro de sua infância. Segundo ele:

Mesmo os escritores geralmente hostis a Ricardo descrevem-no como tendo estado extremamente chateado com Eduardo pela ordem de executar Clarence. Eles relatam que Ricardo absteu-se da corte na época e se retirou para suas propriedades do norte em tristeza ou raiva. More afirma que Ricardo se opôs abertamente à execução de seu irmão, mas sugere que a oposição de Ricardo e seu pesar podem ter sido fingidos.

Mancini, no entanto – que não era simpatizante ricardiano – escreveu que Ricardo estava “tão sobrecarregado de pesar por seu irmão, que não conseguia dissimular tão bem, mas que foi ouvido dizer que um dia vingaria a morte de seu irmão”. Daí em diante, ele raramente aparecia na corte.⁴⁷

Não há quaisquer registros que corroborem a tese de vingança proposta por Mancini, o que se sabe é que o duque Clarence foi executado na Torre de Londres em fevereiro de 1478. Por mais absurda que seja, a única informação acerca da execução alude que ele foi afogado em um barril de vinho Malmsey e nenhuma versão que contestasse a citada acima nunca foi oferecida. Nos anos subsequentes, a *Encyclopaedia Britannica* (2019c, p. 1) registra que “o reinado de Eduardo também viu uma melhoria na aplicação da lei”⁴⁸. Até que, em 1482, ele apoiou Alexandre Stewart, 1º Duque de Albany e irmão do rei Jaime III da Escócia, que tentava assumir o trono escocês. Seguindo as ordens do irmão, Ricardo liderou uma invasão da Escócia que resultou na captura de Edimburgo e do próprio rei dos escoceses, mas Albany renegou seu

penalty, nor did it constitute treason, nor was the duke (so far as we know) implicated in any other treasons. Yet he was to be charged, tried and executed for treason in a parliament specially summoned for this purpose in January 1478. The act of attainder mentions a number of offences, none of them actually treasonable, such as the Twynho affair, railing against the king, and his claim to be the Lancastrian heir. No doubt Edward's decision was related to events in 1469-71, even though Clarence's offences then had been pardoned and wiped clean. Crowland did not consider the charges worthy of mention in his elaborate account. The surviving act bears the king's signature – may indeed have already borne it before presentation to parliament – and the king led the prosecution, to which Clarence was allowed no defence. Crowland, who appears to have been present, thought the trial and the verdict unjust. So too our other sources: 'were hee fauty were hee faultlesse'; whether '*the charge was fabricated or a real plot revealed*'. Edward failed to convince contemporaries of his brother's guilt. Edward's destruction of his brother – fratricide – and a royal prince was deeply shocking”.

⁴⁶ A revisão desta informação se encontra pendente devido à ausência de outras fontes que corroborem o relato exposto.

⁴⁷ Traduzido pela autora. No original: “Even writers generally hostile to Richard describe him as being extremely upset with Edward over the order to execute Clarence. They report that Richard withdrew from the court at the time and retired to his northern estates in sorrow or anger. More states that Richard openly opposed his brother's execution, but suggests that Richard's opposition and his grief may have been feigned.

Mancini, however—no Ricardian sympathizer—wrote that Richard was “so overcome with grief for his brother, that he could not dissimulate so well, but that he was overheard to say that he would one day avenge his brother's death. Thenceforth, he came very rarely to court”.

⁴⁸ Traduzido pela autora. No original: “Edward's reign also saw an improvement in law enforcement”.

acordo com Eduardo. Gloucester decidiu retirar-se de sua posição de força em Edimburgo, não sem antes conquistar Berwick-upon-Tweed.

Ainda em 1482, o rei francês Luís XI, a fim de chegar a um acordo com os governantes da Borgonha, tacitamente, repudiou o Tratado de Picquigny – firmado entre ele e Eduardo em 1475 – e o tributo anual proporcionado pelo acordo. É possível que Eduardo tenha contemplado uma nova invasão da França, mas em 9 de abril de 1483, antes que a incursão em solo francês pudesse ser realizada o rei veio a falecer, aos 40 anos.

Ante à morte de Eduardo IV, a Inglaterra novamente se via enfrentando a menoridade de um monarca, já que Eduardo V mal passara dos doze anos de idade quando o pai falecera. Não houve tempo para o reino se preparar para uma transição de poder e o jovem herdeiro deveria lidar com as facções formadas tão logo se noticiou o falecimento de Eduardo IV. Cada membro da corte acreditava possuir um papel importante a desempenhar no governo da Inglaterra. Havia a rainha e sua extensa família; a velha nobreza, representada pelo antigo conselho do rei, conselho este que incluía o amigo e camareiro do falecido rei, Guilherme, lorde Hastings; e seu irmão sobrevivente, Ricardo, que foi nomeado o Lorde Protetor.

Ashdown-Hill (2018, p. 2) rememora que, no que tange a conduta da rainha viúva:

Após a morte de Eduardo IV, com a ajuda de membros de sua própria família, ela tentou um golpe para se permitir agir como regente em nome de seu filho. Mas na Inglaterra do século XV, os poderes de regência sempre foram atribuídos ao príncipe vivo mais velho de sangue real – não à mãe. Assim, quando Eduardo IV morreu, segundo o costume inglês, o poder passou às mãos de seu irmão sobrevivente: Ricardo, duque de Gloucester.⁴⁹

Nos bastidores, se estabeleceu uma disputa pelo real controle da coroa, uma vez que, segundo Moorhen (2019, p. 2), “na época da morte de seu pai, o novo rei estava em Ludlow sob a tutela de seu tio materno, conde Rivers. A rainha mandou que eles fossem a Londres e que o rei fosse coroado sem demora”⁵⁰. Ela sustenta que lorde Hastings possivelmente enviou mensageiros para o norte para informar Ricardo da morte de seu irmão e pediu que ele viesse imediatamente a Londres. Em sua jornada rumo ao sul, o duque foi acompanhado pelo duque de Buckingham, um primo distante. Ao chegar em Northampton, Ricardo e sua comitiva

⁴⁹ Traduzido pela autora. No original: “Following Edward IV’s death, with the aid of members of her own family, she attempted a coup to enable herself to act as regent for her young son. But in 15th-century England, regency powers were always assigned to the senior living prince of the blood royal – not to the mother. Thus when Edward IV died, according to English custom, power belonged in the hands of his surviving brother: Richard, Duke of Gloucester”.

⁵⁰ Traduzido pela autora. No original: “At the time of his father's death, the new king was at Ludlow under the tutelage of his maternal uncle, Earl Rivers. The queen sent for them to come to London and for the king to be crowned without delay”.

reconheceram e prenderam conde Rivers. Seguindo então para Stony Stratford, onde o rei estava descansando, o Lorde Protetor efetuou mais três prisões e escoltou seu sobrinho para Londres. Em concordância com Moorhen (2019, p. 2):

A rainha, ao saber desses acontecimentos, retirou-se para o santuário da Abadia de Westminster com sua família. Eduardo V chegou a Londres em 4 de maio, dia em que sua coroação havia sido planejada, e o evento foi remarcado para 22 de junho. Ricardo e o conselho continuaram com os preparativos para a coroação e com o governo do país, mas em 13 de junho Ricardo anunciou que uma conspiração contra ele havia sido descoberta e acusou lorde Hastings de ser o instigador. Este último foi imediatamente executado e o arcebispo Thomas Rotherham, o bispo João Morton e Thomas, lord Stanley, foram presos.

Em 16 de junho, o irmão do jovem rei, Ricardo, duque de York, deixou o santuário na Abadia de Westminster e se juntou a seu irmão nos apartamentos reais da Torre. Em 22 de junho, o Dr. Ralph Shaa, irmão do prefeito, declarou aos cidadãos de Londres que o casamento do rei Eduardo IV com Elizabeth Woodville era ilegal. Isso foi devido a um pré-contrato de casamento entre Eduardo IV e lady Eleanor Butler e a natureza clandestina do casamento do rei com Elizabeth Woodville. Os filhos do casamento foram declarados ilegítimos e, portanto, impedidos de suceder ao trono da Inglaterra. Quatro dias depois, Ricardo foi aclamado rei da Inglaterra.⁵¹

2.3 RICARDO III

Ricardo foi coroado rei juntamente com sua esposa Ana no dia 6 de julho na Abadia de Westminster. Pouco depois, o casal empreendeu uma jornada pelo país, que terminou em York com a investidura de seu único filho Eduardo como príncipe de Gales. No outono de 1483, no entanto, o rei Ricardo sofreu um sério revés. Seu ex-partidário, o duque de Buckingham, envolveu-se em uma rebelião iniciada primariamente no oeste do país e em Kent. Nas palavras de Lewis (2014b, p.1), a rebelião de Buckingham foi:

A primeira séria ameaça ao reinado de Ricardo III veio em meados de outubro de 1483, apenas quatro meses após sua coroação. É difícil agora julgar corretamente a reação popular ao novo rei e sua tomada do poder, mas o fato de que uma ameaça tão real tenha surgido tão rapidamente aponta para algum descontentamento, mesmo durante o período de lua-de-mel. Como Ricardo estava percorrendo seu novo reino recusando presentes em dinheiro e contentando “as pessoas por onde quer que fosse,

⁵¹ Traduzido pela autora. No original: The queen, on hearing of these events, withdrew to sanctuary in Westminster Abbey with her family. Edward V arrived in London on 4 May, the day for which his coronation had been planned, and the event was rescheduled for 22 June. Richard and the Council continued with the preparations for the coronation and with the governance of the country, but on 13 June Richard announced that a plot against him had been discovered and accused Lord Hastings of being the instigator. The latter was immediately executed and Archbishop Thomas Rotherham, Bishop John Morton and Thomas, Lord Stanley, were arrested. On 16 June the young king's brother, Richard, Duke of York left sanctuary in Westminster Abbey and joined his brother in the royal apartments at the Tower. On 22 June Dr Ralph Shaa, brother of the mayor, declared to the citizens of London, that King Edward IV's marriage to Elizabeth Woodville was illegal. This was because of a pre-contract of marriage between Edward IV and Lady Eleanor Butler and the clandestine nature of the king's marriage to Elizabeth Woodville. The children of the marriage were declared illegitimate, and therefore barred from succession to the throne of England. Within four days Richard was acclaimed king of England.

melhor que príncipe algum já fizera”, como Thomas Langton, bispo de St. David disse em entusiasmo, outros eram claramente menos otimistas sobre o novo rei⁵².

À época, a insurreição recebera o apoio de um membro da casa de Lancaster, o exilado Henrique Tudor, que descendia do rei Eduardo III, através da família Beaufort. Tal família, composta pela prole bastarda de João de Gaunt – duque de Lancaster, e terceiro filho de Eduardo III –, havia sido legitimada pelo papa Bonifácio IX em 1397. Usando sua filiação, Tudor havia assumido o papel de representante da linha Lancasteriana e se tornara o foco de nobres e nobres ingleses descontentes como o duque de Buckingham.

O plano dos revoltosos era deflagrar o conflito no dia 18 de outubro, dia de São Lucas. As forças em Kent atacariam Londres pelo sudeste, chamando a atenção de Ricardo. Dessa forma, soldados vindos oeste do país, de Wiltshire e Berkshire, se juntariam ao exército galês de Buckingham que cruzaria o Severn. A força de mercenários bretões de Henrique Tudor desembarcaria em Devon e se moveria do oeste. Com a atenção de Ricardo voltada para Kent, seus inimigos fechariam o cerco para pegá-lo de surpresa e subjugar o rei devido à sua insatisfação para com os atos do monarca.

À medida que a festa de São Lucas se aproximava, a rebelião ganhava forma e se tornava uma ameaça real. Foi quando tudo começou a desmoronar para os lancasterianos. A rebelião era deveras dependente de seu planejamento e num descuido dos rebeldes em Kent que marcharam em direção a Londres no dia 10 de outubro por algum motivo desconhecido – oito dias antes do previsto –, João Howard, duque de Norfolk e amigo leal de Ricardo, que estava em Londres e viu os rebeldes, capturou o suficiente deles para obter detalhes da rebelião planejada para a semana seguinte.

Lewis (2014b, p.2) detalha que:

Ricardo III estava em Lincoln quando a notícia do início falso e do resto do plano lhe chegou em 11 de outubro. Ele convocou uma reunião em Leicester e partiu para esmagar o resto dos rebeldes que esperavam. Foram enviadas ordens para que as pontes sobre o Severn fossem destruídas para impedir que Buckingham deixasse o País de Gales e a região fronteiriça recebeu ordens para resistir a qualquer tentativa de Buckingham de atravessá-la.

Em 18 de outubro, o plano entrou em ação, mas o clima agora parecia trabalhar a favor do rei, sem dúvida um sinal do favor de Deus nos tempos em que os homens eram propensos a ver sinais sempre que possível. Uma tremenda tempestade atingiu a Inglaterra. Choveu por dez dias inteiros. O rio Severn estava avolumado e feroz,

⁵² Traduzido pela autora. No original: “The first serious threat to Richard III’s kingship came in mid October 1483, just four months after his coronation. It is hard now to properly judge the popular reaction to the new king and his seizure of power, but the fact that such a real threat came so swiftly points to some disaffection even during the honeymoon period. As Richard was progressing around his new kingdom refusing gifts of money and contenting *‘the people wher he goys best that ever did prince’*, as Thomas Langton, Bishop of St David’s enthused, others were clearly less upbeat about the new king”.

estourando em muitos pontos. Com as pontes fracas, Buckingham não conseguia encontrar travessia e seus aliados galeses, pouco espertos, ficaram felizes em abandoná-lo em favor de suas casas e lareiras.

No canal, a frota de Henrique Tudor havia sido dispersada pela mesma tempestade. Quando seu navio, possivelmente sozinho ou com no máximo um outro restante para lhe fazer companhia, finalmente chegou à costa sul, ele foi saudado por um grupo de soldados como um conquistador vitorioso. Buckingham, eles gritavam da costa, tivera sucesso e esperaram ansiosamente a chegada de Henry. Sempre astuto e desconfiado, não é difícil imaginar Henrique estreitando os olhos na chuva ao longo da costa. Se soasse bom demais para ser verdade, provavelmente era. Henrique virou seu navio e apontou de volta para Brittany. Sua cautela astuta sem dúvida salvou sua vida.⁵³

Finda a amotinação Lancasteriana, restava ao rei lidar com a traição do duque de Buckingham, uma vez que Henrique Tudor escapara sua captura. Não tardou até que a promessa de uma generosa recompensa fizesse com que o partidário Ralph Banastre delatasse Buckingham a Sir Jaime Tyrell, que acompanhou o duque até Salisbury. Buckingham teria supostamente implorado por uma audiência com seu antigo amigo, o rei. Porém, Ricardo se recusou resolutamente a receber o duque em sua presença. Lewis (2014b, p.2) descreve que

o sentimento de traição ficou evidente quando, ao noticiar a participação de Buckingham na rebelião, Ricardo escreveu de Lincoln a João Russell, bispo de Lincoln, solicitando que ele enviasse o Grande Selo, furioso em suas próprias mãos contra *a malícia daquele que tinha melhor causa para ser verdadeiro, o duque de Buckingham, a criatura mais falsa que vive*, acrescentando que *nós asseguramos que nunca houve traidor falso melhor provido*⁵⁴.

Fosse como fosse, Buckingham foi decapitado como traidor na praça do mercado de Salisbury em 2 de novembro. Todavia, os efeitos de sua sedição foram de grande alcance e o rei Ricardo passou a confiar mais em seus partidários do norte, colocando-os nas funções deixadas vagas pelos rebeldes. Pouco tempo transcorreu até que Henrique Tudor voltasse a

⁵³ Traduzido pela autora. No original: “Richard III was at Lincoln when news reached him on 11th October of the false start, and of the rest of the plan. He called a muster at Leicester and set out to crush the rest of the waiting rebels. Orders were sent for bridges over the Severn to be destroyed to prevent Buckingham from leaving Wales and the border region was ordered to resist any attempt by Buckingham to cross it.

On 18th October, the plan swung into action, but the weather now seemed to work in the king’s favour, no doubt a sign of God’s favour in the days when men were keen to see signs wherever possible. A tremendous storm battered England. It rained for ten solid days. The River Severn was swollen and ferocious, bursting its banks at many points. With bridges slighted, Buckingham could find no crossing and his less than keen Welsh levies were happy to desert him in favour of home and hearth.

In the Channel, Henry Tudor’s fleet had been scattered by the same storm. When his ship, possibly alone, at most with one other left for company, finally reached the south coast, he was hailed by a group of soldiers as a victorious conqueror. Buckingham had, they called from the shore, succeeded in full and now keenly awaited Henry’s arrival. Ever astute and suspicious, it is not hard to picture Henry narrowing his eyes in the driving rain just off the coast. If it sounded too good to be true, it probably was. Henry turned his ship about and aimed it back at Brittany. His shrewd caution doubtless saved his life”.

⁵⁴ Traduzido pela autora. No original: “The feeling of betrayal was plain when, at news of Buckingham’s part in the rebellion, Richard wrote from Lincoln to John Russell, Bishop of Lincoln, requesting that he send the Great Seal, raging in his own hand against *the malysse of hym that hadde best cawse to be trewe, th’Duc of Bokyngham, the most untrewre creatur lvyng*, adding that *We assure you ther was never false traytor better purvayde for*”.

incitar levantes contra o rei. No dia de Natal de 1483, na Catedral de Rennes, Henrique Tudor declarou sua intenção de se casar com a filha mais velha do rei Eduardo IV, a lady Elizabeth, quando se tornasse rei da Inglaterra. Ele então passou os dezoito meses seguintes planejando sua invasão.

O rei, nesse meio-tempo, convocou seu primeiro e único parlamento em janeiro de 1484. Embora pouco se saiba sobre a composição dos Comuns, é possível supor que Guilherme Catesby tenha sido escolhido para ser seu orador, uma escolha calculada para agradar ao rei, que já havia considerado Catesby um servo útil e ativo. Outras figuras importantes incluíam o Dr. Thomas Hutton, secretário do parlamento, e Thomas Barowe, um clérigo que esteve a serviço de Ricardo desde 1471, e que recebeu petições ao parlamento e fora nomeado o novo mestre dos cadernos. Para Sutton (2019, p. 1):

O único parlamento de Ricardo III foi aberto em 23 de janeiro de 1484, tendo sido adiado de 6 de novembro de 1483 como resultado da rebelião de Buckingham. Foi aberto por um discurso do chanceler Russell sobre o tema da paz; várias versões deste discurso sobrevivem, a primeira claramente feita quando Eduardo V ainda era rei e Ricardo de Gloucester era Lorde Protetor, isto é, Russell preparou-o para o primeiro parlamento que Eduardo iria realizar. Os principais assuntos perante a assembléia em 1484 foram a ratificação do título do novo rei, que foi realizado pelo ato que é conhecido como *Titulus regis*, e o embargo dos rebeldes com a confiscação formal e a posse de suas terras nas mãos do rei.⁵⁵

O reinado de Ricardo – embora descrito por Sutton (2019, p. 2) como tendo seguido os princípios estabelecidos para um príncipe e que permitem a Ricardo ser visto como o príncipe perfeito – foi ofuscado pela ameaça da invasão de Henrique Tudor e marcado por perdas pessoais. Perto do aniversário da morte de seu irmão Eduardo IV, o jovem Eduardo de Middleham – filho único de Ricardo e seu sucessor ao trono – veio a falecer em 1484. A rainha Ana morreu menos de um ano depois, em 16 de março de 1485.

Apenas meses após o passamento da esposa, um enlutado Ricardo se viu novamente às voltas com Henrique Tudor. Sua tão esperada expugnação aconteceu em 7 de agosto de 1485, quando Tudor desembarcou em Milford Haven, no País de Gales. O rei Ricardo mobilizou suas forças e, em 22 de agosto, rei e invasor se encontraram em Bosworth Fields, nas proximidades de Leicester. Apesar da superioridade do exército real, a batalha foi perdida quando as

⁵⁵ Traduzido pela autora. No original: “Richard III's only parliament was opened 23 January 1484, having been postponed from 6 November 1483 as a result of Buckingham's rebellion. It was opened by a speech from Chancellor Russell on the theme of peace; several versions of this speech survive, the first clearly made when Edward V was still king and Richard of Gloucester protector; that is, Russell had prepared it for the first parliament which Edward would hold. The main matters before the assembly in 1484 were the ratification of the new king's title, which was accomplished by the act which is known as the *Titulus regis*, and the attainder of the rebels with the formal forfeiture and seizure of their lands into the king's hands”

guarnições de soldados sob o comando de lorde Stanley desertaram na noite anterior ao embate, para se juntar às forças dos Tudor. Cercado por inimigos, Ricardo foi morto e sua coroa foi entregue a Henrique Tudor. Diz-se, então, que Ricardo Plantageneta foi o último rei da Inglaterra a morrer no campo de batalha.

A partir de todas as contradições na singular trajetória de Ricardo III, alia-se em seguida as discussões da correlação entre Narrativa e História de forma a aprofundar a análise entre discurso histórico e discurso shakespeariano.

3 APARATO TEÓRICO

Neste segundo capítulo, intentou-se traçar um panorama teórico de fundamentos do campo dos Estudos da Tradução e da Nova História. Foram problematizados, por meio dos caminhos anunciados pela Tradução e pela História, fatos e acontecimentos relativos ao contexto no qual se inserem os conceitos desenvolvidos neste trabalho. Os aportes teóricos que fizeram parte da fundamentação traduto-historiográfica serão expostos assim como serão abordadas as teorias propostas acerca de outras áreas do conhecimento conectadas ao objeto de estudo.

3.1 PARÂMETROS DA TRADUÇÃO E INTERTEXTUALIDADE PARA COMPREENDER O DIÁLOGO ENTRE TEXTOS

O campo dos estudos da Tradução, em comparação com outros campos de estudo dentro das Ciências Humanas e Sociais, fornece esteios que viabilizam análises sob óticas pouco exploradas. Em seu livro *Teorias Contemporâneas da Tradução*, Genzler (2009) relata que os primeiros grupos a trabalhar com uma abordagem sistêmica da tradução se originaram nos Países Baixos, Inglaterra e Israel, nos idos da década de 1970. É nesse contexto de surgimento de novas óticas de análise e de aprofundamento da complexidade tradutória que surgem teorias como a teoria dos *polissistemas*, de Itamar Even-Zohar (2013). Segundo Buescu (2009, p. 1):

A Teoria dos Polissistemas emerge, numa primeira fase, fundamentalmente com os estudos de Itamar Even-Zohar e mais tarde com Gideon Toury, Zohar Shavit e outros colaboradores do Porter Institute for Poetics and Semiotics da Universidade de Tel-Aviv de Israel. Esta teoria inclui aspectos resultantes dos pressupostos dos formalistas russos (Formalismo Russo) e outros apresentados por membros da Escola de Praga do Estruturalismo, desenvolvendo-se numa segunda fase também a partir das contribuições da semiótica da cultura, com nomes como Iuri Lotman, membro da Escola de Tartu.

Even-Zohar estruturou o *polissistema* como um sistema de sistemas nos quais o dinamismo dos elementos e suas posições relativas uns aos outros definem a posição de tendências, gêneros, escolas literárias, umas em relação às outras. Seguindo a lógica da teoria, a literatura é pertencente ao *polissistema* da cultura, que é heterogêneo, complexo e dinâmico, ao mesmo tempo que se caracteriza como um *polissistema* que se correlaciona com outros sistemas semióticos do *polissistema* cultural. Assim sendo, o *polissistema* de uma dada literatura nacional é considerado como um dos elementos de um *polissistema* sócio-cultural maior, que, por sua vez, inclui outros *polissistemas* além do literário, como o artístico, o

religioso ou o político. Nessa perspectiva, a literatura passa a ser considerada não somente uma simples coletânea de textos, mas um conjunto de fatores que governam a produção, a promoção e a recepção dos textos.

Menciona-se que uma das características distintivas dos sistemas componentes dos *polissistemas* é o tensionamento de forças, formando centros e periferias. São as constantes oscilações desse tensionamento que explicam, por exemplo, o relacionamento entre literaturas canonizadas e periféricas. Dentro do *polissistema* literário, repertórios identificados como canônicos são estabelecidos pelo grupo que detém o poder e são, portanto, associados a fundamentos como prestígio e status. Todavia, o repertório canônico não é o único presente. Estão também presentes no *polissistema* literário, alguns sistemas que são apontados como periféricos: o da literatura de massa; da literatura infantil; e geralmente da literatura traduzida, por exemplo.

Foi através da teoria dos *polissistemas* que se tornaram definíveis as razões que tornam um texto elegível para tradução em um certo contexto, se determinaram políticas e comportamentos resultantes de relações entre os vários sistemas da cultura e, como explana Even-Zohar (2013), “a posição específica e o papel dos tipos literários na existência histórica da literatura”. Complementando essa questão, Buescu (2009, p. 1) explica que:

A Teoria dos Polissistemas apresenta essencialmente aproximações sociológicas e convergentes com aquilo a que vulgarmente se entende na atualidade como campo literário, na medida em que se reconhece a existência de uma instituição literária, cuja autonomia é condição para pensar a sua interrelação com os outros sistemas. São estes, pois, os aspectos históricos da criação de uma teoria que simultaneamente deriva e se afasta da semiótica clássica. Com efeito, a assunção da existência dos polissistemas e toda a constelação de conceitos que lhe são inerentes (nuclear, periférico, tensional, primário, secundário, etc.) explicam a diferença fundamental entre tradução literária e literatura traduzida, explicitando também o dinamismo de certos momentos culturais.

Outro fator de grande relevância para a discussão dos *polissistemas* trata do caráter hierárquico, dinâmico e flexível dos sistemas. O aspecto hierárquico já foi abordado no que tange ao centro e à periferia dos sistemas. Já o fator de dinamismo estabelece que, cada nova inclusão a um sistema altera a posição relativa dos demais elementos constituintes. Por exemplo, a publicação de uma série de romances de temática distópica levou à revisitação das distopias clássicas de George Orwell e Aldous Huxley.

O elemento de flexibilidade lida com o fato de que um mesmo elemento pode integrar mais de um sistema, como no caso de uma obra lida por um viés psicológico ou literário, ou um livro adaptado para filme que integre sistemas literários e audiovisuais.

Essa discussão torna-se de particular relevância para a análise de uma obra literária de impacto tanto para o discurso histórico quanto para o sistema de peças históricas do próprio Shakespeare. Como explicam Licarião e Oliveira (2009, p. 1):

Não só de comédias e tragédias viveu William Shakespeare. Apesar de universalmente mais conhecidas, peças como Hamlet, Romeu e Julieta, e Otelo – para citar algumas destas –, ou Muito Barulho por Nada, Sonho de Uma Noite de Verão e A Megera Domada – para lembrar aquelas – compõem só uma parte do cânone do dramaturgo inglês. Nesses gêneros, observamos conflitos interpessoais bem delineados expressos, principalmente, por intermédio do amor, como é o caso das comédias, ou ainda a relação do homem com o universo, através de situações extremas em que são postos à prova o melhor e o pior do ser humano, principal característica das tragédias. Dentre as trinta e oito peças que Shakespeare escreveu durante seus 52 anos de vida, dez não se enquadram em nenhum desses dois gêneros já citados: são muito mais um retrato das preocupações do homem dos séculos XVI e XVII, da relação entre indivíduo e sociedade e da responsabilidade existente por trás de uma coroa. Nelas, a história da Inglaterra aparece como protagonista, principalmente através dos reis cujos nomes dão título a cada obra e dos eventos que marcaram seus respectivos reinados.

No caso específico da peça *Ricardo III*, pode-se dizer que a mesma alterou os discursos histórico e literário. Ainda de acordo com Licarião e Oliveira (2009):

A peça que Shakespeare dedicou a esse soberano “sentado sobre um monte de cadáveres” (MOURTHÉ, 2006), foi escrita por volta de 1592, e integra uma tetralogia de peças históricas conhecida como Ciclo da Guerra das Rosas. Após a Guerra dos Cem Anos travada entre Inglaterra e França, e da expulsão desta última das terras britânicas, tiveram início novos conflitos em solo inglês desta vez para decidir quem assumiria o controle do país. Duas famílias disputavam essa posição: os York, cujos membros usavam uma rosa branca em seus brasões, e os Lancaster, que ostentavam uma rosa vermelha. Este conflito se encerrou exatamente com Ricardo III, último dos York, que reinou de 1483 a 1485, quando foi derrotado pelo futuro rei Henrique VII – um Lancaster que se casou com Elizabeth de York e instaurou a paz com a fundação da dinastia Tudor (da qual deriva a Rainha Elizabeth I). Confusões familiares à parte, era nesse pé de guerra que se encontrava a Inglaterra quando Ricardo, o personagem de Shakespeare, entra em cena com sua retórica infalível e uma crueldade declarada. (LICARIÃO e OLIVEIRA, XXXX, p.1).

Considerando-se que Henrique VII, avô de Elizabeth I, tinha Ricardo como maior inimigo, era natural que Shakespeare retratasse o derrotado na Guerra das Rosas da maneira mais vilificada quanto fosse possível. O Ricardo teatral possui deformidades físicas e se gaba de suas falhas morais e expõe seus planos maléficis tão logo se vê só no palco. Fez-se então a associação entre Ricardo III e tudo de vil, maquiavélico, manipulador e sanguinário que pudesse existir. Extremamente talentoso em seus discursos, o Ricardo de Shakespeare choca a audiência com seus atos, mas suas palavras não escondem sua intenção: ascender ao trono à custa do sangue e vidas de quem quer que seja. Segundo Kiernan (1999, p. 79):

Para Shakespeare – e também para os historiadores modernos – todo um período está acabando em Bosworth, e uma nova era se iniciando. Como uma espécie de relações-públicas da rainha Elizabeth, Shakespeare dá aos acontecimentos finais uma aparência semi-religiosa. Seu sábio e experiente avô, Richmond – ou Henrique VII, o primeiro

Tudor –, torna-se um vencedor santificado [...]. Ele se mostra um verdadeiro matador de dragões ao tirar a vida de Ricardo em combate. Seu discurso final é uma denúncia de todos os futuros renovadores das “loucas” divisões da Inglaterra, que agora terminavam, dando lugar à paz e à abundância.

É a peça de Shakespeare que consolida toda uma noção de quem Ricardo era, conforme dito anteriormente, o monarca mais maligno e facinoroso da historiografia inglesa e tal representação se transpôs para outras obras literárias, teatrais, historiográficas que ganharam o mundo através da tradução.

Acerca do lugar ocupado pela literatura traduzida, Even-Zohar (2013) pondera que, embora o papel da tradução no estabelecimento das culturas nacionais seja reconhecido, pouca pesquisa a esse respeito teria sido realizada até a constituição de sua teoria. Considerando a essência da teoria dos *polissistemas*, pode-se dizer que Even-Zohar não era favorável à tendência em voga à época, de abordar obras literárias traduzidas de forma individual, como se fossem práticas isoladas. Nesse sentido, é possível afirmar que, em sua concepção, o conjunto da literatura traduzida deve ser observado de forma interrelacionada, conectando-os à cultura de partida e, principalmente, à cultura de chegada.

Even-Zohar (2012) aprofunda suas proposições a respeito da posição da literatura traduzida no polissistema literário ao argumentar que:

[...] as obras traduzidas estabelecem ao menos dois tipos de relações: (a) na maneira em que seus textos-fonte são selecionados pela literatura alvo, dentro de princípios da seleção que nunca deixam de ser relacionados com o co-sistema nativo da literatura-alvo (para se dizer da forma mais cuidadosa possível); e (b) na maneira em que adotam normas, comportamentos e políticas específicos –em suma, em seu uso do repertório literário –que resultam de suas relações com os outros co-sistemas nativos (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 3).

Assume-se, portanto, que as relações acima citadas não se restringem apenas ao nível linguístico, podendo manifestar-se em qualquer nível de seleção e que a existência do sistema de literatura traduzida no *polissistema* literário se justifica usando como base o argumento de que nenhum crítico literário ou acadêmico pode deixar de levar em conta o impacto das traduções e da sua função na sincronia e na diacronia de uma dada literatura. Em outras palavras, pode-se dizer que Even-Zohar (2012) concebe a literatura traduzida como um sistema bastante ativo dentro do polissistema e não apenas como um sistema integral dentro dele.

No que tange o fato de ser atribuído à literatura traduzida um papel periférico no estudo da literatura, os postulados de Even-Zohar buscam desconstruir a noção de que ela também ocupa permanentemente um papel periférico no *polissistema* literário. Para ele, “que a literatura traduzida se torne central ou periférica, e que essa posição esteja conectada com repertórios

inovadores (“primários”) ou conservadores (“secundários”), depende da constelação específica do polissistema a ser estudado.” (EVEN-ZOHAR, 2012, p.1).

Então, intui-se que foi através da teoria dos *polissistemas* e da escola de Estudos Descritivos da Tradução em que ela se insere, que se tornou possível investigar as traduções na sua relação sistêmica com o *polissistema* literário envoltório e, dessa relação, é possível dizer que a literatura traduzida pode ser inovadora ou conservadora, ocupando uma posição central ou periférica e que essa posição vai, naturalmente, afetar as normas tradutórias, as preferências literárias e a política editorial com respeito ao material traduzido.

Além disso, a teoria põe em voga a importância da literatura traduzida como sendo uma força primária criadora de novos elementos e modelos e ao mesmo tempo uma força secundária que reforça elementos e modelos estabelecidos no passado. Nas palavras de Even-Zohar (2012, p. 4):

Em situações em que emergem novos modelos literários, a tradução é propensa a se tornar um dos meios de elaboração do novo repertório. Através das obras estrangeiras, novas características (tanto princípios como elementos), até então inexistentes, são introduzidas na literatura alvo. Essas características possivelmente incluem não apenas novos modelos de realidades para substituir uma realidade anterior e estabelecida que já não é efetiva, mas também toda uma gama de outras características, como novas linguagens (poéticas), ou técnicas e padrões composicionais. Fica claro que os próprios princípios de seleção de obras a serem traduzidas são determinados pela situação que rege o polissistema (alvo): os textos são selecionados de acordo com sua compatibilidade com as novas abordagens e o papel supostamente inovador que podem assumir dentro da literatura alvo.

Uma situação como a descrita acima pode ter sua origem atrelada a três razões distintas: a primeira delas se dá quando uma literatura ainda se encontra em processo de se estabelecer e o *polissistema* ainda não se substancializou por completo; a segunda se dá quando, no íterim de um grupo maior de literaturas símile, se encontra uma literatura “periférica”, “fraca” ou ambas as coisas; e a terceira se dá quando ocorrem pontos de virada, crises ou vácuos literários em uma dada literatura. No caso das literaturas em estabelecimento, essas se beneficiam da experiência advinda de outras literaturas, e a literatura traduzida torna-se, dessa forma, um de seus sistemas mais importantes pois fornece os meios para tornar a jovem literatura funcional como linguagem literária e útil para seu público emergente. No caso das literaturas parcialmente assentadas, mas que não dispõe de muitos recursos e cuja posição dentro do *polissistema* é geralmente periférica, a literatura traduzida pode preencher uma lacuna gerada pelo não desenvolvimento de atividades literárias como as existentes em literaturas contíguas maiores e também serve como substrato para um repertório inexistente, que se faz necessário perante às literaturas adjacentes.

Em contrapartida, no caso de literaturas produzidas em países de menor peso no mapa literário mundial, Even-Zohar as coloca num patamar semelhante das literaturas periféricas do Ocidente, que, por influência de “culturas consideradas fortes” – como a estadunidense e a europeia –, veriam a tradução como força motriz responsável por alterar o seu sistema literário, suas normas tradutórias, suas preferências literárias e a política editorial com respeito ao material traduzido, coisa que não ocorre nas ditas culturas centrais. A literatura traduzida também se encontra no cerne de momentos sócio-históricos e culturais nos quais os modelos estabelecidos deixam de ser efetivos em razão das relações dinâmicas e mutáveis dentro dos *polissistemas*. Nesses pontos de virada, Even-Zohar (2012, p. 6) disserta que:

Mesmo em literaturas centrais, a literatura traduzida pode assumir uma posição central. Isso é ainda mais verdadeiro quando, num ponto de virada, nenhum item do estoque local é tido como aceitável, o que resulta num “vácuo” literário. Nesse vácuo, é fácil para que modelos estrangeiros se infiltrem, e a literatura traduzida pode, em consequência, assumir uma posição central.

Concluindo suas formulações, Even-Zohar (2012) esclarece que a hipótese de que a literatura traduzida pode ser um sistema central ou periférico não implica em que ela seja sempre inteiramente um ou outro. Para ele:

Como sistema, a literatura traduzida é por si só estratificada, e do ponto de vista da análise polissistêmica, é muitas vezes do alto de seu estrato central que todas as relações dentro do sistema são observadas. Isso significa que, enquanto uma parte da literatura traduzida pode assumir uma posição central, outra pode manter-se bastante periférica (EVEN-ZOHAR, 2012, p. 7).

Isto posto, depreende-se que a teoria dos *polissistemas* impactou o estudo da literatura em interface com aspectos sociais, históricos e culturais; uma vez que a teoria trata a literatura traduzida de forma integrada ao invés de deter-se na análise de textos traduzidos isolados, o que incute em uma abdicação da postura preceituada anteriormente em favor de uma postura descritiva acerca do campo da tradução.

A partir do advento da teoria de Even-Zohar, notou-se então o surgimento de novos esteios de análise derivados de inúmeras linhas de pensamentos e teorias desenvolvidos em outras áreas do conhecimento cujos reflexos alcançaram os estudos da tradução. Pode-se citar, dentre as linhas de pensamento influentes, os estudos culturais, campo de estudos resultante da insatisfação com algumas disciplinas e seus limites, no qual diversas outras disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea.

Este campo de estudos surge em meados da década de 1950 e passa a ser estruturado pelo *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em virtude da percepção de alteração

dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-Segunda Guerra Mundial. O foco da produção teórica dos estudos culturais, feita por autores como Homi Bhabha, Franz Fanon, Stuart Hall, dentre outros, era as relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, visando entender e tecer análises sobre fenômenos e conexões que não se faziam acessíveis através das disciplinas existentes à época. Conforme aponta Ecosteguy (1998, p. 89-90):

Aproximando-se do vasto campo das práticas sociais e dos processos históricos, os cultural studies preocuparam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e dos mass media que expressavam os rumos da cultura contemporânea. Tentaram redescobrir outras tradições teóricas sociológicas, deixando de lado o estruturo-funcionalismo norte-americano, pois este não dava conta de compreender as temáticas propostas. Acompanhando um movimento de resgate, iniciado dentro mesmo da sociologia (na Inglaterra do período em foco), foram sendo recuperadas, entre outras aproximações, as perspectivas da fenomenologia, da etnometodologia e do interacionismo simbólico.

Nos fundamentos dos estudos culturais, o que se entendia por cultura passou a ser definido como prática cultural histórica, o que ampliou sua noção e fez dela um ponto de conectividade entre as demais áreas adjacentes como a economia política, a crítica literária, a antropologia cultural, a teoria da comunicação, a fenomenologia de eventos culturais nas sociedades, entre outros. Nas palavras de Hall (1980b, p. 27):

Em termos gerais, foram aqui envolvidas duas etapas: primeiro, a mudança (para lhe dar uma especificação demasiado condensada) para uma definição “antropológica” de cultura - como práticas culturais; segundo, a mudança para uma definição mais histórica de práticas culturais: questionar o significado antropológico e interrogar a sua universalidade através dos conceitos de formação social, poder cultural, dominação e regulação, resistência e luta. Estes movimentos não excluíram a análise dos textos, mas trataram-nos como arquivos, descentralizando o seu assumido estatuto privilegiado - um tipo de evidência, entre outros.⁵⁶

Tendo como ponto de partida as estruturas sociais e o contexto histórico, os estudos culturais ampliaram o sentido de “cultura” de modo a incluir também as práticas cotidianas, a vida comum. Tal abertura contribuiu para que atividades consideradas marginais, e dentre elas estava a prática tradutória, começassem a ter espaço nos estudos acadêmicos.

Mas ressalta-se também, como fator chave no desenvolvimento dos estudos da tradução, a chamada “virada cultural” ou “cultural turn”, cujos teóricos introduziram uma reflexão sobre

⁵⁶ Traduzido pela autora. No original: *Broadly speaking, two steps were involved here: first, the move (to give it a too-condensed specification) to an ‘anthropological’ definition of culture – as cultural practices; second, the move to a more historical definition of cultural practices: questioning the anthropological meaning and interrogating its universality by means of the concepts of social formation, cultural power, domination and regulation, resistance and struggle. These moves did not exclude the analysis of texts, but it treated them as archives, decentering their assumed privileged status – one kind of evidence, among others.*

a atividade tradutória de um ponto de vista sócio-histórico e político-ideológico e fizeram com que elementos como o tempo, o espaço, a história e a cultura passassem a ser relevantes para a investigação da prática tradutória. Azenha Junior (2010, p. 39) explica que:

Por força dessa mudança, o centro de interesse na reflexão sobre o traduzir e sobre a avaliação de traduções desloca-se de uma visão de tradução centrada na língua, cujas raízes remetem à passagem do séc. XVIII para o séc. XIX sistematizada pela influência do estruturalismo, para uma visão que, seguindo os passos da teoria da comunicação, concebe cultura como um fenômeno abrangente, que abarca todas as manifestações de um povo num ponto específico de um eixo espaço-tempo, estabelece uma relação de condicionantes recíprocas entre linguagem e cultura e inclui os elementos constitutivos da comunicação numa dada situação: emissor, receptor, meio entre outros.

Dentre os estudiosos da tradução que emergiram após a “virada cultural”, destaca-se André Lefevere (1992, p. 142) e suas proposições:

Tenho três observações básicas a fazer. Uma é que a comparação entre textos originais e traduzidos pode nos fornecer valiosos conhecimentos sobre os condicionalismos sob os quais a literatura é produzida. A segunda, que esta mesma comparação pode revelar muito do que está, ou certamente perto do centro da literatura comparativa, nomeadamente as estratégias que uma dada cultura utiliza para admitir, aceitar, integrar, excluir, recusar, rejeitar o que outras culturas têm para oferecer. A terceira tem a ver com a função da literatura traduzida dentro do quadro mais amplo da literatura, uma cultura considera a sua própria.⁵⁷

Pode-se dizer então, que havia um propósito para Even-Zohar estabelecer na Teoria dos *Polissistemas* que uma literatura nacional se encontra dentro de um sistema mais complexo, que é o sistema cultural. Assim sendo, a literatura traduzida ganha importância quando está diretamente relacionada com outros elementos que, igualmente, fazem parte do sistema e definem a sua importância e a sua identidade em relação a outros sistemas de uma dada cultura. O mesmo acontece com os sistemas de literatura, seja ela nacional ou traduzida, que se relacionam com outros sistemas no interior e no exterior do sistema cultural, ou seja, fazendo com que os Estudos da Tradução também se relacionem com outras áreas do conhecimento.

Um outro conceito defendido por Lefevere (1992) é de extrema relevância para os Estudos da Tradução, pois auxilia a explicar como se dão as relações de poder e influência entre os integrantes do *polissistema* literário. Trata-se da noção de reescrita⁵⁸, tida pelo autor

⁵⁷ Traduzido pela autora. No original: I have three basic points to make. One is that the comparison between original and translated texts can give us valuable insights into the constraints under which works of literature are produced. The second, that this same comparison can tell us much that lies at, or certainly near the center of comparative literature, namely the strategies a given culture uses to admit, embrace, integrate, screen out, refuse, reject what other cultures have to offer. The third has to do with the function of translated literature within the wider framework of the literature a culture consider its own.

⁵⁸ O termo *rewriting* foi traduzido em português tanto como *reescrita* como *reescritura*. Isso se deve às interfaces da obra de Lefevere tanto com os Estudos Culturais quanto com os Estudos Pós-estruturalistas.

como força motriz por trás da evolução literária. Para ele, a tradução é um dos elementos formativos do sistema de reescrita, que inclui compilações, livros didáticos, adaptações, dentre outras formas. Ele afirma que:

Produzindo traduções, histórias da literatura ou suas próprias compilações mais compactas, obras de referência, antologias, críticas ou edições, reescretores adaptam, manipulam até um certo ponto os originais com os quais eles trabalham, normalmente para adequá-los à corrente, ou a uma das correntes ideológica ou poetológica dominante de sua época. (LEFEVERE, 1992, p. 23)

Já a reescrita, atrelada a um contexto ideológico, é responsável pela composição e disseminação de uma obra e pelo desenvolvimento de literaturas. Segundo o autor, é através das reescritas feitas de determinado texto que o mesmo se estabelece no interior dos *polissistemas* literários:

No passado, assim como no presente, reescretores criaram imagens de um escritor, de uma obra, de um período, de um gênero e, às vezes, de toda a literatura. Essas imagens existiam ao lado das originais com as quais elas competiam, mas as imagens sempre tenderam a alcançar mais pessoas do que o original correspondente e, assim, certamente o fazem hoje. (LEFEVERE, 1992, p.19).

Dessa forma, pode-se dizer que as obras reescritas atuam como ponte entre leitores profissionais e não profissionais, visto que “o leitor não-profissional mais frequentemente deixa de ler a literatura tal como ela foi escrita pelos seus autores, mas a lê reescrita por seus reescretores” (LEFEVERE, 1992, p. 18).

Todavia, deve-se mencionar que o conceito de reescrita atrela-se às proposições de Hermans (1985), outro teórico dos Estudos da Tradução, que define a mesma como um processo de manipulação ideológica do texto-fonte baseada em valores e princípios do contexto de recepção da tradução. Nesse sentido, toda reescrita é parte de um processo de manipulação, conforme explicitado no prefácio de todos os livros que integram a série Translation Studies:

Toda reescrita, qualquer que seja sua intenção, reflete uma certa ideologia e uma poética e, enquanto tal, manipula a literatura, de modo a que ela funcione, em uma dada sociedade, de determinada maneira. Uma reescrita é uma manipulação, feita a serviço do poder. (LEFEVERE, 2007 [1992], p. 11-12)

Ainda no que tange a temática do poder, vale ressaltar que Lefevere (1992) destaca a existência de três esferas de legitimação: a econômica, ligada ao volume de vendas e aspectos editoriais; a ideológica, relacionada a elementos políticos, religiosos e afins; e a esfera de conhecimento específico, representada pelo campo acadêmico, publicações especializadas e outros elementos sistematizados por especialistas.

Dentro da perspectiva polissistêmica também os campos do conhecimento e as esferas de legitimação estão em constante diálogo e se influenciam mutuamente. A Tradução e a História, enquanto disciplinas que reconstróem e redimensionam o passado, podem ser consideradas representantes desse movimento conforme discutiremos no item a seguir.

3.2 QUANDO SE FALA DA HISTÓRIA

Apresentada em 1978, a expressão “Nova História” nasceu, de acordo com Peter Burke, com a fundação da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, atrelada à chamada *École des Annales*, tendo a expressão sido criada para “promover uma nova espécie de História” (BURKE, 1997, p. 11). Pode-se considerar a “Nova História” como a história escrita como uma reação deliberada contra o “paradigma” tradicional proposto pelo historiador de ciência estadunidense Thomas Kuhn. Este paradigma associa-se à visão do senso comum da história, usado com frequência para caracterizar a maneira de se fazer história, ao invés de ser percebido como uma dentre várias abordagens possíveis do passado.

Para Jacques Le Goff (1998), um dos fundadores da “Nova História”, aqueles ligados a esse movimento buscaram construir “uma história do poder sob todos os seus aspectos, nem todos políticos, uma história que inclua notadamente o simbólico e o imaginário” (LE GOFF, 1998, p. 8). Nota-se, então, que um dos objetivos da “Nova História” seria buscar dialogar com as demais ciências: filosofia, antropologia, sociologia, literatura, geografia, psicologia etc., além de voltar-se para si e para a análise da própria história.

3.2.1 História e Narrativa

Em seu livro *História e Memória* Le Goff (1992), afirma que “a história de início era um relato emitido por uma testemunha do fato. Hoje, o simples relato é mudado para uma explicação do evento.” (LE GOFF, 1992, p.8). Ainda segundo o autor, “a tomada de consciência da construção do fato histórico, da não-inocência do documento lançou uma luz reveladora sobre os processos de manipulação que se manifestam em todos os níveis da constituição do saber histórico.” (LE GOFF, 1992, p.11). Assim sendo, pode-se afirmar que a História se caracteriza por ser uma prática social, uma questão política, e a leitura que se faz do mundo através do viés histórico se articula sobre uma vontade de transformá-lo.

Cardoso (2000), no que lhe concerne, coloca que a relação entre Narrativa e História é um debatismo a ser considerado, em parte devido ao que tange a reconstrução histórica da

sociedade, ou seja, como se percebe e se representam os tempos históricos e em parte devido à forma que a escrita de uma história a ser reconstruída pode assumir. Para ela, “a forma de escrever a história não é indiferente aos modos de percepção dos tempos históricos das sociedades, mesmo quando estes não sejam colocados em evidência por aqueles que realizam o trabalho da sua escrita” (CARDOSO, 2000, p. 3).

Ressalta-se que tal relação pode tornar-se um problema quando são feitas análises que se embasam nos tempos presentes e também para análises que buscam reconstruir um recorte histórico do passado. Ao se considerar que uma das tarefas básicas do historiador é realizar a investigação das transformações temporais que resultam em uma ordem da escala temporal em períodos e épocas, atribui-se a ele o ônus do questionamento das ferramentas intelectuais usadas para direcionar sua visão e suas antelações em relação aos modos de representação.

Surge daí o que Cardoso (2000) descreve como um dos debates contemporâneos na historiografia que é a “volta da narrativa” em História, um assunto permeado por diversos entendimentos acerca de como se relacionam as maneiras de se pensar a História e como construí-la. Para ela:

A formulação do tema a “volta da narrativa” já é em si mesma expressiva da questão aí envolvida, evidenciada pela posição de Le Goff no Prefácio à História Nova (cf. Le Goff, 1990, p. 6-7), que entende este retorno como o que teria sucedido à morte da “história-narrativa”, que era entendida como o factual que se dispunha cronologicamente na forma do relato, morte esta já efetivada pela Escola dos Annales desde os anos 30, que inaugura a “história problema”, concebida como a “história aberta para as outras ciências sociais, a história que não se encerra na narrativa” (Le Goff, 1990, p. 6). Segundo Le Goff, a “história-narrativa” seria “um cadáver que não se deve ressuscitar, porque seria preciso matá-lo outra vez”, porque “dissimula, inclusive de si mesma, opções ideológicas e procedimentos metodológicos que, pelo contrário, devem ser enunciados” (LE GOFF apud CARDOSO, 2000, p. 4).

A história-narrativa caracteriza-se como uma sequência de eventos explicados por seus fins. Em outras palavras, para a história-narrativa, aquele que a conta se situa no término dos acontecimentos narrados, o que rompe o elo entre os tempos do narrador e da narração. E o surgimento da história-problema contrabalança sua predecessora ao exigir a “conceptualização dos objetos de sua investigação”, a sua integração “numa rede de significações”, tornando-os, portanto “se não idênticos, pelo menos comparáveis num dado período de tempo” (Furet, [19--?], p. 84)

Cardoso (2000) atenta para o posicionamento de Chartier (1990), para quem a oposição entre história-narrativa e história-problema colocaria em contraste “as explicações sem relato e os relatos sem explicação” (1990, p. 82). Conforme coloca ela:

No âmbito desta oposição a volta da narrativa estaria sendo entendida como a renúncia às explicações coerentes e científicas e à descrição estrutural das sociedades. Colocando-se numa posição que procura sair desse diagnóstico que considera simplificador, Chartier reconhece, a partir das análises de Paul Ricoeur, em *Tempo e Narrativa* (Ricoeur, 1994, 1995, 1997), o que considera a “plena pertença da história, em todas as suas formas, mesmo as mais estruturais, ao domínio da narrativa”. Toda a “escrita propriamente histórica” construir-se-ia na forma do relato ou da encenação de uma ou várias intrigas, cuja construção seria fruto do trabalho de uma “configuração narrativa” (Chartier, 1990, p. 81). “Em virtude desse fato, a história é sempre relato, mesmo quando pretende desfazer-se da narrativa, e o seu modo de compreensão permanece tributário dos procedimentos e operações que assegurem a encenação em forma de intriga das ações representadas”. Este modo de compreensão histórica não excluiria a “inteligibilidade”, porque seria construído no e pelo próprio relato, pelos seus ordenamentos e pelas suas composições (CHARTIER apud CARDOSO, 2000, p. 4)

Assim sendo, um recurso para o embate entre as premissas da construção histórica se encontra nos pressupostos teóricos de Veyne (2005), cuja visão da narrativa histórica era estatui-la como um “romance real”.

3.2.2 A História como um “romance real”:

Considerando o contexto de oposição entre a história-narrativa e a história-problema, Veyne (2005) inicia suas proposições ao questionar o que é a história:

O que é a história? A julgar pelo que ouvimos à nossa volta, é indispensável que a questão seja recolocada. [...] não é um debate em vão o de se saber se a história é uma ciência, pois “ciência” não é uma palavra sagrada, mas um termo preciso, e a experiência mostra que a indiferença pela discussão sobre termos é, frequentemente, acompanhada por uma confusão de ideias sobre a própria coisa. Não, a história não tem método: tentem pedir que lhes demonstre seu método. Não, ela não explica coisa alguma, se é que a palavra explicar tem sentido [...]. Não basta afirmar, mais uma vez, que a história fala “daquilo que jamais se verá duas vezes;” também não se trata de pretender que ela é subjetividade, perspectivas, que interrogamos o passado a partir de nossos valores, que os fatos históricos não são coisas, que o homem se compreende e não se explica, que dele, não é possível haver ciência. [...] A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; ela não explica e não tem método; melhor ainda, a História da qual muito se tem falado nesses dois últimos séculos não existe. [...] Os historiadores narram fatos reais e têm o homem como ator; a história é um romance real (VEYNE, 2005, p. 11-12).

Para ele, a história lidava principalmente com feitos distintivos e irrepisáveis e que, por ser dependente da parcialidade do sujeito em relação ao conhecimento histórico e por buscar clarificar a produção desse mesmo conhecimento, não seria possível considerar sua capacidade de produzir como científica dado que a história não dispunha de um método e não fornecia clarificações como as demais ciências forneciam. Na visão de Veyne (2005), a história deveria se enquadrar no campo das narrativas por ser o que ele denominou “romance real”. A história

seria, dessa forma, uma narrativa de eventos efetivamente acontecidos, ao contrário dos acontecimentos das narrativas ficcionais.

Além disso, o autor ressaltou que “em nenhum caso, o que os historiadores chamam de um evento é apreendido de maneira direta e completa, mas sempre incompleta e lateralmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios” (VEYNE, 2005, p. 18). O documento seria então peça chave para ser possível aos historiadores construir o “romance real”, já que a história constituía-se como um “conhecimento por meio de documentos”. Ainda que os documentos fornecessem uma conexão apenas parcial e oblíqua a acontecimentos pretéritos, esses eram imprescindíveis na criação romaneada do passado. Veyne (2005) pontuou ser precisamente devido a esse vínculo segmentário e mediato que se dá o caráter narrativo dos fundamentos históricos com os quais o historiador trabalha para recriar o passado:

A história é uma narrativa de eventos: todo o resto resulta disso. Já que é, de fato, uma narrativa, ela não faz reviver esses eventos, assim como tampouco o faz o romance; o vivido, tal como ressaí das mãos do historiador, não é o dos atores; é uma narração que permite alguns falsos problemas. Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto a nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos (VEYNE, 2005, p. 18).

Entende-se, portanto, que a história, no decorrer de sua concepção, se constituía de seleções, simplificações, arranjos de ideias e acontecimentos que resultavam numa síntese de períodos e eventos históricos acomodados em poucas palavras e parágrafos. Portanto, é dada ao historiador a liberdade de delimitar o seu objeto de pesquisa e organizar à sua maneira os elementos com os quais deseja reconstruir determinado período ou acontecimento histórico. Segundo Veyne (2005), tudo relativo à interinidade do passado é desprovido de nexos acurados, coerentes e autóctones:

Os fatos não existem isoladamente, no sentido de que o tecido da história é o que chamaremos de uma trama, de uma mistura muito humana e muito pouco “científica” de causas materiais, de fins e de acasos; de uma fatia da vida que o historiador isolou segundo sua conveniência, em que os fatos têm seus laços objetivos e sua importância relativa (...). A palavra trama tem a vantagem de lembrar que o objeto de estudo do historiador é tão humano quanto um drama ou um romance (...). Essa trama não se organiza, necessariamente, em uma sequência cronológica; como um drama interior, ela pode passar de um plano para outro (...). A trama pode se apresentar como um corte transversal dos diferentes ritmos temporais, como uma análise espectral: ela será sempre uma trama porque será humana, porque não será um fragmento de determinismo. (...) Quais são, pois, os fatos dignos de suscitar a atenção do historiador? Tudo depende da trama escolhida, um fato não é nem interessante, nem o deixa de ser (VEYNE, 2005, p. 42- 43).

Ainda segundo Veyne (2005, p. 45), “o historiador escolhe, livremente, o itinerário para descrever o campo factual, e todos os escolhidos são válidos (mesmo que não sejam tão

interessantes)”. Para o autor, uma premissa primordial para o estabelecimento da trama e por consequência do “romance real” estabelece que a mesma fosse compreensível e é através do seu conceito de explicação:

A explicação histórica não é nomológica, é causal; como causal, contém algo de geral: o que não é coincidência fortuita tem vocação para se reproduzir; mas não podemos dizer exatamente nem o que se reproduzirá, nem em que condições. Em face da explicação, que é própria das ciências físicas ou humanas, a história aparece como uma simples descrição do que se passou; explica como as coisas aconteceram, faz compreender. (VEYNE, 2005, p. 134).

Deste ponto em diante, Morais (2018) destaca que:

Conforme Paul Veyne, o “romance real” produzido pelos historiadores constitui-se num conhecimento indireto, incompleto, lacunar, de natureza sublunar e profundamente caracterizado pela subjetividade do produtor do conhecimento histórico, que por meio de uma trama/intriga faz incidir foco em determinada temporalidade pretérita sob determinado ponto de vista e espaço de experiências. Entretanto, também é válido ressaltar que Veyne, mesmo ressaltando que a história não seria uma ciência, não se constitui num inimigo irremissível daqueles que postulam a cientificidade do conhecimento histórico pautando-se na noção de compromisso do historiador com a verdade. (MORAIS, 2018, p.8).

Pode-se inclusive mencionar que a tal construção de conhecimento histórico, em que a subjetividade do historiador interfere no produto final pode desencadear fenômenos como a história assumindo o lugar de mitos e teologias de períodos antigos.

3.2.3 A História como Mito

De acordo com Certeau (2011, p. 53-54):

A história cairia em ruínas sem a chave de abóbada de toda a sua arquitetura: a articulação entre o ato que propõe e a sociedade que reflete; o corte, constantemente questionado, entre um presente e um passado; o duplo estatuto de um objeto, que é um “efeito do real” no texto e o não-dito implicado pelo fechamento do discurso. Se ela deixa seu lugar – o limite que propõe e que recebe – ela se decompõe para ser apenas uma ficção (a narração daquilo que aconteceu) ou uma reflexão epistemológica (a elucidação de suas regras de trabalho).

Ele acrescenta que a história se encontra na estremadura das retenções impostas a ela; a história não é nem a narrativa de caráter ficcional tampouco é parte da lógica que estuda os critérios, princípios ou conceitos que determinam a verdade de uma proposição. O historiador encontra-se também em uma confluência semelhante, principalmente por trabalhar com a ambivalência que designa o nome de sua disciplina. A história não pode desvincular sua prática e seu objeto de análise enquanto se incumbe de precisar o fazer histórico.

Certeau (2011) afirma que essa é a razão que levou a história a suplantar os mitos primitivos e estudos da existência de deuses, das questões referentes ao conhecimento das divindades, assim como de sua relação com o mundo e com os homens. Dessa forma, e através dos vieses político, social e científico, a história se definiu como uma prática equilibrada de suas relações consigo própria e com outras sociedades. O que se relata dessas relações permite a nossa sociedade contar seus próprios acontecimentos graças à história. Esse relato “funciona como o faziam ou fazem ainda, em civilizações estrangeiras, os relatos de lutas cosmogônicas, confrontando um presente a uma origem.” (CERTEAU, 2011, p. 54).

Destaca-se que:

Essa localização do mito não aparece apenas com o movimento que leva as ciências “exatas” ou “humanas” em direção à história (que permite aos cientistas se situarem num conjunto social),⁵⁸ ou com a importância da vulgarização histórica (que torna pensável a relação de uma ordem com a sua mudança, ou que a exorcizar, na base de: “Foi sempre assim”), ou ainda com as mil ressurgências da genial identificação, estabelecida por Michelet, entre a história e a autobiografia de uma nação, de um povo ou de um partido. A história tornou-se nosso mito por razões mais fundamentais, do que as resumidas em algumas das análises precedentes.

O que o discurso histórico estabelece é uma identidade social calcada na diferença existente com outras sociedades e outras épocas, ele pressupõe que um tempo ou um acontecimento estará sempre ligado a outro por intermédio de uma ruptura. Mas essa relação com a origem, próxima ou longínqua, da qual uma sociedade se separa sem poder eliminá-la é analisada pelo historiador, que faz dela o lugar da sua ciência. (CERTEAU, 2011, p. 55).

O relato histórico enuncia a “práxis” de uma nova compreensibilidade e a subsistência de passados que permanecem em estudo não apenas por documentos e resquícios, mas também no registro particular que é o próprio trabalho histórico. Além disso, explana-se que a história tem como função exprimir a posição de uma geração com respeito às precedentes, seja para manter distância ou para aproximar-se, e também assume o lugar dos mitos através dos quais uma sociedade representava as relações ambíguas com as suas origens e, através de uma história violenta dos Começos, suas relações com ela mesma. (CERTEAU, 2011, p. 55).

Seguindo em sua linha de raciocínio, o autor explica que apesar de suas introduções ou de seus prefácios na primeira pessoa e apresentam um enunciador do passado “naqueles tempos”, graças à distância notada desde o tempo do autor, a história é um discurso na terceira pessoa. O discurso sobre o passado tem como estatuto ser o discurso do morto. Ele é o enunciado do discurso que o transporta como um objeto, mas em função de uma interlocução remetida para fora do discurso, no não-dito. É dessa relação com o ausente que a história se toma o mito da linguagem:

Ela torna manifesta a condição do discurso: uma morte. Nasce, com efeito, da ruptura que constitui um passado distinto de seu empreendimento presente. Seu trabalho consiste em criar ausentes, em fazer, de signos dispersos na superfície de uma atualidade, vestígios de realidades “históricas” ausentes porque outras. (CERTEAU, 2011, p.56)

É possível argumentar que o ausente é também a forma presente da origem. Existe mito porque, através da história, a linguagem se confrontou com a sua origem. A origem é interna ao discurso. Ela é precisamente aquilo de que ele não pode fazer um objeto enunciado. O discurso não deixa de se articular com a morte que postula, mas que a prática histórica contradiz. Mas evoca a função outorgada a uma disciplina que trata a morte como um objeto do saber e, fazendo isto, dá lugar à produção de uma troca entre vivos. Conforme Certeau (2011, p. 56) postula:

Esta é a história. Um jogo da vida e da morte prossegue no calmo desdobramento de um relato, ressurgência e denegação da origem, desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática presente. Ela reitera, um regime diferente, os mitos que se constroem sobre um assassinato ou uma morte originária, e que fazem da linguagem o vestígio sempre remanescente de um começo tão impossível de reencontrar quanto de esquecer.

Uma outra questão levantada por Certeau (2011) é que o fazer histórico não é apenas restrito à história, também faz parte de um fazer social que alude a produção científica. Ao assumir uma linguagem técnica para si, a história se torna uma prática garantidora de compreensibilidade para textos que tratam do passado. O fazer histórico é, por um lado, interno, visto que trata sempre de temáticas como o poder, as tensões, as crises e conflitos gerados por ele e externo, pois “a forma de compreensão e o tipo do discurso são determinados pelo conjunto sócio-cultural mais amplo que designa à história seu lugar particular” (CERTEAU, 2011, p. 57).

Nas palavras do autor:

Espelho do fazer que hoje define uma sociedade, o discurso histórico é ao mesmo tempo sua representação e seu reverso. Ele não é o todo – como se o saber fornecesse a realidade ou a fizesse aceder ao seu grau mais elevado! Esse lance maior do conhecimento está ultrapassado. Todo o movimento da epistemologia contemporânea, no campo das ciências- ditas “humanas”, o contradiz e, antes, humilha a consciência. O discurso histórico não é senão uma cédula a mais numa moeda que se desvaloriza. Afinal de contas não é mais do que papel. Mas seria falso lançá-lo do excesso de honrarias ao excesso de indignidade. O texto da história, sempre a retomar, duplica o agir como seu rastro e sua interrogação. Articulado com aquilo que não é – agitação de uma sociedade mas também a própria prática científica –, ele sublinha o enunciado com um sentido que se combina simbolicamente com o fazer. Não substitui a práxis social, mas é sua testemunha frágil e sua crítica necessária.

Sumarizando, percebe-se que, ao serem aplicados principalmente os postulados de Certeau (2011) ao objeto deste trabalho, uma direta relação com a obra de William Shakespeare e o contexto real no qual o bardo se baseou. Pode-se dizer que a peça Ricardo III cria um rastro histórico de interpretação enquanto o presente trabalho busca assumir a forma de uma interrogação à representatividade e à vilania atribuída ao monarca.

4 RICARDO III: O MONARCA E O TIRANO

Neste terceiro capítulo, intentou-se traçar um panorama analítico de fundamentos do campo da Historiografia Britânica e da Literatura Inglesa. Foram elucidados, por meio dos caminhos anunciados anteriormente pela Tradução e pela História, documentos e conceitos relativos à peça em discussão. Os excertos analíticos que fizeram parte da perquirição traduto-historiográfica serão expostos assim como serão abordadas as noções conectadas à peça *Ricardo III* e o homem Ricardo III.

4.1 RICARDO EM CINCO ATOS

Bevington (1999, p. 1) esclarece que *Ricardo III* é:

peça crônica em cinco atos de William Shakespeare, escrita entre 1592 e 1594 e publicada em 1597 numa quarta edição aparentemente reconstruída a partir da memória pela companhia de teatro quando faltava um exemplar da peça. O texto do Primeiro Fólio de 1623 é substancialmente melhor, tendo sido fortemente corrigido com referência a um manuscrito independente. *Richard III* é a última de uma sequência de quatro peças históricas (as outras são *Henrique VI, Parte 1*, *Henrique VI, Parte 2*, e *Henrique VI, Parte 3*) conhecidas pela coletividade como a “primeira tetralogia”, tratando de grandes eventos da história inglesa durante o final do século XIV e início do século XV⁵⁹.

Sua trama se inicia depois de uma longa guerra civil entre as famílias de York e Lancaster quando a Inglaterra desfruta de um período de paz sob o comando do rei Eduardo IV e os vitoriosos Yorkistas. Mas o irmão mais novo de Eduardo, Ricardo, se ressentido do poder do irmão e da felicidade daqueles ao seu redor. Malicioso, sedento de poder e amargurado em relação à sua deformidade física, Ricardo começa a conspirar secretamente para tomar o trono – e decide matar quem quer que seja para se tornar rei.

Usando sua inteligência e suas habilidades de enganação e manipulação política, Ricardo começa sua campanha pelo trono. Ele convence a nobre lady Ana a casar-se com ele, mesmo sabendo que ele assassinou seu primeiro marido. Ele tem seu próprio irmão mais velho, Clarence, executado e transfere o fardo da culpa para seu irmão mais velho e doente, o rei

⁵⁹Traduzido pela autora. No original: “chronicle play in five acts by William Shakespeare, written about 1592–94 and published in 1597 in a quarto edition seemingly reconstructed from memory by the acting company when a copy of the play was missing. The text in the First Folio of 1623 is substantially better, having been heavily corrected with reference to an independent manuscript. Richard III is the last in a sequence of four history plays (the others being Henry VI, Part 1, Henry VI, Part 2, and Henry VI, Part 3) known collectively as the “first tetralogy,” treating major events of English history during the late 14th and early 15th centuries.”

Eduardo, a fim de acelerar a doença e a morte do monarca. Depois que o rei morre, Ricardo torna-se lorde protetor da Inglaterra – a figura no comando até que o mais velho dos dois filhos de Eduardo cresça.

Em seguida, Ricardo executa os nobres da corte que são leais aos príncipes, mais notavelmente lorde Hastings, o lorde *chamberlain* da Inglaterra. Ele então faz com que os parentes dos meninos do lado de sua mãe – os influentes familiares da esposa de Eduardo, a Rainha Elizabeth – sejam presos e executados. Com Elizabeth e os príncipes desprotegidos, Ricardo ordena que seus aliados políticos, particularmente seu braço direito, lorde Buckingham, iniciem uma campanha para que Ricardo fosse coroado rei. Ele então aprisiona os jovens príncipes na Torre e, em seu ato mais sangrento e cruel, envia assassinos para matar os dois meninos.

A essa altura, o reino de terror de Ricardo fez com que o povo da Inglaterra o temesse e o detestasse, porém, ele alienara quase todos os nobres da corte – até mesmo o sedento por poder Buckingham. Quando rumores começam a circular sobre um desafiante ao trono que está reunindo forças na França, nobres desertam em massa para se juntar à causa rebelde. O desafiante é o conde de Richmond, descendente de um braço secundário da família Lancaster, e a Inglaterra está pronta para recebê-lo.

Ricardo, entretanto, tenta consolidar seu poder. Ele faz sua esposa, a rainha Ana, ser assassinada, para que ele possa se casar com a jovem Elizabeth, filha da ex-rainha Elizabeth e do finado rei Eduardo. Embora a jovem Elizabeth seja sua sobrinha, a aliança garantiria sua reivindicação ao trono. No entanto, Ricardo começou a perder o controle dos acontecimentos, e a rainha Elizabeth consegue impedi-lo. Enquanto isso, ela secretamente promete casar a jovem Elizabeth com Richmond.

Richmond finalmente invade a Inglaterra. Na noite anterior à batalha que decidirá tudo, Ricardo tem um sonho terrível no qual os fantasmas de todas as pessoas que ele assassinou aparecem e o amaldiçoam, dizendo que ele vai morrer no dia seguinte. Na batalha, na manhã seguinte, Ricardo é morto e Richmond é coroado rei Henrique VII. Prometendo uma nova era de paz para a Inglaterra, o novo rei é prometido à jovem Elizabeth, a fim de unir as casas de Lancaster e York.

Os acontecimentos acima elencados se dividem ao longo de cinco atos, e segundo Aguiar (2009, p. 7):

Em *Ricardo III*, Shakespeare descarna todo o seu horror em relação à intriga homicida e às traições que pontuaram a história da monarquia britânica. Ricardo é quase um personagem inumano - ou que teria, conscientemente, aberto mão de sua *humanidade*,

tanto da possibilidade de ser estimado, quanto, num sentido cristão que atravessa toda a peça, da salvação da sua alma. E isso não apenas pelas perversidades que pratica, mas porque, em sua inteligência assombrosa, em sua falta de escrúpulos, desdenha de todos os seus semelhantes, pela facilidade com que consegue manipular a percepção que têm dos fatos, seus temores e sentimentos, tanto os de amor quanto os de vingança.

Acredita-se que Shakespeare escreveu sua peça baseando-se nas obras *The Union of the Noble and Illustre Famelies of Lancastre and York*, publicada em 1548 por Edward Hall e nas *Chronicles of England, Scotland and Ireland*, publicada em 1577 por Raphael Holinshed. Ambas haviam previamente servido de embasamento para a trilogia Henrique VI e para as demais peças de cunho histórico do dramaturgo. Destaca-se, todavia, que tanto Hall quanto Holinshed reproduziram em seus relatos trechos oriundos de trabalhos anteriores como *Anglicae Historiae Libri* (1534) do italiano Polidoro Virgili e *The History of King Richard the Third*, escrita em 1513 e publicada em 1557, porém, o manuscrito de autoria de Thomas More já era conhecido antes de sua publicação.

Enquanto Polidoro Virgili priorizava em seus relatos a paz alcançada pelos Tudor ao fim da Guerra das Rosas e ainda que não fosse exatamente amável para com Ricardo, o italiano não lhe negou seus méritos e não o culpou pela morte de Jorge, duque de Clarence além de não lhe atribuir qualquer ambição com relação ao trono antes da morte de seu irmão Eduardo IV. Em contrapartida, More pinta um quadro mais sinistro, de acordo com o que lhe revelara o bispo João Morton, opositor declarado de Ricardo e dos York e seu mentor.

Para Davies (1987, p. 2):

Que João Morton desempenhou um papel importante nos eventos que levaram à Bosworth é algo que tem sido geralmente aceito; está de fato implícito em sua promoção a Lorde Chanceler em março de 1486, e em sua transposição para Canterbury em outubro daquele ano. Polidoro Virgili e Thomas More retratam Morton como o grito de eminência por trás da rebelião de Buckingham em outubro de 1483 e, portanto, vital no surgimento da aliança Tudor-Woodville que, pela primeira vez, fez de Henrique Tudor um sério candidato ao trono. Virgili também credita Morton, no exílio na Flandres, de advertir Henrique que Ricardo III havia chegado a um acordo com o ministro bretão, Pierre Landais; para que Henrique pudesse escapar da Bretanha para a França, evitando a prisão ou a morte, e adquirir aquele apoio francês que lhe era tão vital em Bosworth.⁶⁰

⁶⁰ Traduzido pela autora. No original: “That John Morton played an important role in the events leading up to Bosworth has been generally accepted; it is indeed implicit in his promotion to Chancellor in March 1486, and his translation to Canterbury in October of that year. Polydore Vergil and Thomas More both depict Morton as the eminence grise behind the Buckingham rebellion of October 1483, and therefore in the emergence of the Tudor-Woodville alliance which, for the first time, made Henry Tudor a serious contender for the throne. Vergil also credits Morton, in exile in Flanders, with warning Henry that Richard III had reached an agreement with the Breton minister, Pierre Landais; so that Henry was able to escape from Brittany to France, avoiding imprisonment or death, and acquiring that French support which was so vital to him at Bosworth.”

É Thomas More que inaugura a tradição de caracterizar Ricardo como um aleijado deformado, assassino e articulador da morte do próprio irmão Clarence e ambicioso o bastante para agir pelas costas do irmão monarca Eduardo IV para conseguir o trono. Sobre esta caracterização, Kincaid (1972, p. 228) argumenta que:

A capacidade de More de ver todos os lados de uma questão com igual clareza e seu profundo senso de teatro lhe permitiram criar em Ricardo III um personagem de muitas dimensões, um personagem de tal vivacidade, detalhe, complexidade e unidade que permaneceu conosco, compartilhando o palco apenas com o Satã de Milton, como principal vilão da literatura.⁶¹

Kincaid (1972, p. 229) ainda complementa dizendo que “foi More, e não Shakespeare o criador deste retrato, e embora Shakespeare o aumente ao adicionar linhas e sombras, a maioria de suas notáveis adições ao retrato de More são pelo menos inspiradas pelas sugestões implícitas de More”⁶². Ressalta-se que esse retrato vai além de um estereótipo do mal. Primeiro, uma descrição da aparência e das qualidades pessoais de Ricardo é apresentada em *The History of King Richard the Third*, e depois More contrasta Ricardo nesses aspectos com outros personagens. Segue-se uma narração de suas ações anteriores, uma análise contínua de seus motivos e maquinações, e uma visão em desenvolvimento do efeito que ele tem sobre os outros.

Trata-se de um personagem consistente. Cada aspecto da caracterização aponta para a concretização de sua ambição através dos meios de dissimulação. Essa dissimulação, antes apenas sugerida em tratamentos “históricos” anteriores de Ricardo III, vira o ponto focal do personagem de More, conforme explica Kincaid (1972, p. 230):

A maioria dos escritores sobre a natureza literária de *The History of King Richard the Third* alegam que sua estrutura é baseada no progresso determinado de Ricardo em direção ao trono, e deriva sua unidade da manipulação de todos os eventos da história feita pelo personagem central. Até certo ponto, isto é verdade. Ricardo é apresentado muito próximo à abertura da obra, e More informa ao leitor que este personagem deve ser sua força motriz: ‘a conduta deste Duque ministrava em efeito toda a matéria de que este livro tratará’.⁶³

⁶¹ Traduzido pela autora. No original: “More's ability to see all sides of a question with equal clarity and his profound sense of the theater have enabled him to create in Richard III a character of many dimensions, a character of such vividness, detail, complexity, and unity that it has remained with us, sharing the stage only with Milton's Satan, as the prime villain of literature.”.

⁶² Traduzido pela autora. No original: “More, not Shakespeare, was the originator of this portrait, and although Shakespeare heightens it by adding lines and shadings, most of his notable additions to More's portrait are at least inspired by More's implicit suggestions.”.

⁶³ Traduzido pela autora. No original: “Most writers on the literary nature of More's History of King Richard III have alleged that its structure is based upon Richard's determined progress toward the throne, and derives its unity from the central character's manipulation of all the events in the story. To an extent this is true. Richard is introduced very near the opening of the work, and More informs the reader that this character is to be its moving force: “this Dukes demeanoure ministreth in effecte all the whole matter whereof this booke shall entreate.”.”.

Embora a figura de Ricardo tenha recebido toda a atenção tanto de More quanto de Shakespeare, Pujante (2016, p. 13) elucida que:

Tantos elementos se reuniram em ambas as crônicas que Shakespeare não precisou inventar muitos novos. Entretanto, ele introduziu algumas inovações importantes: o sonho de Clarence (I.iv), os pedidos de casamento para Lady Ana (I.ii) e depois para a Rainha Elizabeth (IV.iv) — Hall apenas diz que Ricardo queria casar com sua filha —, assim como as cenas das lamentações e o aparecimento dos espectros no sonho de Ricardo na véspera da batalha — Holinshed apenas menciona que Ricardo teve um pesadelo naquela noite.⁶⁴

Por outro lado, Shakespeare tomou a liberdade cronológica de incorporar a sua peça a figura da rainha Margarida de Anjou, viúva de Henrique VI — muito presente na trilogia anterior a *Ricardo III*. Entretanto, a Margarida histórica foi enviada de volta para a França e veio a falecer antes da coroação de Ricardo. Na peça, a rainha atua como o coro das tragédias gregas, que na definição de Easterling (2001, p. 156-157), o papel fundamental do coro residia no esclarecimento de aspectos temporais da narrativa. Primeiramente ele esclarecia eventos passados — e até mesmo futuros — oferecendo suporte para que o público pudesse melhor compreender e acompanhar o enredo. Margarida também se configura como profetisa de um futuro que jamais chegou a ver. Suas maldições contra os membros da Casa de York se amalgamam aos vaticínios de castigo que estes sofrerão por terem matado os da Casa de Lancaster, cujo último rei fora seu marido Henrique VI.

Com um objetivo primordialmente dramático, Shakespeare combinou as informações e histórias disponíveis em seu tempo de forma que seu *Ricardo III* se tornou um compêndio ficcional das crônicas de Hall, Holinshed, Virgílio e More. Poderia-se supor que os relatos usados na construção da tragédia do rei Ricardo fossem a totalidade do corpus escolhido por Shakespeare. Todavia, Pujante (2016, p. 14) acrescenta que:

Além das crônicas, Shakespeare provavelmente considerou *A Mirror for Magistrates* (1559), uma coleção popular de histórias escritas por diferentes autores, que inclui histórias de príncipes e reis, entre outros, os de Henrique VI, Clarence, Eduardo IV, Rivers, Hastings, Buckingham e o próprio Ricardo III. Com uma intenção moralista, o caráter histórico de cada história se refere à sua queda ou punição. Dessa coleção, Shakespeare não poderia tirar mais informações do que as já fornecidas pelas crônicas, mas poderia tirar a ideia da inconstância da sorte, da punição das máculas dos grandes e, em particular, da consciência de culpa que os personagens expressam antes de sua

⁶⁴ Traduzido pela autora. No original: “Fueron tantos los elementos recogidos en ambas crónicas que Shakespeare no necesitó inventar muchos nuevos. Sin embargo, introdujo algunas innovaciones importantes: el sueño de Clarence (I.iv), las peticiones de matrimonio a Lady Ana (I.ii) y después a la reina Isabel (IV.iv) - Hall sólo dice que Ricardo quería casarse con la hija de ésta -, así como las escenas de las lamentaciones y la aparición de los espectros en el sueño de Ricardo la víspera de la batalla - Holinshed sólo menciona que esa noche Ricardo tuvo una pesadilla -.”

derrocada. Em *Ricardo III* vemos isso de diferentes maneiras em Clarence, em Ricardo e nos personagens secundários antes de sua execução.⁶⁵

De forma a compreender mais a fundo como William Shakespeare traduziu a composição histórica de Thomas More em sua peça e contrapor o Ricardo ficcional com o Ricardo histórico, este trabalho fará uso da metodologia comparativa, ou seja, se buscará fazer uma investigação onde mais de um nível de análise é possível, sendo as unidades de observação para cada um destes níveis denominadas variáveis de contexto (PRZEWORSKI; TEUNE, 1970). As obras paragonadas neste trabalho são: *The History of King Richard the Third* (1924), de Thomas More; a peça *Ricardo III* (2007), de William Shakespeare; *Richard III: The Maligned King* (2013), de Annette Carson e outros textos de apoio.

4.2 ANÁLISE

Devido à extensão das obras citadas acima, a análise se centrará em três eixos primordiais: aparência física e caráter de Ricardo III; assassinatos (morte do Clarence; culpar Eduardo pela morte de Clarence; assassinato dos nobres leais aos sobrinhos; mandar matar os sobrinhos na torre; ex-marido da atual esposa); relacionamentos e casamentos (casamento Lady Ana; suposta tentativa de casamento com a sobrinha) e sua estruturação será da seguinte forma: será apresentado um trecho da peça e abaixo serão colocados os excertos que correspondem ao que More expõe, em contraposição ao que Carson e os demais autores asseveram.

4.2.1 A aparência física e o caráter de Ricardo III

O primeiro eixo de análise se volta para a aparência física e o caráter de Ricardo e seu trecho correspondente se encontra no ato 1, cena 1 da peça: um monólogo no qual Ricardo, ainda Duque de Gloucester, descreve a si mesmo e manifesta suas intenções para o futuro:

⁶⁵ Traduzido pela autora. No original: “Más allá de las crónicas, es probable que Shakespeare tuviera en cuenta *A Mirror for Magistrates* (1559), una popular colección de relatos escritos por distintos autores, en la que se recogen historias de príncipes y reyes, entre otras, las de Enrique VI, Clarence, Eduardo IV, Rivers, Hastings, Buckingham y la del propio Richard III. Con intención moralizante, el personaje histórico de cada relato refiere su caída o su castigo. De esta colección Shakespeare no pudo tomar más información de la que ya le aportaban las crónicas, pero sí la idea de la inconstancia de la fortuna, del castigo de las culpas de los grandes y, en particular, de la conciencia de culpa que expresan los personajes ante su caída. En *Ricardo III* lo vemos de diverso modo en Clarence, en Ricardo y en los personajes secundarios antes de su ejecución.”.

Quadro 1 – Ricardo III - Ato 1, cena 1

Ricardo III - Ato 1, cena 1

RICARDO (Duque de Gloucester) - O inverno do nosso descontentamento foi convertido agora em glorioso verão por este sol de York, e todas as nuvens que ameaçavam a nossa casa estão enterradas no mais interno fundo do oceano. Agora as nossas fronteiras estão coroadas de palmas gloriosas. As nossas armas rompidas suspensas como troféus, os nossos feros alarmes mudaram-se em encontros aprazíveis, as nossas hórridas marchas em compassos deleitosos, a guerra de rosto sombrio amaciou a sua fronte enrugada. E agora, em vez de montar cavalos armados para amedrontar as almas dos temíveis adversários, pula como um potro nos aposentos de uma dama ao som lascivo e ameno do alaúde. Mas eu, que não fui moldado para jogar nem brincos amorosos, nem feito para cortejar um espelho enamorado. Eu, que rudemente sou marcado, e que não tenho a majestade do amor para me pavonear diante de uma musa furtiva e viciosa, eu, que privado sou da harmoniosa proporção, erro de formação, obra da natureza enganadora, disforme, inacabado, lançado antes de tempo para este mundo que respira, quando muito meio feito e de tal modo imperfeito e tão fora de estação que os cães me ladram quando passo, coxeando, perto deles. Pois eu, neste ocioso e mole tempo de paz, não tenho outro deleite para passar o tempo afora a espiar a minha sombra ao sol e cantar a minha própria deformidade. E assim, já que não posso ser amante que goze estes dias de práticas suaves, estou decidido a ser ruim vilão e odiar os prazeres vazios destes dias. Armei conjuras, tramas perigosas, por entre sonhos, acusações e ébrias profecias, para lançar o meu irmão Clarence e o Rei um contra o outro, num ódio mortífero, e se o Rei Eduardo for tão verdadeiro e justo quanto eu sou sutil, falso e traiçoeiro, será Clarence hoje mesmo encarcerado devido a uma profecia que diz será um “gê” o assassino dos herdeiros de Eduardo. Mergulhai, pensamentos, fundo, fundo na minha alma. Ali vem Clarence. (Entram Clarence e Brakenbury com alguns guardas.) Irmão, bom dia. Que significam estes guardas armados ao serviço de Vossa Graça?

Fonte: Shakespeare (2007)

Neste solilóquio, a infelicidade de Ricardo transparece. Incapaz de desfrutar dos aprazamentos do verão que se seguiu às vitórias conquistadas pela casa de York na Guerra das Rosas, ele sente grande estranheza com relação às pessoas felizes que celebram o tempo de paz tão esperado. Poderia se considerar que sua ganância e temperamento ruim fossem as razões pelas quais Ricardo termine sendo excluído das celebrações. Todavia, ele próprio elucida outras razões: há uma protuberante deformidade em suas costas que se soma a outras características físicas pouco atraentes. Ele atribui a essas deficiências sua incapacidade de sustentar um relacionamento amoroso e de conviver pacificamente com aqueles que o rodeiam.

Ao lançar a primeira luz sobre seu protagonista, Shakespeare retoma a descrição feita por More (1924), que detalha não só a aparência física do Duque como também seu laborioso nascimento:

[...] Ricardo, o terceiro filho, a quem agora nos referimos, demonstrava inteligência e coragem igual a qualquer um deles, em corpo e destreza estava distante de ambos, de pouca estatura, com membros deformados, corcunda, com o ombro esquerdo muito mais alto do que o direito, desfavorecido de rosto, e tal como em estados chamado de guerreiro, em outros homens de outra forma, ele era malicioso, enraivecido, invejoso, e desde antes de seu nascimento, sempre perverso. Pela verdade é relatado que a Duquesa sua mãe sofreu tanto em seu parto, que ela não pôde dar-lhe a luz sem corte; e que ele veio ao mundo com os pés para frente, como os homens nascem para fora, e (como a fama corre) também incerto, aonde os homens de ódio relatam acima a

verdade, ou então que a natureza mudou seu rumo em seu início, o que no curso de sua vida muitas coisas não eram naturais. [...] ⁶⁶ (MORE, 1924, p. 7)

De forma a minuciar Ricardo e diferenciá-lo de seus irmãos Eduardo e Jorge, More (1924) os descreve e, ainda que Shakespeare (2007) não tenha tecido descrições das aparências físicas do rei e de Clarence, o contraste de caráter citado pelo próprio Gloucester (apud SHAKESPEARE, 2007, p. 26) no trecho “e se o Rei Eduardo for tão verdadeiro e justo quanto eu sou sutil, falso e traiçoeiro, será Clarence hoje mesmo encarcerado devido a uma profecia que diz será um “gê”⁶⁷ o assassino dos herdeiros de Eduardo”, retoma as palavras de More (1924, p. 5), para quem Eduardo, o irmão monarca era:

[...] uma pessoa muito bondosa, e muito principesco aos olhos, de coração corajoso, político no conselho, nada envergonhado na adversidade, mais alegre do que orgulhoso na prosperidade, justo e misericordioso na paz, afiado e feroz na guerra, corajoso e resistente no campo, e não ultrapassando os limites da sabedoria, aventureiro. Cujas guerras, que tão bem considerava, não menos elogiaria sua sabedoria onde ela era anulada, do que sua virilidade onde ela fora vencida. Ele possuía aparência adorável, corpo poderoso, forte e limpo. [...] ⁶⁸

A respeito de Clarence, Shakespeare o retrata como o irmão gentil e de confiança nascido entre Eduardo e Ricardo na família York, que se vê vítima de uma conspiração e acaba preso. Da mesma forma, More (1924, p. 6) afirma que “Jorge, Duque de Clarence era um príncipe muito nobre, e em todos os momentos afortunado”⁶⁹. Pode-se assumir que, além de se apoiar na caracterização de More, Shakespeare representou crenças predominantes sobre deformidades em seu Ricardo teatral. Ele transformou o corpo disforme de seu personagem em uma explicação para sua própria natureza maligna, endossando a concepção de que deficiências e desfigurações eram sinais de malevolência.

De forma a contrapor a representação constituída pela peça de Shakespeare, Carson (2020, p. 1) traça uma comparação entre relatos escritos acerca da fisionomia de Ricardo e os

⁶⁶ Traduzido pela autora. No original: “Richard the third son, of whom we now entreat, was in wit and courage equal with either of them, in body and prowess far under them both, little of stature, ill featured of limbs, crook-backed, his left should much higher than his right, hard favoured of visage, and such as is in states called warly, in other men otherwise, he was malicious, wrathful, envious, and from afore his birth, ever froward. It is for truth reported, that the Duchess his mother had so much ado in her travail, that she could not be delivered of him uncut: and that he came into the world with the feet forward, as men be born outward, and (as the fame runneth) also not untoothed, whither men of hatred report above the truth, or else that nature changed her course in his beginning, which in the course of his life many things unnaturally committed.”

⁶⁷ A letra G mencionada por Ricardo faz menção ao nome de Clarence em inglês: George.

⁶⁸ Traduzido pela autora. No original: “He was a goodly personage, and very princely to behold, of heart courageous, politic in council, in adversity nothing abashed, in prosperity, rather joyful than proud, in peace just and merciful, in war, sharp and fierce, in the field, bold and hardy, and natheless no farther than wisdom would, adventurous. Whose wars who so well consider, he shall no less commend his wisdom where he voided, than his manhood where he vanquished. He was of visage lovely, of body mighty, strong, and clean made.”

⁶⁹ Traduzido pela autora. No original: “George Duke of Clarence was a goodly noble Prince, and at all points fortunate”.

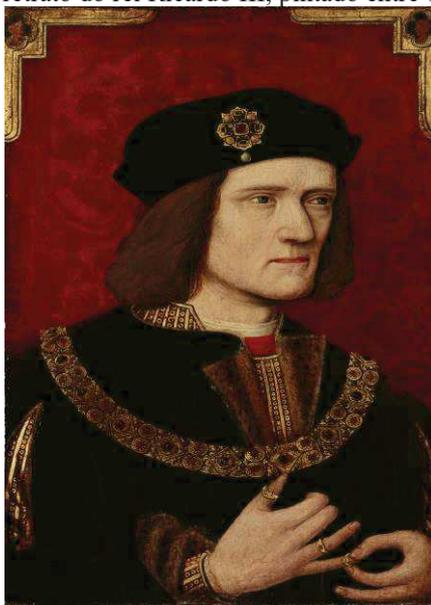
retratos pintados com base nas informações disponíveis. Segundo ela, “ninguém pode negar os ombros visivelmente elevados em retratos de Ricardo III após sua morte, talvez como resultado de sobrepinturas deliberadas”. Destaca-se que, até o presente momento, não se registram retratos de Ricardo III pintados antes de sua morte, e por essa razão, Hepburn (2015, p. 1) discorre que:

Qualquer um que abordasse o tema dos retratos de Ricardo III pela primeira vez poderia ser perdoado por pensar que ele era excessivamente vaidoso. Pelo menos duas dúzias de retratos pintados dele são conhecidos por terem sobrevivido até os dias atuais, e o número ainda está aumentando à medida que outros exemplares aparecem de tempos em tempos nas salas de leilões. Mas esta impressão inicial é enganosa. A maioria destas pinturas data de mais de um século após a morte de Ricardo e deve sua existência a uma forma de decoração de grandes casas nos tempos elizabetanos e jacobinos. Durante os anos entre cerca de 1590 e 1620, muitos proprietários das referidas residências decidiram realçar as paredes em branco de suas galerias longas — e ao mesmo tempo demonstrar sua lealdade à monarquia — encomendando um conjunto de retratos de reis e rainhas. Algumas dessas coleções se estendiam até retornar em Guilherme, o Conquistador, usando imagens completamente fictícias para os reis antes de Eduardo III (que reinou durante 1327-77). Para a maioria dos monarcas de Eduardo III em diante, estavam disponíveis imagens autênticas, na forma de efígies de túmulos ou pinturas, para serem copiadas. Quando se chegou a Ricardo III, os pintores evidentemente recorreram à fonte mais autorizada, um retrato da Coleção Real. Um traçado teria sido feito, e isto, sem dúvida junto com outros traçados copiados do primeiro, serviu como base para a imagem de Ricardo. Com maior ou menor grau de cuidado e licença artística, a imagem foi então reproduzida em várias ateliês de pintores londrinos.⁷⁰

Conforme a descrição provida pelo website da Coleção Real, o retrato abaixo fez parte de um conjunto de primeiros retratos registrados na coleção de Henrique VIII (incluindo Henrique V, Henrique VI e Edward IV). A recente análise dendrocronológica indica que este painel foi pintado entre 1504 e 1520. Ele teria sido parte de um conjunto de cabeças de reis e rainhas encomendado por Henrique VII ou Henrique VIII. O artista não é identificado, mas é mais provável que tenha sido britânico ou flamengo, trabalhando para a corte real.

⁷⁰ Traduzido pela autora. No original: “Anyone approaching the subject of Richard III’s portraiture for the first time could be forgiven for thinking that he was inordinately vain. At least two dozen painted portraits of him are known to have survived to the present day, and the number is still being added to as further examples appear from time to time in the salerooms. But this initial impression is deceptive. By far the majority of these paintings date from over a century after Richard’s death and owe their existence to a fashion in the decoration of great houses in Elizabethan and Jacobean times. During the years between about 1590 and about 1620 many owners of such houses decided to enliven the blank walls of their Long Gallery—and at the same time demonstrate their allegiance to the monarchy – by commissioning a set of portraits of kings and queens. Some of these series stretched back as far as William the Conqueror, using completely fictitious images for the kings earlier than Edward III (reigned 1327-77). For most of the monarchs from Edward III onwards authentic likenesses, in the form of either tomb effigies or paintings, were available to be copied. When it came to Richard III, the painters evidently went to the most authoritative source, a portrait in the Royal Collection. A tracing would have been made, and this, no doubt along with further tracings copied from the first one, served as the basis for Richard’s image. With greater or lesser degrees of care and artistic licence, the image was then reproduced in various London painters’ workshops.”

Figura 1 – retrato do rei Ricardo III, pintado entre 1504 e 1520.



Fonte: The Royal Collection Trust. ([199-?])

Destaca-se, na imagem acima, uma depicção marcada pela sutileza da representação. Vê-se um Ricardo cuja curvatura dos ombros está acentuada, as nítidas linhas de expressão em sua testa e ao redor dos olhos além de conferirem um aspecto envelhecido à efigie, se somam aos dedos que se ocupam com um anel. O efeito final é a tipificação de alguém cujas preocupações e inquietações transcendem o plano dos pensamentos e externam-se no cenho do retratado. Tal hipótese recebe a corroboração do paratexto associado à pintura no website da Coleção Real:

Durante ou logo após a criação desta pintura, o contorno do ombro direito do rei foi projetado para cima, de modo que parecesse mais alto do que o outro, criando a impressão de costas arqueadas. O artista talvez também tenha virado os cantos da boca da pessoa sentada para baixo para fazer a expressão facial parecer mais severa e possivelmente alterado a cor dos olhos de marrom para cinza escuro. É provável que estas mudanças tenham sido parte de uma campanha de propaganda dos Tudor para deteriorar ainda mais o legado de Ricardo.⁷¹ (THE ROYAL COLLECTION TRUST, [199-?], p.1)

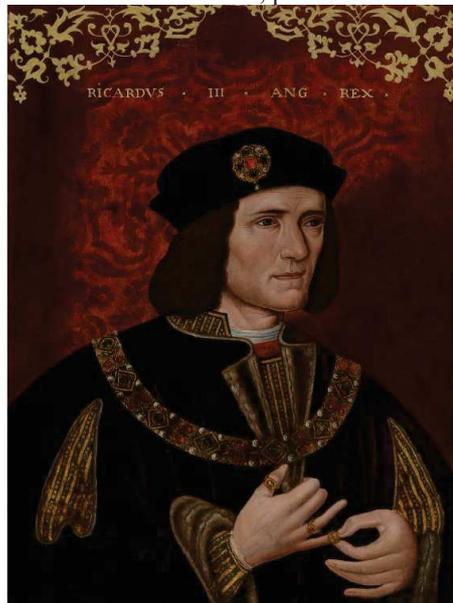
Em outros retratos pintados e em gravuras lineares, nota-se a constante de elementos na caracterização de Ricardo tal como utilizados na pintura da Coleção Real: a projeção dos

⁷¹ Traduzido pela autora. No original: “During or shortly after the creation of this painting, the outline of the King’s right shoulder was extended upwards so that it seemed higher than the other, creating the impression of a hunched back. The artist may also have turned the corners of the sitter’s mouth downwards to make the facial expression seem more severe and possibly altered the colour of the eyes from brown to steely grey. It is likely that these changes were part of a Tudor propaganda campaign to further damage the Richard’s legacy.”

ombros para dar o efeito de uma corcovadura, o cenho franzido, a expressão taciturna e, ainda que se tratasse de um monarca, a ausência de uma coroa.

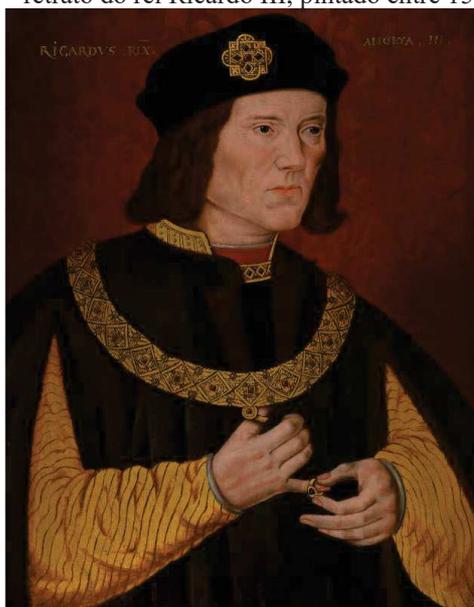
Enquanto pode-se debater que, para outros reis, o absentismo do adereço-mor da realeza poderia ter sido uma escolha estilística entre artistas para não pintar monarcas com suas coroas ou outras regalias reais, tais como cetros e mantos com estola de arminho ou até talvez uma mensagem de propaganda estrategicamente elaborada para apoiar a ideia de que o rei é escolhido por Deus, tornando-se assim seu servo e mostrando humildade ao trocar a coroa por um chapéu preto e macio (que rememorassem os capelos dos membros da Igreja), a verdade é que Ricardo raramente foi retratado de forma a expressar sua condição de rei, o que é constatável a partir da observação das imagens abaixo:

Figura 2 – retrato do rei Ricardo III, pintado no fim do século XVI.



Fonte: National Portrait Gallery [201-?a].

Figura 3 – retrato do rei Ricardo III, pintado entre 1597 e 1618.



Fonte: National Portrait Gallery [201-?b].

Em uma retratação diferente, feita possivelmente por William Faithorne no século XVII, nota-se que Ricardo ostenta o manto e o orbe, mas chama-se a atenção para o cetro real, que está partido e também para a expressão facial acrimoniosa que transforma o rei em um velho decrépito e impotente.

Figura 4 – Imagem 04: gravura linear do rei Ricardo III, feita no século XVII.



Fonte: National Portrait Gallery [201-?c].

O que suporta a ligação de significado entre o cetro partido e a limitação de poder do Ricardo de Faithorne são as demais gravuras lineares produzidas pelo artista que se encontram

disponíveis no acervo digital da *National Portrait Gallery*. Além de Ricardo, outros governantes ingleses como Guilherme, o Conquistador; Eduardo IV e Henrique VIII também foram representados pelo gravador, ora com coroas e mantos, ora com armaduras e espadas. Entretanto, apenas Ricardo III é estampado de forma abjeta.

Na mesma linha de representação vista nas gravuras de Faithorne, Renold ou Reginold Elstrack (Elstracke) também produziu uma gravura linear de Ricardo em 1638. Nota-se poucas diferenças entre as reproduções artísticas de ambos os gravadores, o que indica que Ricardo seguiu sendo desenhado como uma figura taciturna por muitos artistas.

Figura 5 – gravura linear do rei Ricardo III, feita em 1638.



Fonte: National Portrait Gallery [201-?d].

Existem, todavia, exceções à essa orientação representativa e um exemplo disso é o retrato de Paston⁷². Como visto na imagem abaixo, a curvatura do ombro é menos acentuada e suas feições não indicam traços de perversidade ou dissimulação, tampouco linhas de expressão severas. Pode-se supor que o retrato de Paston não apresenta numerosas distorções uma vez que foi produzido apenas poucos anos após a morte de Ricardo III em 1485 e teve como base um original elaborado com o rei ainda vivo.

⁷² O mais antigo retrato remanescente de Ricardo (c. 1520, a partir de um original perdido), anteriormente pertencente à família Paston e atualmente propriedade da *Society of Antiquaries* de Londres.

Figura 6 – o retrato de Paston do Rei Ricardo III, pintado em 1520.



Fonte: British Library ([200-?]).

A aparência de Ricardo III é sempre um tópico cercado de especulações e suposições, e segundo o paratexto associado à pintura no website da Coleção Real (THE ROYAL COLLECTION TRUST, [199-?], p. 1), “encontrar a verdadeira aparência de Ricardo III é difícil, já que seu aspecto na arte - como na literatura e na história — tem sido obscurecido por propagandas”⁷³. O texto ainda salienta que “seus sucessores Tudor, de Henrique VII em diante, tinham interesse em retratar Ricardo III como um mau rei para aumentar sua própria legitimidade como a linha que o depôs”⁷⁴.

A maneira encontrada por Carson para desmentir as falácias oriundas das propagandas feitas pelos Tudor foi analisar relatos provenientes de observadores e cronistas presentes na corte inglesa. O primeiro citado por ela é Dominic Mancini, empregado pela hostil corte francesa para observar os acontecimentos em Londres em 1483. Assim sendo, Mancini não teria poupado esforços para produzir um relato acerca dos nobres ingleses e de Ricardo, que ocupava o cargo de Lorde Protetor. Carson (2020, p. 1) questiona que, “no entanto, apesar da antipatia que percorre todo o seu relato, e apesar da satisfação óbvia que os seus mestres franceses teriam

⁷³ Traduzido pela autora. No original: “Finding a true likeness of Richard III is difficult as his portrayal in art – as in literature and history – has been muddied by propaganda”.

⁷⁴ Traduzido pela autora. No original: “His Tudor successors, from Henry VII onwards, had a vested interest in portraying Richard III as a bad King to increase their own legitimacy as the line who deposed him”.

obtido a partir de um retrato negativo de Ricardo [...], porque é que Mancini não oferece uma palavra sobre sua descrição física?”⁷⁵.

Conjectura-se então, que Mancini — ao relatar o cotidiano da nobreza inglesa à França — não considerava que aparência do Lorde Protetor fosse de relevância, uma vez que não se tratava de algo fora dos padrões da época. Haja visto o que Niclas von Popplau, cavaleiro itinerante oriundo da Silésia⁷⁶, relatou em seu diário de viagem após visitar a Inglaterra em 1484 e passar oito dias inteiros na companhia de Ricardo:

O rei Ricardo é ... um príncipe de nascimento alto, três dedos mais alto que eu, mas um pouco mais magro e não tão bojudo como eu, e muito mais esguio; ele tem braços e coxas bastante finos, e também um grande coração. ⁷⁷.

Carson (2020, p. 2) destaca que “esta descrição é observada com veemência, e data de apenas 15 meses antes da morte de Ricardo, quando seria de esperar (sabendo o que os arqueólogos de Leicester têm dito sobre a sua “escoliose grave”) que a sua condição deveria ter sido detectável”⁷⁸. Diz-se que, a partir dessa condição, se originaram as ficções de que Ricardo possuía um braço atrofiado e uma protuberância nas costas.

De todas as fabricações tecidas acerca da vida pessoal, política e militar de Ricardo, a contrafação sobre seu corpo e semblante foi a última a ser desmentida. Para se chegar a uma conclusão sobre como ele fisicamente era, é necessário retornar a 1485, ano de sua morte. No início de agosto daquele ano, o pretendente ao trono Henrique Tudor navegou através do Canal da Mancha indo da França até o sul do País de Gales com uma força de cerca de 2.000 homens. Marchando pela zona rural galesa, as fileiras do exército lancasteriano aumentaram, até que, quando atravessaram a fronteira para Shrewsbury, seu número mais do que dobrou. Ao ser informado do desembarque de Henrique, o rei Ricardo III começou a reunir seu exército real, cujo contingente gerava em torno de 10.000 homens, em Leicester. Suas tropas foram posicionadas no topo da colina Ambion, logo ao sul de Market Bosworth, em Leicestershire.

⁷⁵ Traduzido pela autora. No original: “Yet despite the antipathy that runs throughout his account, and despite the obvious satisfaction his French masters would have derived from a negative portrait of Richard (...), why does Mancini offer not a word of physical description?”.

⁷⁶ Silésia é uma região histórica dividida entre a Polônia, a República Tcheca e a Alemanha.

⁷⁷ Traduzido pela autora. No original: “King Richard is ... a high-born prince, three fingers taller than I, but a bit slimmer and not as thickset as I am, and much more lightly built; he has quite slender arms and thighs, and also a great heart”. Excerto oriundo de seu diário de viagem, traduzido pela Dra. Livia Visser-Fuchs de 'Reisebeschreibung Niclas von Popplau, Ritter, Burtig von Breslau', editado por Piotr Radzikowski (1998), e impresso em *The Ricardian*, June of 1999, (THE RICARDIAN, 1999, p. 529).

⁷⁸ Traduzido pela autora. No original: “This description is acutely observed, and dates from a mere 15 months before Richard’s death, when you would expect (knowing what the Leicester archaeologists have been saying about his ‘severe scoliosis’) that his condition ought to have been detectable.”.

No topo de uma colina adjacente estavam as forças de Thomas, Lorde Stanley e padraсто de Henrique, com um exército privado bastante substancial, totalizando cerca de 6.000 homens. Na sangrenta batalha que se seguiu, Stanley preferiu manter seus soldados distantes e aguardar. Enquanto a batalha se desenrolava e ora pendia para o lado dos York, ora para o lado dos Lancaster, o rei parece ter decidido levar o confronto a um fim rápido, liderando um ataque dirigido diretamente a Henrique. Ao ver Ricardo separado de sua força principal, Lorde Stanley finalmente decidiu juntar-se à batalha ao lado de seu enteado. Depois que seu cavalo ficou preso no terreno pantanoso, o monarca continuou a lutar a pé antes de ser finalmente subjugado.

Carson (2013, p. 135-136) fundamenta que:

no final da batalha, com Ricardo morto e as forças Tudor vitoriosas, ocorreu uma profanação particularmente desagradável do corpo do falecido rei. Despido e despojado nas costas de um cavalo, com o cabresto de um criminoso no pescoço, ele foi exibido desnudado, sem marca de dignidade, durante dois dias na cidade de Leicester.

[...]

Após a contenda, o corpo de Ricardo III foi levado para Leicester onde foi imediatamente exposto à visão pública por dois ou três dias (provavelmente no 'Newarke', o Colégio da Anunciação de Santa Maria), para que todos soubessem de sua derrota e morte. Segundo o padre João Rous, e conforme confirmado em outros lugares, Ricardo foi "finalmente" enterrado pelos Franciscanos, conhecidos como Greyfriars, em sua igreja próxima à Guildhall. Rous ainda acrescentou que o túmulo de Ricardo estava situado no coro, a área entre a nave e o altar, como seria de se esperar de uma pessoa de tal categoria. Virgili relatou que seu corpo foi "enterrado dois dias depois sem nenhuma pompa ou funerário solene."⁷⁹

1485, portanto, se caracterizou como um ano que marcou uma data importante nos livros de história britânica: o fim da Idade Média e o início da era moderna. A Casa de Tudor tornou-se uma das dinastias governantes mais famosas – e o seu triunfo de 118 anos culminou com as peças históricas de William Shakespeare. A essa altura, o corpo de Ricardo, enterrado em Leicester no rescaldo da batalha de Bosworth, tinha desaparecido da vista. Acreditava-se amplamente que a humilde sepultura do monarca desgraçado, na igreja dos Greyfriars, havia se

⁷⁹ Traduzido pela autora. No original: "At the end of the battle, with Richard dead and the Tudor forces victorious, there occurred a particularly distasteful desecration of the late king's body. Flung naked and despoiled across the back of a horse, a felon's halter about his neck, he was exhibited uncovered, without mark of dignity, for two days in the city of Leicester.

[...]

Following the battle, Richard III's body was brought to Leicester where he was immediately exposed to public view for two or three days (probably at 'the Newarke', the College of the Annunciation of St Mary), so that all should know of his defeat and death. According to the priest John Rous, and as confirmed elsewhere, Richard was 'ultimately' (finaliter) buried by the Franciscans, known as the Greyfriars, in their church near the Guildhall. Rous added that his grave was situated in the choir, the area between the nave and the altar, as would be expected for a person of such rank. Vergil reported that his body was 'buried two days after without any pompe or solemne funerall'."

perdido com o ato de Dissolução dos Mosteiros promulgado por Henrique VIII em 1638 – e a ossada do antigo rei jogada no rio Soar.

Embora não houvessem evidências suficientes para corroborar ou desmentir a possibilidade do desaparecimento dos restos mortais de Ricardo e de sua tumba, à medida que os séculos progrediam, a paisagem de Leicester se modificou com os avanços sociais e urbanos, o que dificultava qualquer empreitada que buscasse respostas acerca do que acontecera ao último rei da Inglaterra morto em batalha. Esse paradigma começou a se alterar em 2004, com a descoberta do DNA mitocondrial de Ricardo feita pelo Dr. John Ashdown-Hill e com as primeiras pesquisas de campo em áreas que poderiam corresponder à localidade da igreja dos Greyfriars lideradas por Philippa Langley.

Foi Langley quem idealizou, mediou e comissionou a busca pela sepultura perdida do rei como parte da sua investigação em curso sobre o monarca. Ambos membros *Richard III Society* (um órgão que promove pesquisas sobre a vida e os tempos de Ricardo III desde 1924), também integraram do projeto *Looking For Richard*, que conseguiu com sucesso localizar onde Ricardo fora enterrado.

Além de Langley e Ashdown-Hill, a equipe de buscas e pesquisa do projeto contou com a participação de Annette Carson; Dominic Sewell; Dr. Tobias Capwell; Dra. Turi King; Mathew Morris; Robert C. Woosnam-Savage e Phil Stone, especialistas em história, arqueologia, genética, cavalaria e armas, cujos esforços atentaram analisar todas as variáveis envolvidas no caso do último monarca Plantageneta.

De seu estabelecimento em 2009, foram necessários cerca de três anos para que o projeto, com apoio dos Serviços Arqueológicos da Universidade de Leicester (ULAS) e da Câmara Municipal de Leicester, finalmente encontrasse sob um estacionamento as ruínas da antiga igreja dos Greyfriars, escavasse com sucesso o sepulcro onde julgava-se jazer o esqueleto de Ricardo III. Após exumação e testagem genética, em 4 de fevereiro de 2013, a Universidade de Leicester confirmou que os restos mortais encontrados no dia 25 de agosto de 2012 eram, de fato, os do rei.

Figura 7 – Escavação revelando o esqueleto do rei Ricardo III



Fonte: Universidade de Leicester. ([201-?a])

Figura 8 – Esqueleto do rei Ricardo III -



Fonte: Universidade de Leicester. ([201-?b])

Um dos resultados mais importantes da escavação em Greyfriars e da identificação dos restos mortais de Ricardo foi a confirmação de que, ainda adolescente, ele desenvolvera um quadro de escoliose. Esta é uma condição que normalmente se desenvolve entre os 10 e os 18 anos de idade e para a qual não existe uma causa conhecida: resulta na curvatura da coluna vertebral para o lado, o que pode resultar num ombro ligeiramente superior ao outro, no caso do esqueleto de Ricardo III; o ombro direito.

Conforme a Universidade de Leicester ([201-?b], p. 1) detalha:

As descrições contemporâneas do rei descrevem-no como tendo “ombros desiguais, o direito mais alto e o esquerdo mais baixo”. Isto é comparável com a presença de escoliose do lado direito. Reconstruir a coluna vertebral de Ricardo III a partir de varreduras CT mostra que a curva estava bem equilibrada com um ângulo no intervalo de 70-90°. Hoje em dia isto é considerado uma grande curvatura e muitos com esta condição são submetidos a cirurgia para a estabilizar.

No entanto, a desfiguração física da escoliose de Richard foi provavelmente diminuta. O seu tronco teria sido curto em relação ao comprimento dos seus membros, e o seu ombro direito um pouco mais alto do que o esquerdo. No entanto, um bom alfaiate e uma armadura feita à medida poderiam ter minimizado o impacto visual disto. Uma curva de 70-90° não teria causado tolerância ao exercício prejudicada pela capacidade pulmonar reduzida, e não há provas de que Richard teria caminhado com um coxear evidente, porque os seus ossos da perna são simétricos e bem formados.⁸⁰

Pode-se concluir que as evidências mostram que o rei não teve cifose, condição que produz uma curva para a frente na coluna vertebral e a cabeça é empurrada na direção do tórax, o que pode resultar em uma corcunda. Desmentida a falácia da corcunda, os ossos de Ricardo foram escaneados, uma digitalização 3D do crânio foi enviada para a Universidade de Dundee onde os músculos e a pele foram modelados por Caroline Wilkinson, professora de Identificação Craniofacial, que utilizou um processo informático conhecido como estereolitografia. Ao fim do trabalho de Wilkinson, constatou-se que o semblante carregado e a aparência rebarbativa também eram invenções dos propagandistas Tudor.

Acrescenta-se também que em uma investigação genética recente da Universidade de Leicester, liderada pela especialista em genética Dra. Turi King, pesquisadores recolheram amostras de DNA de familiares vivos de Ricardo III e analisaram vários marcadores genéticos, incluindo os genomas mitocondriais completos, herdados através da linha materna, e os marcadores cromossômicos Y, herdados através da linha paterna e concluíram que Ricardo III teria provavelmente tido olhos azuis e cabelo loiro (na infância), embora isto pudesse ter escurecido à medida que envelhecia.

⁸⁰ Traduzido pela autora. No original: “Contemporary descriptions of the king describe him as having ‘unequal shoulders, the right higher and the left lower’. This is comparable with the presence of right-sided scoliosis. Reconstructing Richard III’s spine from CT scans shows that the curve was well-balanced with an angle in the range of 70-90°. Today this is considered a large curvature and many with the condition undergo surgery to stabilise it.

However, the physical disfigurement from Richard’s scoliosis was probably slight. His torso would have been short relative to the length of his limbs, and his right shoulder a little higher than the left. However, a good tailor and custom-made armour could have minimised the visual impact of this. A curve of 70–90° would not have caused impaired exercise tolerance from reduced lung capacity, and there is no evidence that Richard would have walked with an overt limp, because his leg bones are symmetrical and well formed”.

Figura 9 – Reconstrução facial do rei Ricardo III



Fonte: Universidade de Leicester ([201-?c])

Figura 10 – Reconstrução facial do rei Ricardo III feita após o estudo genético da Universidade de Leicester



Fonte: Culture24 (2015)

4.2.2 Os assassinatos atribuídos a Ricardo

O segundo eixo de análise se volta para os assassinatos imputados a Ricardo: o de Eduardo de Westminster; de Henrique VI; de Jorge, seu irmão e Duque de Clarence; o de Eduardo IV, seu irmão e antecessor no trono e dos príncipes na Torre, seus sobrinhos Eduardo e Ricardo. Os trechos correspondentes a tais imputações se encontram no ato 1, cena 2; ato 1, cena 4; ato 2, cena 1. O primeiro trecho corresponde ao diálogo entre Ricardo e Lady Ana Neville, viúva de Eduardo de Westminster, filho do finado rei Henrique VI. Na conversa, Ricardo manipula Lady Ana e a convence a casar-se com ele – embora ela saiba que ele assassinou seu primeiro marido e seu sogro que jaz num caixão à frente de ambos.

Quadro 2 – Ricardo III - Ato 1, cena 2

Ricardo III - Ato 1, cena 2

RICARDO (Duque de Gloucester) - Senhora minha, não conheceis as leis da caridade que mandam retribuir com o bem o mal, com bênçãos as maldições.

ANA - Pírfido, tu não conheces nem a lei de Deus nem a lei dos homens. Não há besta alguma, por mais feroz, que não conheça a piedade.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Mas eu não a conheço, de sorte que não sou besta alguma.

ANA - Oh, maravilha, quando os demônios dizem a verdade!

RICARDO (Duque de Gloucester) - Mor maravilha quando os anjos se enfurecem desta sorte. Permiti, ó mulheril, divina perfeição, que me seja possível desses supostos crimes defender-me passo a passo.

ANA - Permite, ó varonil pestilenta infecção, que apenas me seja possível destes males conhecidos acusar tua maldita pessoa passo a passo.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Ó mais formosa do que a língua pode dizer, dá-me um tempo paciente para me poder escusar.

ANA - Ó mais torpe do que o coração consegue imaginar, não podes manifestar outra escusa a não ser o teu próprio enforcamento.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Esse desespero seria a minha acusação.

ANA - E por esse desespero serás tu escusado por, finalmente digno, teres vingado em ti a carnificina indigna que cometeste noutros.

RICARDO (Duque de Gloucester) - E se eu não os tivesse assassinado?

ANA - Então é porque não foram abatidos mas estão mortos, e por ti, ó escravo do diabo.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Não matei o teu marido.

ANA - Então é que ele está vivo.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Não, está morto, e foi abatido pela mão de Eduardo.

ANA - Maior mentira nunca o mundo ouviu. A Rainha Margarida viu a tua lâmina assassina fumegante do seu sangue, a mesma que apontaste contra o peito seu mas cuja ponta os teus irmãos desviaram.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Fui provocado pela língua injuriosa da Rainha que lançava a culpa que eles tinham sobre os meus ombros sem culpa.

ANA - Foste provocado pelo teu espírito perverso que nunca sonha com mais nada senão carnificinas. Não mataste este Rei?

RICARDO (Duque de Gloucester) - Concedo-vos que sim.

ANA - Concedes-me, porco-espinho! Pois me conceda Deus também uma maldição sobre ti por esse feito perverso. Oh, como ele era amável, doce e virtuoso.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Melhor para o Rei dos céus que o tem agora.

ANA - Está no céu, onde tu nunca entrarás.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Deixai que ele me agradeça para lá tê-lo enviado, pois era o seu lugar, mais esse que na terra.

Fonte: Shakespeare (2007)

O primeiro delito atribuído a Ricardo III é o assassinato de Eduardo, o último príncipe de Gales na linhagem Lancasteriana, que ocorreu no campo de batalha de Tewkesbury, em 4 de maio de 1471. Filho único de Henrique VI e Margarida de Anjou, Eduardo de Westminster tinha 17 anos quando ele e sua mãe lideraram o restante de suas forças para encontrar o exército de Eduardo IV em uma batalha cujo desfecho decidiria o destino do aprisionado Henrique VI.

De acordo com alguns registros, após a derrota dos lancasterianos em Tewkesbury, um pequeno contingente de homens sob o comando do Duque de Clarence encontrou o príncipe de luto perto de um bosque e o decapitou imediatamente em um bloco improvisado, apesar de seus apelos. Segundo a Richard III Society - American Branch ([200-?], p. 1):

Há muitas fontes contemporâneas, duas delas escritas logo após a batalha de Tewkesbury. A primeira, uma carta escrita pelo Duque de Clarence em 6 de maio, diz

que Eduardo foi morto na batalha. O *Arrivall of Edward IV*, yorkista em simpatia e escrito apenas cerca de um mês depois, diz que Eduardo foi morto na fuga após a batalha. Há cinco outros relatos escritos em 1471 ou logo depois que confirmam estas declarações, reiteradas pelo lancasteriano *Warkworth* em cerca de 1478.⁸¹

A primeira referência ao envolvimento de Ricardo se encontra na *Anglica Historia*, publicada por Polidoro Vergili em 1534, na qual o historiador italiano afirma que Eduardo fora cruelmente assassinado pelo Duque de Clarence, por Lord Hastings e pelo Duque de Gloucester. Outras narrativas suportam a tese de Vergili, são elas a *The Grand Chronicle of London* e o texto de Edward Hall, todos escritos durante a era Tudor. Mais tarde, essa versão dos fatos foi dramatizada por William Shakespeare em *Henrique VI* (parte 3, ato 5, cena 5).

Segundo eles, Westminster foi capturado e levado perante o vitorioso Eduardo IV, seus irmãos e seguidores. O rei recebeu o príncipe graciosamente, e lhe perguntou por que ele havia pegado em armas contra ele. O príncipe respondeu desafiadoramente: “Eu vim para recuperar a herança de meu pai”. O rei então golpeou o príncipe em seu rosto com a luva de sua armadura, e seus irmãos mataram o príncipe com suas espadas.

Nota-se que ninguém acusa apenas Gloucester do assassinato, esta transgressão é sempre associada a Clarence e a Hastings e mais tarde a Thomas Grey, Marquês de Dorset. É nas *Chronicles of England, Scotland, and Ireland* de Raphael Holinshed, publicadas pela primeira vez em 1577, que Ricardo de Gloucester é mencionado como único acusado do assassinato de Eduardo. Tendo sido o texto padrão da história da Inglaterra, as *Chronicles* de Holinshed serviram de base para Shakespeare, que fez amplo uso dele como uma das fontes de material para suas peças. Shakespeare utilizou o crime para fins dramáticos, transformando-o no primeiro de uma série de assassinatos premeditados que pavimentaram o caminho de seu Ricardo até o trono. No entanto, nenhum desses relatos aparece em nenhuma das fontes contemporâneas, todas relatam que Eduardo morreu em batalha.

O segundo delito atribuído a Ricardo III é o assassinato de Henrique VI, o último rei inglês na linhagem Lancasteriana, que ocorreu na noite de 21 para 22 de maio de 1471, data em que Eduardo IV voltou a Londres após sua vitória na batalha de Tewkesbury, a derrota final para a causa Lancasteriana. Quem acusa Ricardo dessa morte é More (1924, p. 7), que afirma:

[Ricardo] matou com suas próprias mãos o Rei Henrique VI, sendo prisioneiro na Torre, como os homens dizem constantemente, e que sem comando ou conhecimento do Rei [Eduardo IV], que sem dúvida, se tivesse pretendido aquela coisa, teria

⁸¹ Traduzido pela autora. No original: “There are many contemporary sources, two of them written very soon after the battle of Tewkesbury. The first, a letter written by the Duke of Clarence on 6 May, says that Edward was killed in the battle. The *Arrivall of Edward IV*, Yorkist in sympathy and written only a month or so afterwards says that Edward was killed in the flight after the battle. There are five other accounts written in 1471 or soon after which confirm these statements, reiterated by the Lancastrian *Warkworth* in about 1478.”

entregado aquele cargo de açougueiro para algum outro que não seu próprio irmão de sangue.⁸²

Embora possa-se considerar a possibilidade de um assassinato, pois é difícil crer na afirmação feita em *Arrivall of Edward IV*, de que ele morreu de puro desagrado e melancolia, e a sua morte tendo ocorrido tão pouco tempo depois da de seu filho, parece improvável que tenha sido uma coincidência. Naturalmente, os sentimentos de Henrique quanto à própria deposição e quanto à perda de Eduardo podem ter contribuído para fragilizar o monarca destronado, todavia as fontes mais antigas que registaram a morte de Henrique não mencionam ninguém como sendo pessoalmente responsável, embora os primeiros escritores relatando o fato após 1485 assumam que houve um assassinato e que Eduardo IV deve ter dado a ordem para tal. Supõe-se que os primeiros a nomear Gloucester como assassino são provavelmente o francês Philippe de Commines, escrevendo por volta de 1490, e o inglês John Rous, autor de *Historia de Regibus Anglie*, escrito aproximadamente na mesma época.

Para a Richard III Society - American Branch ([200-?], p. 1):

Segundo Rous, os escritores ingleses enriqueceram a história da mesma forma que fizeram com a da morte do filho de Henrique, embora sem acrescentar tantos detalhes. As discussões sobre a responsabilidade de Gloucester tendem a centrar-se na data em que a morte ocorreu, uma vez que Ricardo só esteve em Londres de 21 de maio até ao dia seguinte. Sir Clements Markham tentou mostrar que Henrique não morreu até 24 de maio pelo menos, mas isso certamente não aconteceu, e parece mais provável que Henrique tenha morrido na noite de 21 para 22 de maio. Gloucester esteve sem dúvida na Torre naquela noite, mas sem dúvida também estiveram o seu irmão Eduardo e um grande número de outras pessoas.⁸³

Salienta-se que, era dever de Ricardo, como Condestável da Inglaterra, encontrar-se presente na comitiva de Eduardo, e alojar-se na Torre naquele fatídico dia não passava de uma formalidade. O verdadeiro beneficiário da morte de Henrique fora Eduardo e não o duque de Gloucester. Assim o é, que, após o anúncio da morte do rei deposto, Eduardo IV foi coroado novamente na manhã seguinte ao óbito. Tattersall (2016) apoia tal tese ao mencionar que:

Não há provas de que Ricardo de Gloucester tenha cometido ele próprio a terrível façanha. Não haveria necessidade de o ter feito; não havendo certamente falta de guardas e de degoladores dispostos a pôr-lhe a mão pelo poder. A *Crowland Chronicle* registou: “*Nada direi, neste momento, sobre a descoberta do corpo sem vida do Rei*”

⁸² Traduzido pela autora. No original: “He slew with his own hands King Henry the sixth, being prisoner in the Tower, as men constantly say, and that without commandment or knowledge of the King, which would undoubtedly if he had intended that thing, have appointed that butcherly office, to some other than his own born brother.”

⁸³ Traduzido pela autora. No original: “Following Rous the English writers embellish the story in much the same way as that of the death of Henry’s son although without adding so much detail. Discussions of Gloucester’s responsibility tend to centre on the date on which the death took place, since he was only in London from 21 May until the next day. Sir Clements Markham tried to show that Henry did not die until 24 May at least but this is certainly not so, and it seems most likely that Henry did die on the night of 21-22 May. Gloucester was undoubtedly in the Tower on that night, but then so was his brother Edward and a large number of other people.”

Henrique na Torre de Londres; que Deus tenha piedade dele e dê tempo para o arrependimento, de quem quer que seja, que ousou colocar mãos sacrílegas sobre o Ungido do Senhor! [sic] E assim, que o fazedor mereça o título de tirano e a vítima o de mártir glorioso”. (Crowland Chronicle Continuations, ed. de Pronay & Cox, p.129-131). Na biografia de Paul Murray Kendall sobre Ricardo III, ele escreve: “*Na sua qualidade de Condestável da Inglaterra, caberia oficialmente a Ricardo levar o seu mandato até à Torre e receber a notificação de que o mesmo tinha sido executado. O embaixador milanês na corte francesa comunicou ao seu mestre que o rei Eduardo “causou o assassinato secreto do rei Henrique na Torre.... Em suma, ele escolheu esmagar a semente”* (Col. Mil. Papers, p.157). Charles Ross na sua biografia de 1981 de Ricardo III escreve: “*...um elemento de suspeita relativamente ao seu envolvimento na morte de Henrique VI talvez permaneça,.....No máximo, ele pode ter sido o agente e não o director do assassinato do rei Henrique, uma vez que, como Gairdner salientou há muito tempo, a decisão de assassinar outro rei só teria sido tomada pelo rei pessoalmente”.* (p.22). (TATTERSALL, 2016, p. 1).⁸⁴

Reforçando a influência direta de Eduardo IV no falecimento de seu antecessor há a petição encaminhada ao Papa Alexandre VI em 1494 para que os restos mortais de Henrique VI fossem movidos para a Abadia de Westminster. Em determinada passagem do apelo, fica claro que Henrique “*havia cedido a uma morte lamentável, por ordem de Eduardo, que era então rei de Inglaterra*” (RICHARD III SOCIETY OF CANADA, [200-], p. 2).

O terceiro delito atribuído a Ricardo III é também um crime que o liga a Eduardo IV: o assassinato de Jorge Plantageneta, duque de Clarence, seu irmão mais velho. O trecho abaixo corresponde ao diálogo entre os algozes enviados por Ricardo e Clarence, que se encontra preso em uma cela na Torre de Londres:

⁸⁴ Traduzido pela autora. No original: “There is no evidence that Richard of Gloucester did the terrible deed himself. There would have been no need for him to do so; there being certainly no lack of guards and cut-throats willing to put their hand to it for the powers-that-be. The Crowland Chronicle recorded: “*I shall say nothing, at this time, about the discovery of King Henry's lifeless body in the Tower of London; may God have mercy upon and give time for repentance to him, whoever it might be, who dared to lay sacrilegious hands on the Lord's Anointed! [sic] And so let the doer merit the title of tyrant and the victim that of glorious martyr.*” (Crowland Chronicle Continuations, ed. by Pronay & Cox, pp.129, 131) In Paul Murray Kendall's biography of Richard III, he writes: “*In his capacity as Constable of England it would officially fall to Richard to bear their mandate to the Tower and receive notification that it had been carried out. The Milanese ambassador to the French court reported to his master that King Edward 'has caused King Henry to be secretly assassinated in the Tower.... He has, in short, chosen to crush the seed'* (Col. Mil. Papers, p.157).” Charles Ross in his 1981 biography of Richard III writes: “*...an element of suspicion regarding his involvement in the death of Henry VI perhaps remains,.....At most, he may have been the agent, not the director of King Henry's murder, since, as Gairdner long ago pointed out, the decision to murder another king would only have been made by the king personally.*” (p.22)”.

Quadro 3 – Ricardo III - Ato 1, cena 4

Ricardo III - Ato 1, cena 4

CLARENCE - Onde estás, guarda? Dá-me um copo de vinho.

SEGUNDO ASSASSINO - Tereis em breve, senhor, todo o vinho que quiserdes.

CLARENCE - Por Deus, quem és tu?

SEGUNDO ASSASSINO - Um homem, tal como vós.

CLARENCE - Mas não régio como eu.

PRIMEIRO ASSASSINO - Nem vós leal, como ele e eu.

CLARENCE - A tua voz é de trovão, mas o teu semblante humilde.

PRIMEIRO ASSASSINO - A minha voz agora é a do Rei, e o semblante é o meu.

CLARENCE - Quão sombria e funesta é a tua fala. Vossos olhos me ameaçam. Porque vos pusestes pálido? Quem vos mandou aqui? Para que viestes vós?

AMBOS - Para... para... para...

CLARENCE - Para me matar?

AMBOS - Sim, sim.

CLARENCE - Quase não tendes coração para mo dizer, E por isso não tereis coração para o fazer. Amigos, em que vos ofendi?

PRIMEIRO ASSASSINO - Não nos ofendestes a nós, ofendestes ao Rei.

CLARENCE - Ainda um dia estarei em paz com ele.

SEGUNDO ASSASSINO - Nunca, senhor. Por isso aparelhai-vos para a morte.

CLARENCE - Haveis sido arrancados ao mundo dos homens para matar o inocente? Que ofensa é a minha? Onde está a prova que me acusa? Que demanda forneceu o veredicto ao severo juiz? Ou quem pronunciou amarga sentença da morte do pobre Clarence? Antes de ser condenado pela força da lei, é mui fora de lei ameaçar-me com a morte. Eu vos ordeno, posto que esperais a redenção, pelo sagrado sangue de Cristo, derramado por nossos grandes pecados, que partais e que não ponhais vossas mãos sobre mim. É condenável o feito que empreendeis.

PRIMEIRO ASSASSINO - O que faremos será por obediência.

SEGUNDO ASSASSINO - E foi o nosso Rei quem ordenou.

CLARENCE - Cegos vassalos! O Sumo Rei dos reis ordenou na grande tábua dos seus mandamentos: não matarás. Escarnecereis então da sua ordem, e cumprireis a ordem de um mortal? Havei cuidado! Porque Ele tem a vingança em Sua mão. Para a lançar sobre as cabeças dos que quebram Sua lei.

SEGUNDO ASSASSINO - E a mesma vingança ele a lança sobre ti. Por perjúrio e também por assassínio. No altar haveis jurado lutar pela Casa de Lancastre.

PRIMEIRO ASSASSINO - E, qual traidor do nome do Senhor, quebraste o voto, e com tua traiçoeira lâmina rasgaste as entranhas ao filho do teu Rei.

SEGUNDO ASSASSINO - A quem havias jurado estimar e defender.

PRIMEIRO ASSASSINO - Como podes chamar contra nós a terrível lei de Deus quando tu a violaste e tão fundamente?

CLARENCE - Coitado de mim, por quem cometi eu obra tão funesta? Por Eduardo, por meu irmão, por ele. Não vos manda ele matar-me por essa razão, porque em tal pecado está ele tão metido como eu. Se Deus quiser vingar um tal cometimento, ficai sabendo, Ele o fará sem qualquer encobrimento. Não usurpeis a querela ao Seu braço poderoso. Ele não precisa de meios ínvios ou sem lei para punir aqueles que O ofenderam.

PRIMEIRO ASSASSINO - Quem te tornou ministro sangrento quando o valoroso, galante e promissor Plantageneta, esse tenro príncipe, sucumbiu às tuas mãos?

CLARENCE - O amor a meu irmão, o demônio e a minha cólera.

PRIMEIRO ASSASSINO - O amor a teu irmão, o nosso dever e os teus crimes nos levam agora a matar-te.

CLARENCE - Oh, se amais meu irmão, não me odieis. Sou seu irmão, e tenho-o em grande estima. Se vos pagam por tal cometimento, ide-vos, e eu vos enviarei a meu irmão Gloucester, que pela minha vida maior prêmio vos dará do que Eduardo pela nova de minha morte.

SEGUNDO ASSASSINO - Estais enganado, vosso irmão Gloucester odeia-vos.

CLARENCE - Oh, não, ele ama-me, e tem por mim profunda estima. Ide da minha parte junto dele.

PRIMEIRO ASSASSINO - Pois, assim faremos.

CLARENCE - Dizei-lhe que quando o nosso ilustre pai York deu a bênção a seus três filhos com seu braço vitorioso, e do fundo da sua alma ordenou que nos amássemos uns aos outros, ele não tinha em mente esta amizade rompida. Dizei a Gloucester que atente nisto, e ele chorará.

PRIMEIRO ASSASSINO - Sim, pedras, assim nos ensinou a chorar.

CLARENCE - Oh, não o calunieis, porque ele é bom.

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 4 – Ricardo III - Ato 1, cena 4 – continuação Quadro 3

<p><i>Ricardo III - Ato 1, cena 4</i></p> <p>PRIMEIRO ASSASSINO - Decerto, como a neve para a seara. Vamos, estais a iludir-vos. É ele quem nos manda para aqui vos destruímos.</p> <p>CLARENCE - Não pode ser assim, porque ele chorou a minha sorte. E me abraçou, e jurou soluçando que havia de porfiar por alcançar a minha liberdade.</p> <p>PRIMEIRO ASSASSINO - Pois é o que ele faz, com libertar-vos do vale de lágrimas desta terra para as alegrias do céu.</p> <p>SEGUNDO ASSASSINO - Fazei a paz com Deus, porque ides morrer, senhor.</p> <p>CLARENCE - Haveis em vossas almas esse sagrado sentimento que me dá conselho de fazer a paz com Deus e estais tão cegos com respeito a vossas almas que quereis fazer guerra a Deus com a minha morte? Ó senhores, considerai. Os que vos moveram a esta obra, por tal obra vos odiarão.</p> <p>SEGUNDO ASSASSINO - Que faremos?</p> <p>CLARENCE - Tende piedade, e salvai as vossas almas.</p> <p>PRIMEIRO ASSASSINO - Ter piedade! Não, isso é covardia e feminil fraqueza.</p> <p>CLARENCE - Não ter piedade é feroz, selvagem e próprio do demônio. Qual de vós, se fosse filho de um príncipe, estando como eu privado de liberdade, se dois assassinos como vós se aproximassem não imploraria a vida? Ah, vós havíeis de a pedir, se vivêsseis a minha má fortuna. (Para o segundo assassino) Amigo, entrevejo piedade no teu gesto. Oh, se os teus olhos não forem fingidores, passa para meu lado, e intercede por mim. Um príncipe pedinte, que pedinte o não lastima?</p> <p>SEGUNDO ASSASSINO - Olhai para trás, senhor!</p> <p>PRIMEIRO ASSASSINO - Toma! Toma! (Apunhala-o) Se tudo isto não bastar, vou afogar-vos no barril de malvasia. (Sai com o corpo)</p>
--

Fonte: Shakespeare (2007)

Antes de se enveredar pela seara do perecimento do duque de Clarence, menciona-se que Jorge e Eduardo IV estiveram em disputa durante algum tempo sobre uma variedade de assuntos. Em mais de uma ocasião, Jorge desafiou a autoridade de Eduardo como rei, contestando a sua legitimidade, a validade de seu casamento com Elizabeth Woodville em 1464 e até pegando em armas contra o irmão entre 1470 e 1471. Carson (2013, p. 15) reforça que:

Segundo Mancini, Clarence tinha começado com o pé errado com os seus sogros por fazer uma “denúncia amarga e pública da obscura família de Elizabeth, e por proclamar que o rei, que deveria se casar com uma mulher virgem, tinha se casado com uma viúva em violação do costume estabelecido”.

Tais acusações, se feitas, não fizeram mais do que dar voz a uma queixa generalizada sobre a escolha de Eduardo para rainha. Elizabeth era uma súdita e uma plebeia que não trazia nenhuma vantagem financeira e estratégica como poderia ter sido obtida por uma aliança com a realeza estrangeira. Nenhum rei desde a Conquista, com a única exceção de Henrique I, havia procurado uma esposa na Inglaterra. Além disso, a família de Elizabeth havia lutado contra a casa de York. Clarence poderia muito bem ter acrescentado mais objeções à pressa de Eduardo em se casar, tais como seu segredo sem consulta ou formalidade adequada, e o fato de Eduardo ter continuado a esconder o matrimônio por mais de quatro meses mesmo tendo pleno conhecimento das abordagens diplomáticas que estavam sendo feitas para casamentos com algumas das principais famílias reais da Europa.⁸⁵

⁸⁵ Traduzido pela autora. No original: “According to Mancini, Clarence had started off on very much the wrong foot with his in-laws by ‘bitter and public denunciation of Elizabeth’s obscure family, and by proclaiming that the king, who ought to have married a virgin wife, had married a widow in violation of established custom’. Such accusations, if made, did no more than give voice to a widely-held grievance about Edward’s choice of queen. Elizabeth was a subject and a commoner who brought no financial and strategic advantage as might have been gained by an alliance with foreign royalty. No king since the Conquest, with the sole exception of Henry I, had sought a wife within England. Moreover, Elizabeth’s family had fought against the house of York. Clarence might

Embora se considere o desagrado familiar e político causado pelas querelas de Clarence, há que mencionar-se a sua trajetória de incansável autopromoção, que envolveu casar-se contra a vontade de Eduardo IV e cimentar uma aliança com os inimigos do rei – ingleses e franceses – na ousada pretensão de substituí-lo no trono. Embora tenha se reconciliado temporariamente de seu irmão monarca após a morte de seu sogro revoltoso na batalha de Barnet em 1471, Clarence não tardou a retomar seus hábitos arrogantes. Após a morte de sua esposa, Isabel Neville, em 1476, Clarence procurou casar-se com Maria, filha e herdeira do Duque Charles de Borgonha. Eduardo proibiu a partida, temendo que Clarence, apoiado pelos recursos da Borgonha, pudesse novamente tentar tomar o trono inglês. O rei também rejeitou a partida proposta matrimonial feita pelo irmão a uma irmã de Jaime III da Escócia. O duque não aceitou estas decepções e retirou-se da corte e do conselho real, recusando-se a jantar com o rei como se temesse ser envenenado. Em maio de 1477, Eduardo ordenou a prisão de Thomas Burdett, um dos serviçais de Clarence, por tentar destruir o rei e o príncipe herdeiro através da magia negra. Burdett, que também fora acusado de incitar uma rebelião, foi condenado e executado, uma mensagem óbvia para o duque.

A resposta de Clarence foi a de irromper em uma reunião do conselho e fazer com que a declaração de Burdett sobre sua inocência fosse lida por um pregador notório por expor publicamente o direito de Henrique VI ao trono em setembro de 1470. A tolerância de Eduardo terminou abruptamente e ele mandou prender, julgar e condenar seu irmão por traição, adicionando à lista de transgressões de Jorge uma tentativa de usurpação da autoridade real ao prender e julgar sumariamente Ankarette Twynho, uma criada da falecida duquesa de Clarence, que os homens do duque haviam executado em abril de 1477 por supostamente ter envenenado sua esposa e filho.

A *Encyclopedia of the Wars of the Roses* (2001, p. 1) detalha que:

Em janeiro de 1478, o parlamento acusou o duque de traição. O próprio rei apresentou um ato de posse contra seu irmão; a ação incomum de Eduardo fora instigada em parte por sua crença de que Clarence havia declarado abertamente que Burdett havia sido executado injustamente e que o rei era um bastardo sem direito à Coroa. Embora Clarence pudesse negar as acusações, ninguém mais falaria em sua defesa, e poucas tentativas foram feitas para provar as acusações. Depois que um parlamento cheio de servos reais aprovou o ato, Eduardo hesitou por dez dias antes de ordenar que a sentença fosse executada. Para poupar tanto o duque quanto a casa de York de uma execução pública, Clarence foi supliciado dentro da Torre no dia 18 de fevereiro,

well have added further objections to Edward's headlong rush into wedlock, such as its secrecy without consultation or proper formality, and the fact that Edward continued to conceal it for more than four months in the full knowledge of diplomatic approaches being made for marriage into some of Europe's leading royal families".

provavelmente, como rumores posteriores afirmaram, ao ser afogado em um tonel (ou seja, em um grande barril) de vinho da Madeira.⁸⁶

Embora os propagandistas Tudor tenham mais tarde acusado Ricardo de engendrar a morte de seu irmão, a responsabilidade pela execução cabe a Eduardo IV, que por volta de 1478 tinha chegado a ver a morte de Clarence como uma necessidade política. É de se supor que, para fins de construção dramática e narrativa, Shakespeare tenha optado por transferir a culpa de todo e qualquer malefício que recaiu sobre a casa dos York para a figura de Ricardo, pois na peça, o mesmo se intitula vilão afinal.

O quarto delito atribuído a Ricardo III resulta da morte de Jorge Plantageneta, duque de Clarence. Os trechos abaixo correspondem à tentativa de Ricardo de transferir o fardo da culpa pela morte de Clarence para seu irmão mais velho doente, o Rei Eduardo, a fim de acelerar a doença e morte do monarca.

Quadro 5 – Ricardo III - Ato 2, cena 1

Ricardo III - Ato 2, cena 1⁸⁷

RICARDO (Duque de Gloucester) - Um bom dia ao meu soberano Rei e à Rainha; e aos ilustres pares, um tempo feliz.

REI EDUARDO IV - Feliz, sim, como passamos o dia. Gloucester, fizemos ações caridosas, fizemos da inimizade paz, do ódio leal amor, entre estes pares arrogantes e sem razão incensados.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Abençoado trabalho, meu senhor mui soberano. Se, de entre esta ilustre companhia, alguém aqui, por perverso entendimento ou falsa suposição, me tem por inimigo, se eu, involuntariamente ou movido pela ira, tiver alguma vez cometido, o que com dificuldade se aceita, contra alguém aqui presente, desejo conciliar-me com sua amável paz, viver em inimizade é morte para mim. Eu tal odeio, e desejo a estima dos homens bons. Imploro primeiro a vós, senhora, uma vera paz. Que retribuerei com serviço respeitoso. E a vós, meu nobre primo Buckingham, se alguma vez ressentimento entre nós houve. E a vós, senhor de Rivers, e senhor de Grey, e a vós todos os que sem razão me malqueiram, duques, condes, senhores, fidalgos, a todos vós, a todos, não conheço inglês algum contra o qual minha alma se levante mais do que faria um menino acabado de nascer. Dou graças a Deus por minha humildade.

ISABEL - Este é um dia santo e para sempre assim guardado. Provera a Deus que houvessem remédio para todas as contendas. Meu soberano senhor, imploro a Vossa Alteza que estenda a Vossa Graça a nosso irmão Clarence.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Quê, senhora! Ofereci eu o meu amor para tal, para assim ser escarnecido nesta presença régia? Quem não sabe que está morto o gentil Duque? (Todos se sobressaltaram) Vós o injuriais, zombando do seu cadáver!

RIVERS - Quem não sabe que ele está morto? Mas quem sabe que ele está morto?

ISABEL - Céus que tudo vedes, que mundo é este?

BUCKINGHAM - Estarei tão pálido, senhor de Dorset, como estão todos os outros?

DORSET - Estais, senhor, e não há ninguém aqui presente a quem a cor do rosto se não tenha mudado.

REI EDUARDO IV - Clarence está morto? A ordem era já outra.

Fonte: Shakespeare (2007)

⁸⁶ Traduzido pela autora. No original: “In January 1478, parliament arraigned the duke on charges of treason. The king himself introduced a bill of attainder against his brother; Edward’s unusual action was instigated in part by his belief that Clarence had openly declared that Burdett had been unjustly executed and that the king was a bastard with no right to the Crown. Although Clarence was allowed to deny the charges, no one else would speak in his defense, and little attempt was made to prove the accusations. After a Parliament filled with royal servants passed the bill, Edward hesitated for ten days before ordering that the sentence be carried out. To spare both the duke and the house of York a public execution, Clarence was put to death inside the Tower on 18 February, probably, as later rumor claimed, by being drowned in a butt (i.e., a large cask) of malmsey wine.”

⁸⁷ A peça faz uso do nome latino da rainha, Isabel. Todavia, como forma de diferenciar a personagem de Isabel Neville, duquesa de Clarence, este trabalho mantém a grafia Elizabeth para se referir à cônjuge de Eduardo IV.

Quadro 6 – Ricardo III - Ato 2, cena 1 – continuação Quadro 5

Ricardo III - Ato 2, cena 1

RICARDO (Duque de Gloucester) - Mas ele, pobre homem, à vossa ordem primeira morreu, e essa um Mercúrio com asas transportou. Algum coxo vagaroso levou a ordem contrária e chegou tão tarde que nem o enterro viu. Deus permita que alguns, menos nobres e menos leais, mais próximos nos pensamentos sanguinosos, mas menos no sangue, e que no entanto são livres de suspeição, mereçam a mesma sorte que o desditoso Clarence.

(Entra Stanley, Conde de Derby)

STANLEY - Recompensa, meu soberano, pelo serviço prestado!

REI EDUARDO IV - Deixa-me, eu te peço; minha alma é prenhe de amargura.

STANLEY - Não me levantarei enquanto Vossa Alteza não me ouvir.

REI EDUARDO IV - Então diz de contínuo o que desejas.

STANLEY - A graça, meu soberano, da vida de um meu criado que assassinou hoje um fidalgo desordeiro que a este tempo servia o Duque de Norfolk.

REI EDUARDO IV - Tenho língua que condena à morte o meu irmão e essa mesma língua dará perdão a um escravo? Meu irmão não matou homem algum, seu crime foi o pensamento, e contudo o castigo foi a morte amarga. Quem me rogou em seu favor? Quem, em minha ira, se ajoelhou a meus pés e me pediu que ponderasse? Quem falou de fraternal amor? Quem falou de amor? Quem me contou que aquela alma triste abandonou o poderoso Warwick e combateu por mim? Quem me contou que, na batalha, em Tewkesbury, quando Oxford me derrubou, ele me salvou e disse: “Querido irmão, vive e sê rei!” Quem me contou, quando estávamos nós ambos deitados no campo, quase mortos pelo frio, que ele me cobriu com suas próprias vestiduras, e se entregou magro e nu, à noite mui fria? Tudo isto de minha lembrança a bruta ira em pecado arrancou, e de entre vós não houve um só que tivesse bondade bastante para mo pôr em mente. Mas quando vossos carreteiros ou vossos servos ébrios cometem um assassinio, e maculam a preciosa imagem de nosso querido Redentor, logo vos pondeis de joelhos pedindo “perdão, perdão!” E eu, injusto em demasia, sou forçado a concedê-lo. Mas em favor de meu irmão não falou homem algum. Nem eu, desgraçado, para mim próprio falei em seu favor, coitado. Os mais orgulhosos de entre vós deviam-lhe favores durante a vida, mas nenhum de vós intercedeu uma só vez pela vida dele. Ó Deus, temo que por tal se abata sobre mim Tua justiça, e sobre vós, e sobre os meus e sobre os vossos. Vinde, Hastings, ajudai-me a chegar a minha câmara. Oh, pobre Clarence!

(Saem algumas pessoas com o Rei e a Rainha)

RICARDO (Duque de Gloucester) - São estes os frutos da leviandade: não haveis notado como os culpados parentes da Rainha empalideceram com ouvir dizer a morte de Clarence? Oh, foram eles que com insistência a exigiram de El-Rei. Deus vingá-lo-á. Vinde, senhores, vinde confortar Eduardo com a nossa companhia.

BUCKINGHAM - Servimos Vossa Graça.

(Saem)

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 7 – Ricardo III - Ato 2, cena 2

<p><i>Ricardo III - Ato 2, cena 2</i></p> <p>(Entra a velha Duquesa de York com os dois filhos de Clarence.)</p> <p>MENINO - Dizei-me, avó querida, o nosso pai morreu?</p> <p>DUQUESA DE YORK - Não, menino.</p> <p>MENINA - Por que chorais tantas vezes e porque bateis no peito? E por que gritais: “Oh, Clarence, meu desafortunado filho”?</p> <p>MENINO- Porque olhais para nós e meneais a cabeça, e nos chamais órfãos, infelizes, condenados, se ainda vive o nosso nobre pai?</p> <p>DUQUESA DE YORK- Meus primos queridos, não me haveis entendido: eu lamento a doença de El-Rei com medo de o perder, não a morte de vosso pai. Seria dor perdida chorar por quem perdido está.</p> <p>MENINO - Confessais, então, avó, que ele morreu. El-Rei, meu tio, é culpado. Deus vingá-lo-á, Deus: a quem eu hei de importunar com preces honestas, todas a isso destinadas.</p> <p>MENINA - E eu também.</p> <p>DUQUESA DE YORK - Sossegai, meninos, sossegai. El-Rei ama-vos muito. Frágeis e néscios inocentes, não podeis imaginar quem foi causa da morte de vosso pai.</p> <p>MENINO - Podemos, avó, porque meu bom tio Gloucester me disse que El-Rei, movido a tal pela Rainha, imaginou acusações para o prender, e quando meu tio me contou isto chorava e me lamentava, e com afeição me beijou a face. Mandou-me que confiasse nele como se fora meu pai e ele me amaria com ternura como se eu fora seu filho.</p> <p>DUQUESA DE YORK - Oh, que a hipocrisia se disfarce em forma tão gentil e esconda o profundo vício com viseira virtuosa! Ele é meu filho, sim, e aí está minha afronta, mas não foi de meus peitos que ele bebeu hipocrisia.</p> <p>MENINO - Cuidais, avó, que meu tio dissimulou?</p> <p>DUQUESA DE YORK - Menino, assim o cuido.</p> <p>MENINO - Eu não posso assim cuidar. Ouvi, que rumor é este?</p> <p>(Entra a Rainha Isabel com o cabelo desganhado, Rivers e Dorset atrás dela.)</p> <p>ISABEL - Ah! Quem me impedirá de lamentar e chorar, de maldizer minha sorte e de a mim própria me atormentar? Contra minha alma eu me juntarei ao negro desespero e farei de mim própria inimiga.</p> <p>DUQUESA DE YORK - A que vem esta cena de tão rude impaciência?</p> <p>ISABEL - Vem causar um ato de trágica violência. Eduardo, o meu senhor, teu filho, nosso Rei, morreu. Porque crescem os ramos, quando a raiz se foi? Porque não secam as folhas que necessitam da seiva? Se viverdes, lamentai. Se morrerdes, sede breves, para que as nossas almas de asas velozes possam apanhar a alma de El-Rei ou segui-lo como vassalos obedientes até seu novo reino de imutável noite.</p>
--

Fonte: Shakespeare (2007)

Os anos que se seguiram à execução de Clarence foram marcados por mudanças na dinâmica da família real. Ricardo absteve-se da corte e permaneceu em suas propriedades do norte enquanto Eduardo preferia deleitar-se com comida, bebida e companhias de caráter duvidoso. Um destacado líder militar em sua juventude, o rei pretendia comandar pessoalmente uma grande campanha contra os escoceses no verão de 1481, mas quando chegou o momento de liderar seu exército, sua condição física o impediu. Outrora esguio, Eduardo havia se tornado corpulento — tanto que não podia mais cavalgar à frente de suas tropas.

Isso o fez adiar sua incursão até 1482, quando apoiou uma tentativa de Alexandre Stewart, 1º duque de Albany, irmão do Rei Jaime III da Escócia, de tomar o trono escocês. Ricardo liderou uma invasão que resultou na captura de Edimburgo e do próprio rei dos escoceses, mas Albany renegou seu acordo com Eduardo. Gloucester decidiu retirar-se de sua posição de força em Edimburgo não sem antes recuperar Berwick-upon-Tweed.

Ainda que distante de seus dias de juventude, Carson (2013) afirma que Eduardo não era um homem doente. Segundo ela:

Historiadores foram levados a acreditar que sua saúde estava se deteriorando com um relatório aparentemente contemporâneo aos pais da cidade de Canterbury em 1482, mas isto foi identificado como uma interpolação editorial. De fato, as observações da corte do cronista da *Crowland*, do divertimento no último Natal, com o rei cortando um traço em roupas de uma moda novinha em folha, não indicam nenhuma doença.

Em uma recente sessão parlamentar, ele também se comprometeu com uma guerra de retribuição contra a França: não era a ação de alguém que sentia que sua saúde estava falhando. Neste contexto, o cronista da *Crowland* o descreve como um “príncipe espirituoso” e um “rei ousado”.⁸⁸ (CARSON, 2013, p. 12)

Ainda assim, na páscoa de 1483, Eduardo adoeceu fatalmente, mas sobreviveu o suficiente para acrescentar alguns códices ao seu testamento, sendo o mais importante nomear seu irmão Ricardo, duque de Gloucester, como Lorde Protetor do reino após sua morte. Eduardo IV morreu em 9 de abril de 1483 e foi enterrado na Capela de São Jorge, no Castelo de Windsor. Não se sabe o que realmente causou a morte de rei embora pneumonia, febre tifoide, acidente vascular cerebral houvessem sido conjecturados, assim como envenenamento. Tão logo uma teoria sobre esse tipo particular de assassinato surge nos registros da História, um suspeito não tarda a ser apontado. Para a maioria daqueles escrevendo após 1485, o culpado era evidentemente Ricardo, o ganancioso duque que removera um a um de seus adversários na busca pela coroa. Muitos não considerariam suspeitar da consorte de Eduardo, a rainha Elizabeth (previamente Woodville): pareceria imprudente ao extremo que uma rainha acabasse com um rei poderoso e bem sucedido, especialmente quando ele tinha sido o principal provedor de sua família durante dezenove anos. No entanto, Carson (2013) apresenta duas considerações que funcionam a favor da hipótese:

Primeiro, após quase vinte anos de casamento (e já sendo cinco anos mais velha que Eduardo), Elizabeth sem dúvida teria perdido muitos de seus encantos aos olhos do rei. Seu lugar no luxurioso leito de Eduardo era frequentemente suplantado pelas amantes, e como uma mulher de quarenta e cinco anos de idade que sobreviveu a dez gestações, não seria surpreendente que ela temesse ser relegada a uma posição de obscuridade. Sua última humilhação matrimonial havia chegado pelas mãos de Elizabeth Lambert (Madame Shore, mais tarde erroneamente chamada de “Jane”), que ocupava uma posição de particular favor na corte. Para uma esposa negligenciada e provavelmente descontente, o fim de sua influência junto ao rei poderia tê-la encarado de frente.

⁸⁸ Traduzido pela autora. No original: “Historians were led to believe his health was deteriorating by an apparently contemporaneous report to the city fathers of Canterbury in 1482, but this has been identified as an editorial interpolation.

Indeed, the Crowland chronicler’s observations of Court revelry that last Christmas, with the king cutting a dash in clothes of a brand new fashion, indicate nothing of any sickness. In a recent parliamentary session he had also committed himself to a war of retribution against France: not the action of someone who felt his health was failing. In this context the Crowland chronicler describes him as a ‘spirited prince’ and ‘bold king’.”.

Embora haja doçura na vingança, um motivo mais prático da parte de Elizabeth poderia ter sido retirar a coroa da cabeça de um marido perigosamente entediado e colocá-la sobre a de um filho tão adorado. O príncipe de Gales, Eduardo, de doze anos, havia sido criado como um Woodville, cercado por cuidadores Woodville em sua residência do castelo Ludlow na área de fronteira entre Inglaterra, País de Gales e Escócia, e controlado e educado pelo irmão de sua mãe, Antônio, conde Rivers. Elizabeth era uma mulher de caráter que tinha construído um império para si e sua família desde que casou com o rei: ela certamente tinha a presciência de inculcar em seu filho a atitude certa de lealdade familiar. Por precedentes, o governo por um protetorado e conselho seria esperado enquanto ele era muito jovem para governar; mas durante estes últimos anos de sua minoria, ele poderia, em um trecho, começar a participar de seu próprio reinado, no qual a rainha e sua família poderiam ansiar por uma influência considerável.⁸⁹ (CARSON, 2013, p. 14).

Ainda que não existam evidências para corroborar ou refutar as hipóteses de Carson (2013), o que se sabe é que após a morte de Eduardo IV, a rainha viúva nomeou membros de sua família para cargos-chave e correu para acelerar a coroação de seu jovem filho Eduardo V como rei, contornando Ricardo, a quem o falecido rei havia nomeado Lorde Protetor. Tais ações por parte da rainha desencadearam uma série de reações da parte de Ricardo e daqueles leais aos York, a primeira delas sendo o aprisionamento do conde Rivers, lorde Grey e sir Vaughan.

Com relação a esse ocorrido, a peça de Shakespeare se apoia nas mais conhecidas teses, que dão conta que o ganancioso Gloucester se apossou da coroa após tramar o assassinato de nobres leais aos sobrinhos e também ordenar a morte de seus sobrinhos, mantidos na Torre, como descrito nos trechos abaixo:

⁸⁹ Traduzido pela autora. No original: “First, after nearly twenty years of marriage (and being already five years older than Edward), Elizabeth would undoubtedly have lost many of her charms for the king. Her place in the lustful Edward’s bed was frequently supplanted by mistresses, and as a mediæval forty-five-year-old having survived ten pregnancies, it would not be surprising for her to fear being relegated to a position of obscurity. Her latest matrimonial humiliation had come at the hands of Elizabeth Lambert (Mistress Shore, later erroneously named ‘Jane’), who occupied a position of particular favour at Court. For a neglected and probably disgruntled wife, the end of her influence with the king might have been staring her in the face.”

Although there is sweetness in revenge, a more practical motive on Elizabeth’s part might have been to remove the crown from the head of a dangerously bored husband and place it on that of a doting son. The twelve-year-old Prince of Wales, Edward, had been brought up as a Woodville, surrounded by Woodville handlers at his residence of Ludlow Castle in the Welsh Marches, and governed and educated by his mother’s brother Anthony, Earl Rivers. Elizabeth was a woman of character who had built an empire for herself and her family since marrying the king: she certainly had the prescience to instil in her son the right attitude of family loyalty. By precedent, government by a protectorate and council would be expected while he was too young to rule; but during these last years of his minority he might, at a stretch, start participating in his own reign, in which the queen and her family could look forward to considerable influence.”.

Quadro 8 – Ricardo III - Ato 3, cena 1

Ricardo III - Ato 3, cena 1

Soam trombetas. Entram o jovem Príncipe Eduardo, os Duques de Gloucester e de Buckingham, o senhor Cardeal Bourchier, Catesby e outros)

BUCKINGHAM - Bem-vindo, doce Príncipe, a Londres, vosso aposento.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Bem-vindo, querido primo, soberano dos meus pensamentos. O caminho, de cansaço tornou-vos melancólico.

PRÍNCIPE EDUARDO - Não, tio, mas as contrariedades na viagem tornaram-na aborrecida, trabalhosa e grave. Quero eu aqui mais tios para me acolherem.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Doce Príncipe, a virtude isenta de vossos anos não se internou ainda nos enganamentos do mundo. De um homem mais não podeis distinguir do que a sua forma aparente, a qual? Deus o sabe? Poucas vezes, ou mesmo nunca, é conforme ao coração. Os tios que desejais eram perigosos. Vossa Graça ouviu as suas brandas falas mas não viu o veneno em seus peitos. Deus vos guarde longe deles, e de tão falsos amigos!

PRÍNCIPE EDUARDO - Deus me defenda de falsos amigos, mas eles não eram tal.

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 9 – Ricardo III - Ato 3, cena 1, segundo momento

Ricardo III - Ato 3, cena 1

BUCKINGHAM - Não cuidais, senhor meu, que este pequeno Príncipe foi movido por sua sutil mãe a tão vergonhosamente zombar e escarnecer de vós?

RICARDO (Duque de Gloucester) - Decerto, decerto. Oh, é mancebo perigoso: destemido, vivaz, engenhoso, atrevido, inteligente. Semelha a mãe, desde a cabeça às pontas dos pés.

BUCKINGHAM - Bom, deixai-os repousar. Vem aqui, Catesby. Hás jurado cumprir nossos intentos assim como guardar o que te confiamos. Conheces nossas razões, que te contamos na jornada. Que pensas tu? Não é empresa fácil trazer D. Guilherme, o senhor de Hastings, para o intento que temos de colocar este nobre Duque no régio assento desta afamada ilha?

CATESBY - Tem ele em tanta estima o Príncipe, por amor de seu pai, que nenhuma coisa o moverá a pôr-se contra ele.

BUCKINGHAM - E que pensas tu de Stanley? Ele não?

CATESBY - Fará tudo o que Hastings fizer.

BUCKINGHAM - Bom, então nada mais afora isto: vai, gentil Catesby, e como se de um rumor se tratara, colhe do senhor de Hastings o seu juízo acerca do nosso intento. E convoca-o para que amanhã na Torre esteja presente na coroação. Se cuidares que poderá ele pôr-se a nosso lado, encoraja-o, e conta-lhe todas as nossas razões. Se ele endurecido estiver, frio, gelado, contra nós, mostra-te assim também, e dá a conversação por finda, e diz-nos qual a sua disposição. Porque amanhã haverá dois conselhos separados, e neles tu próprio terás subido emprego.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Dá minhas saudações ao senhor D. Guilherme; diz-lhe, Catesby, que do antigo bando de seus adversários perigosos correrá amanhã sangue no Castelo de Pomfret. E diz ao senhor que, no regozijo destas boas novas, dê à senhora Shore um beijo mais.

BUCKINGHAM - Bom Catesby, vai cumprir bem esta empresa.

CATESBY - Senhores meus, com todo o zelo que posso.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Teremos novas de ti, Catesby, antes de nos deitarmos?

CATESBY - Tereis, senhor.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Em Crosby Place, aí nos encontrarás.

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 10 – Ricardo III - Ato 3, cena 3

Ricardo III - Ato 3, cena 3

(Entra o senhor D. Ricardo de Ratcliffe, com alabardeiros, que conduzem os nobres Rivers, Grey e Vaughan para serem executados em Pomfret.)

RATCLIFFE - Vinde, trazei os cativos.

RIVERS - Senhor D. Ricardo de Ratcliffe permite que te diga: vais ver hoje um súdito morrer pela verdade, pelo dever e pela lealdade.

GREY - Deus guarde o Príncipe do nefasto bando que vós sois! Sois uma companhia de malditas sanguessugas.

VAUGHAN - Está vivo quem um dia em alta grita lamentará tudo isto.

RATCLIFFE - Depressa, é chegado o limite de vossas vidas.

RIVERS - Ó Pomfret, Pomfret! Ó tu, masmorra sanguinosa, fatal e pressaga para nobres pares! Dentro do espaço criminoso dos teus muros foi Ricardo II assassinado. E para maior vergonha do teu lugar terrífico, damos-te a beber do nosso inocente sangue.

GREY - Caiu fera sobre nossas cabeças a maldição de Margarida quando a lançou sobre Hastings, sobre vós e sobre mim, por termos visto Ricardo quando apunhalou seu filho.

RIVERS - Então amaldiçoou Ricardo, então amaldiçoou Buckingham, então amaldiçoou Hastings. Ó, lembrai-Vos, Deus, de ouvir a sua prece por eles, como agora por nós e pela minha irmã e por seus régios filhos. Contentai-vos, Senhor, tão-só do nosso sangue leal, que, como sabeis, vai ser sem justiça derramado.

RATCLIFFE - Depressa, é chegada a hora da morte.

RIVERS - Vinde, Grey, vinde Vaughan, abracemo-nos. Adeus, até que no céu nos encontremos.

(Saem)

Fonte: Shakespeare (2007)

Especula-se que o aprisionamento e posterior execução do conde Rivers, de lorde Grey e sir Vaughan esteja associado a dois fatores: o primeiro sendo sua filiação sanguínea ao ramo lancasteriano dos Plantagenetas e o segundo sendo o fato de que Ricardo, não recebendo nenhuma missiva oficial informando-o da morte de Eduardo IV e de sua nomeação como Protetor, se mobilizou contra um possível golpe engendrado pelos Woodvilles. Fora lorde Hastings, que ocupava o posto de lorde chamberlain, quem informou Ricardo sobre os procedimentos e pediu-lhe que se apressasse a ir a Londres. Ricardo interceptou o jovem rei, que estava a caminho de Londres, e o escoltou até a cidade, onde o garoto alojou-se na Torre, uma residência real à época.

Hastings — que há muito se mostrava cordial para com Ricardo e hostil aos Woodvilles — então apoiou a instalação formal do lorde Protetor e colaborou com ele no conselho real. O comportamento de Gloucester, uma vez que tendo assegurado a chegada do futuro rei a Londres, foi exemplar. Uma data para a coroação de Eduardo V foi marcada e foram emitidos autos e mandados em nome do rei. Foram enviadas convocações para que o parlamento se reunisse após a coroação, o que demonstrava que Ricardo detinha o apoio do conselho e não havia razão para suspeitar, nesta fase, que algo além da coroação e do reinado de Eduardo V aconteceria.

A Richard III Society of Canada ([200-?], p. 1) sustenta que:

A situação mudou drasticamente por volta de 11 de junho, quando Ricardo enviou soldados para a cidade de York para ajudá-lo contra “os membros do sangue da Rainha e seus aliados”. Suas suspeitas de um complô contra ele resultaram na prisão e execução de Lord Hastings no dia 13 de junho.

Acredita-se que, neste momento, o pré-contrato veio a ser um fator importante no curso dos acontecimentos. O bispo de Bath e Wells, Robert Stillington, revelou que havia testemunhado o noivado de Eduardo IV com Lady Eleanor Butler em 1462. Na lei da Igreja, este arranjo era tão vinculante quanto um casamento - e isto invalidou imediatamente o casamento posterior de 1464 entre Eduardo e Elizabeth Woodville. Embora Lady Eleanor tivesse morrido em 1468, o casamento de Edward e Elizabeth nunca foi ratificado. Consequentemente, todos os filhos desse casamento eram ilegítimos e ineligíveis para herdar o trono.⁹⁰

A execução sumária de Hastings tornou-se um debate entre os contemporâneos e tem sido interpretada de forma diferente por historiadores e outros autores. O relato tradicional, atribuído aos autores do período Tudor, incluindo William Shakespeare, considerou a acusação de conspiração inventada e meramente uma desculpa conveniente para remover Hastings, que era conhecido por sua lealdade ao rei morto e seus herdeiros, pois enquanto ele permanecesse vivo teria sido um obstáculo formidável aos planos de Ricardo de tomar o trono.

Todavia, a coroação de Ricardo, em 6 de julho de 1483, registrou considerável presença. Só este fato pode indicar que ele possuía apoio considerável entre a nobreza e a cidade de Londres, que, após anos de guerra civil pelo trono da Inglaterra, estavam mais dispostos a aceitar um líder adulto, experiente e com habilidades políticas e militares comprovadas do que a apoiar um período de regência incerta sob o controle da família Woodville.

Esta ascensão ao trono serviu como base para a maior controvérsia envolvendo o duque de Gloucester: o desaparecimento dos príncipes Eduardo e Ricardo, herdeiros presuntivos ao trono. Tido como o maior delito atribuído a Ricardo III, o sumiço dos filhos de Eduardo IV e Elizabeth Woodville permanece em aberto até o presente momento, talvez por essa razão existem inúmeras teorias acerca de seu paradeiro. Na peça de Shakespeare, após manter os sobrinhos cativos na Torre e usurpar a coroa, Ricardo diz a Buckingham que os quer mortos.

⁹⁰ Traduzido pela autora. No original: “The situation changed dramatically around June 11th, when Richard sent to the City of York for soldiers to assist him against “the Queen’s blood adherents and affinities”. His suspicions of a plot against him resulted in the arrest and execution of Lord Hastings on June 13th.”

It is believed that, at this time, the pre-contract came to be a major factor in the course of events. The Bishop of Bath and Wells, Robert Stillington, revealed that he had witnessed the betrothal of Edward IV to Lady Eleanor Butler in 1462. In Church law, this arrangement was as binding as a marriage – and this immediately invalidated the later 1464 marriage between Edward and Elizabeth Woodville. Although Lady Eleanor had died in 1468, Edward and Elizabeth’s marriage was never ratified. Consequently, all the children of that marriage were illegitimate and ineligible to inherit the throne.”

Ante a hesitação de Buckingham, o assassino Tyrrell é enviado para cumprir a ordem do rei, conforme o trecho abaixo:

Quadro 11 – Ricardo III - Ato 4, cena 2

Ricardo III - Ato 4, cena 2

RICARDO III (Rei) - Ah, Buckingham, eu faço agora de pedra de toque para provar se és de verdade ouro de lei. Está vivo o jovem Eduardo, imagina agora o que eu dizer queria.
BUCKINGHAM - Continuai, meu estimado senhor.
RICARDO III (Rei) - Ora, Buckingham, digo que queria ser Rei.
BUCKINGHAM - Ora, mas vós sois, meu senhor três vezes afamado.
RICARDO III (Rei) - Hã, Rei sou? Pois sim, mas está vivo Eduardo.
BUCKINGHAM - Em verdade, nobre Príncipe.
RICARDO III (Rei) - Oh seguimento amargo! Que ainda viva Eduardo em verdade, nobre Príncipe! Primo, não costumavas ter pouco entendimento. Queres que seja claro? Quero os bastardos mortos. E quero isto feito já, depressa. Que dizes agora? Fala prestes, sê breve.
BUCKINGHAM - Vossa Graça pode fazer o que lhe aprouver.
RICARDO III (Rei) - Tss, tss, és gelo, todo. Tua amizade arrefece. Diz, tenho teu consentimento para a sua morte?
BUCKINGHAM - Dai-me um tempo para respirar, uma pausa, querido senhor, antes de sobre isto meu juízo manifestar. Em breve aqui vos darei minha resposta. (Sai)
CATESBY - O Rei está irado. Vede, o lábio mordendo está.
RICARDO III (Rei) (À parte) - Eu conversarei com parvos de duro entendimento e moços sem consciência. Por mim não são os que me olham com olhos prudentes. O ilustre Buckingham torna-se cauteloso. Moço!
PAJEM - Senhor?
RICARDO III (Rei) - Conheces alguém que o ouro corruptor possa tentar a sigiloso feito de morte?
PAJEM - Conheço um fidalgo sem contentamento cujas humildes posses não se concertam com seu espírito altivo. O ouro valeria para ele vinte oradores, e por certo o tentará seja ao que for.
RICARDO III (Rei) - Qual é o seu nome?
PAJEM - O seu nome, senhor meu, é Tyrrel.

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 12 – Ricardo III - Ato 4, cena 2, segundo momento

Ricardo III - Ato 4, cena 2

TYRREL - Jaime Tyrrel, e o vosso mais obediente servidor.
RICARDO III (Rei) - Deveras?
TYRREL - Provai-me, meu gracioso senhor.
RICARDO III (Rei) - Ousarias matar um amigo meu?
TYRREL - Se tal vos aprouver. Mas antes queria matar dois inimigos.
RICARDO III (Rei) - Aí os tens então, dois grandes inimigos, do meu repouso adversários e turvadores do meu doce sono. É deles que eu quereria que te ocupasses tu Tyrrel, falo dos bastardos na Torre.
TYRREL - Dai-me maneira de chegar a eles, e cedo vos livrarei do temor que tendes deles.
RICARDO III (Rei) - Cantas música suave. Ouve, vem cá, Tyrrel, toma este testemunho. Levanta-te e escuta bem. (Segreda-lhe ao ouvido) Mais não é que isto. Diz que feito está e eu te estimarei e por tal meu favorito serás. (Sai)
TYRREL - Vou sem tardança concluir o caso.

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 13 – Ricardo III - Ato 4, cena 3

Ricardo III - Ato 4, cena 3

(Entra Tyrrel.)

TYRREL - Cumprido está o tirânico e sangrento ato, o feito mais ingente de lamentável massacre de que alguma vez esta terra foi culpada. Dighton e Forrest, que eu subornei para cometer esta obra de ímpia carnificina, sendo embora carnívoros vilões, sanguinosos mastins, movidos de ternura e suave compaixão, como crianças choraram contando a triste história de suas mortes. “Oh”, disse Dighton, “assim repousavam os gentis meninos.” “Assim, assim”, disse Forrest, “um no outro enlaçados em seus inocentes braços de alabastro. Seus lábios eram quatro rosas vermelhas no mesmo ramo, e no verão da sua beldade se beijavam um ao outro. Um livro de orações sobre a almofada estava, que por instantes”, disse Forrest, “quase mudou meu querer. Mas oh, o Demo.” Aqui o ruim vilão parou, quando Dighton ainda disse: “Sufocamos a obra mais doce e mais perfeita que a natureza desde a primeira criação alguma vez formou!” Foram-se os dois com consciência e com remorso de tal guisa que nem falar podiam, e por isso eu os deixei para trazer a nova ao sanguinoso Rei. (Entra o Rei Ricardo.) E ei-lo que ali vem. Saúde, meu soberano senhor.

RICARDO III (Rei) - Amável Tyrrel, acharei felicidade em tuas novas?

TYRREL - Se ter cumprido aquilo cujo cargo me haveis dado vos traz felicidade, sede então feliz, porque feito está.

RICARDO III (Rei) - Mas viste-los mortos?

TYRREL - Vi, meu senhor.

RICARDO III (Rei) - E enterrados, gentil Tyrrel?

TYRREL - O capelão da Torre os enterrou, mas onde, para dizer a verdade, eu o não sei.

Fonte: Shakespeare (2007)

Tendo antecedido Shakespeare, More (1924, p. 6) postula o seguinte acerca de uma possível morte dos príncipes:

Assim morreu (como eu havia dito) este nobre rei (Eduardo IV) naquele tempo em que sua vida era mais desejada. O amor de seu povo e todo seu afeto por ele teria sido para seus nobres filhos (Eduardo V, rei da Inglaterra e Ricardo de Shrewsbury, duque de York) uma fortaleza maravilhosa e uma armadura segura (tendo também em si mesmos tantos dons da natureza, tantas virtudes principescas, tanta boa capacidade quanto sua idade poderia receber), se a divisão e dissensão de seus amigos não os tivesse desarmado e deixado destituídos, e o desejo execrável de soberania provocasse a destruição de seu tio, que, se a gentileza ou a bondade tivessem se mantido, as necessidades deveriam ter sido sua principal defesa.

Pois Ricardo, o Duque de Gloucester, por natureza seu tio, por cargo seu protetor, para com seu pai, eis que, por juramento e lealdade, todos os laços quebrados que unem o homem e o homem, sem qualquer respeito a Deus ou ao mundo, não se esforçaram de forma natural para despojá-los, não só de sua dignidade, mas também de suas vidas.⁹¹

Embora aceito como verdade, sabe-se exatamente quando surgiu o rumor da morte dos príncipes (logo após o duque de Buckingham se colocar à frente da rebelião de 1483, segundo

⁹¹ Traduzido pela autora. No original: “So deceased (as I have said) this noble King, in that time, in which his life was most desired. Whose love of his people and their entire affection toward him, had been to his noble children (having in themselves also as many gifts of nature, as many Princely virtues, as much goodly towardness as their age could receive) a marvellous fortress and sure armour, if division and dissension of their friends, had not unarmed them, and left them destitute, and the execrable desire of sovereignty, provoked him to their destruction, which if either kind or kindness had holden place, must needs have been their chief defence.

For Richard the Duke of Gloucester, by nature their Uncle, by office their Protector, to their father beholden, to themselves by oath and allegiance bound, all the bands broken that bind man and man together, without any respect of God or the world, unnaturally contrived to bereave them, not only their dignity, but also their lives.”.

a suspeita *Crowley Chronicle* de 1485). E é sabido exatamente onde eles deveriam estar na época (em um palácio real extremamente movimentado no coração de uma das maiores cidades do mundo conhecido, cidade essa povoada por centenas de residentes e servida por uma enorme cadeia de suprimentos diária). Então, por que Londres não produziu nenhum registro à época do que aconteceu com eles? Caso tivessem sido de fato eliminados ou “tidos como desaparecidos” da noite para o dia, o local estaria agitado em questão de horas.

Carson (2013) tem uma teoria muito plausível sobre o paradeiro dos filhos de Eduardo: ela primeiro desmascara a história dos Tudor de que Jaime Tyrrell organizou o assassinato dos príncipes ao questionar: por que Henrique VII esperou até 1502 para culpar Tyrrell, sendo que isso permitia seu reinado ser comprometido e recursos desperdiçados, em combates desnecessários com outros pretendentes ao trono? Se alguém dissesse que se lembrou que os meninos foram vistos pela última vez naquele dia em que Jaime Tyrrell chegou à Torre, Henrique teria prendido, torturado, acusado e executado Tyrrell em 1485, em vez de 17 anos depois. De acordo com Carson (2014, p. 2):

É óbvio que Henrique VII permaneceu no escuro sobre o destino dos príncipes, apesar do que deve ter sido a mais rigorosa das investigações depois de Bosworth, acompanhada por sabe-se lá que tipo de coerção. George Buck [1619] confirma que houve “muitas e diligentes buscas” na Torre com “lugares sendo abertos e escavados”. Existem também rumores de que Ricardo III falhou em anunciar a morte dos filhos de Eduardo IV; historiadores dizem, com razão, que quando um rei era deposto, era do senso comum divulgar que ele estava morto e não voltaria. No entanto, há menos conversas entre os historiadores dos Tudor sobre Henrique VII deixando de fazer o mesmo, apesar da ameaça potencialmente fatal que os príncipes representavam.⁹²

A resposta dela a este enigma é bastante simples: aquelas centenas de pessoas dentro e ao redor da Torre não esconderam, esqueceram ou permaneceram na ignorância sobre tal desaparecimento sinistro porque não houve desaparecimento sinistro algum. Se tomarmos isso como verdade, a conclusão lógica é que, o que quer que tenha acontecido, não poderia ser incomum o suficiente ou ficaria na memória. Não há registros de dormitórios misteriosamente vazios, nem de escavações na calada da noite, ou de pontas soltas, muito menos de baús abandonados com roupas, livros e brinquedos caros.

⁹² Traduzido pela autora. No original: “It’s obvious Henry VII remained in the dark about their fate, despite what must have been the most stringent enquiries after Bosworth accompanied by who knows what kind of coercion. George Buck [1619] confirms there was ‘much and diligent search’ at the Tower with ‘places opened and digged’. There is always talk about Richard III failing to advertise the death of Edward IV’s sons; historians say quite rightly that when a king was deposed it was sheer common sense to publicize that he was dead and wouldn’t come back. However, there is less talk among Tudor historians about Henry VII signally failing to do the same, despite the potentially fatal threat they represented.”.

Portanto, o que resta é a opção de uma partida perfeitamente normal, cotidiana e memorável: os criados e demais serviçais simplesmente fizeram todos os preparativos de viagem necessários, empacotaram os pertences dos príncipes e os escoltaram sensatamente para outro lugar. Provavelmente por barcaça através do Portão da Água. Certamente, ninguém teria pensado que seria seguro para eles permanecerem no centro de Londres com uma rebelião em andamento. Isso teria sido tudo do qual se lembravam, e a única história que os homens de Henrique VII possivelmente ouviram.

4.2.3 Os relacionamentos matrimoniais de Ricardo III

O terceiro eixo de análise se volta para o aspecto amoroso da vida de Ricardo: seu casamento com Lady Ana Neville e seu desejo de desposar a sobrinha Elizabeth de York após a morte da esposa. Os trechos correspondentes a esses ocorridos se encontram no ato 1, cena 2; ato 4, cena 2; ato 4, cena 4. O primeiro trecho corresponde ao diálogo entre Ricardo e Lady Ana diante do caixão do finado rei Henrique VI. Na conversa, Ricardo usa de sua retórica para convencer a enlutada Lady Ana a casar-se com ele.

Quadro 14 – *Ricardo III* - Ato 1, cena 2

<i>Ricardo III</i> - Ato 1, cena 2
<p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Quem te privou, senhora, de teu marido, fê-lo para te ajudar a encontrar marido melhor.</p> <p>ANA - Não respira sobre a terra homem melhor do que ele.</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Está vivo quem te ama mais do que ele pôde.</p> <p>ANA - Diz que nome tem.</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Plantageneta.</p> <p>ANA - Isso era ele.</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - O nome, o mesmo, mas alguém de mais nobre natureza.</p> <p>ANA - Onde está ele?</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Aqui. (Ela cospe para cima dele) Por que me cospes?</p> <p>ANA - Oxalá, para teu bem, fosse veneno mortal.</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Nunca de fonte tão doce brotou veneno.</p> <p>ANA - Nunca escorreu veneno de sapo mais imundo. Fora da minha vista! Envenenas os meus olhos.</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Teus olhos, gentil senhora, envenenaram os meus.</p> <p>ANA - Oxalá fossem basiliscos para te matarem.</p> <p>RICARDO (Duque de Gloucester) - Oxalá fossem, para eu neste instante morrer, porque eles me matam agora de uma morte viva. Esses teus olhos arrancaram dos meus lágrimas amargas, envergonharam-lhes o aspecto com uma chuva de gotas infantis; estes olhos, que nunca derramaram uma só lágrima de remorso. Nem quando meu pai York e Eduardo choraram ao ouvir o queixume plangente que Rutland soltou quando o negro Clifford o trespassou com a espada, nem quando o teu belicoso pai, como criança, contou a triste história da morte de meu pai, e vinte vezes parou soluçando e chorando, de tal guisa que toda a companhia tinha as faces molhadas como árvores desfeitas pela chuva. Naquela hora triste meus olhos viris desprezaram até uma humilde lágrima. E o que estas penas não lograram causar, logrou tua formosura, e com o próprio choro os cegou. Nunca supliquei a amigo, a inimigo, minha língua nunca experimentou suave e lisonjeira fala, mas eis que tua formosura é o reino que eu desejo, o meu orgulhoso coração suplica, e força a minha língua a falar.</p>

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 15 – Ricardo III - Ato 1, cena 2 – Continuação Quadro 14

Ricardo III - Ato 1, cena 2

(Ela olha para ele com escárnio). Não ensines a teus lábios escárnio tal, porque foram feitos, senhora, para beijar, e não para tal desdém. Se teu coração, preenhe de vingança, não pode perdoar, aqui está, entrego-te esta espada de ponta afiada, para que a enterres, se te apraz, neste peito leal, e deixa partir a alma que te adora, exponho-o nu ao golpe mortal e de joelhos, humilde, te imploro a morte. (Ajoelha-se descobre o peito, oferece-o ao mesmo tempo que a espada) Não, não hesites, porque eu matei o Rei Henrique, mas foi a tua formosura que a tal me conduziu. Vá, depressa, fui eu que apunhalei o jovem Eduardo, mas foi o teu rosto celestial que a isso me forçou. (Ela deixa cair a espada) Levanta a espada, ou levanta-me a mim.

ANA - Ergue-te, homem enganador. Embora eu deseje a tua morte. (Ele levanta-se) Não serei eu o teu carrasco.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Ordena então que eu me mate, e fã-lo-ei.

ANA - Já ordenei.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Isso foi em tua cólera. Repete agora, profere a palavra.

Esta mão, que por teu amor matou o teu amor, matará, por teu amor, um amor bem mais leal. Cúmplice te tornarás em ambas essas mortes.

ANA - Quisera conhecer teu coração.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Está espelhado na minha língua.

ANA - Temo que ambos sejam falsos.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Então nunca existiu um homem verdadeiro.

ANA - Pois bem, embainhai então vossa espada.

RICARDO (Duque de Gloucester) - E tu diz que haverei paz.

ANA - Sabê-lo-ás mais tarde.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Mas poderei viver com uma esperança?

ANA - Todos os homens, espero, vivem assim.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Promete usar este anel.

ANA - Receber não é dar.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Vê como o meu anel se ajusta ao teu dedo, tal como o teu peito encerra meu triste coração. Usa-os ambos, porque ambos são teus, e se for lícito a este teu pobre e dedicado servo implorar um favor à tua graciosa mão, para todo o sempre assim confirmarias a sua felicidade.

ANA - Qual favor?

RICARDO (Duque de Gloucester) - O favor de deixares estes tristes deveres a quem tem mais razão para lamentar a morte e de partir já para Crosby Place, onde eu, depois de solenemente enterrar no Mosteiro de Chertsey este nobre rei, e de molhar seu túmulo com arrependidas lágrimas, vos procurarei para vos servir. Por várias e ignotas razões vos suplico que me concedais este favor.

ANA - De todo o coração. Muito me alegra também ver-vos tão arrependido. Tressel e Berkeley, vinde comigo.

RICARDO (Duque de Gloucester) - Dizei-me adeus.

ANA - É mais do que mereceis, mas porque me ensinai a dar-vos louvores, imaginai então que já vos disse adeus.

(Saem Tressel e Berkeley com Ana)

RICARDO (Duque de Gloucester) - Senhores, levei o cadáver.

GUARDA - Para Chertsey, nobre senhor?

RICARDO (Duque de Gloucester) - Não, para Whitefriars. Esperai aí por mim. (Saem os fidalgos e alabardeiros com o cadáver) Terá havido mulher de tal sorte cortejada? Terá havido mulher de tal sorte conquistada? Será minha, mas não por largo tempo. Quê, eu que lhe matei o marido e a este o pai, conquistá-la quando ela tinha o coração cheio do ódio mais extremo, com maldições nos lábios e lágrimas nos olhos. Junto da sangrenta testemunha do seu ódio, tendo contra mim Deus, a sua consciência e estas teias. E sem amigos que ajuda me dessem nessa obra, só o demônio e estes olhares enganadores, e mesmo assim conquistá-la, tanta coisa para nada! Ha! Já terá ela esquecido o formoso Príncipe Eduardo, seu senhor, que eu, há cerca de três meses, agastado apunhalei em Tewkesbury? Fidalgo mais galante e mais gentil, fruto duma natureza generosa, jovem, animoso, sábio, e sem dúvida qualquer de régia estirpe, não pode o vasto mundo de novo engendrar. Porém, ela aceita baixar a vista sobre mim, que colhi a dourada primavera deste doce Príncipe e que a tornei viúva em doloroso leito? Sobre mim, que inteiro não igualo metade de Eduardo? Sobre mim, que coxeio e sou assim disforme? O meu ducado contra um mísero vintém, tenho, todo este tempo, medido mal minha pessoa! Por minha vida ela pensa ? embora eu não ? que sou um homem honesto e maravilhoso. Comprarei um espelho, e aprazerei mais de vinte, mais de trinta alfaiates para estudarem as vestes que adornarão meu corpo. Já que me deleito com as minhas próprias graças, farei dispêndios para que a coisa assim perdure. Mas primeiro deitarei aquele para a cova, e então, com lamentos, tornarei ao meu amor. Brilha Sol, luminoso, até eu comprar um espelho para que minha sombra possa eu ver enquanto passo. (Sai)

Fonte: Shakespeare (2007)

Embora o trecho acima não deixe totalmente clara as motivações de Ricardo ao desejar que Lady Ana o perdoasse e aceitasse se tornar duquesa de Gloucester, menciona-se que casamentos no século XV eram, antes de mais nada, arranjos de negócios. Ana era co-herdeira de um dos maiores proprietários de terras do país, sendo a outra herdeira a irmã de Ana, Isabel, casada com Jorge, duque de Clarence. Poderia se esperar que o Ricardo de Shakespeare, sendo a maldade personificada, só estivesse interessado no dote de Ana e no poder que um casamento com a família Neville traria a ele.

Contudo, considerando que Ricardo teria conhecido Ana Neville nos idos de 1460, quando esteve sob tutela do conde de Warwick, o pai de Ana, e considerando também que não há indícios de escândalo ou amantes (mesmo os filhos ilegítimos reconhecidos por Ricardo nasceram antes de seu enlace com Ana), é possível especular que o seu casamento em 1472 foi bem sucedido. Neste ponto, Carson (2013, p. 123) explica que:

Apesar de um início tão auspicioso, o que se seguiu fez de 1484 um ano de desesperado infortúnio. O único filho de Ricardo e Ana, Eduardo, a quem o maior da terra havia jurado fidelidade como herdeiro, morreu subitamente em Middleham, na segunda quinzena de abril. Nascido provavelmente no verão de 1476, ele não poderia ter completado oito anos de idade. O que piorou a situação foi que Ricardo e Ana estavam ausentes na época, sendo residentes em Nottingham, o que sugere que eles não sabiam nada sobre qualquer doença de seu filho. Ambos os pais agonizaram com a dor, e o cronista *Crowland*, que poderia ter sido uma testemunha ocular, os descreveu como “quase fora de si por um longo tempo”.⁹³

Deste ponto em diante, cria-se um emaranhado na vida pessoal de Ricardo que envolve as celebrações de Natal de 1484, nas quais relata-se que a rainha fora acometida por uma doença terminal, sua condição exacerbada pela morte de seu filho, no qual todas as esperanças tinham se centrado. No entanto, as expectativas da corte e de seus ilustres convidados deveriam ser atendidas de bom grado durante o evento principal do calendário real, o que significava que Ricardo teve de dar as boas-vindas adequadas às filhas de seu falecido irmão, e à Elizabeth de York em particular, que, com quase dezenove anos de idade precisava encontrar seu lugar na corte, de forma que a pauta política da nobreza em dezembro de 1484 se resumia à doença da rainha e à questão da sucessão.

Conforme Carson (2013, p. 127) assevera:

⁹³ Traduzido pela autora. No original: “Despite such auspicious beginnings, what followed made 1484 a year of desperate misfortune. Richard and Anne’s only child, Edward, to whom the greatest in the land had sworn allegiance as heir, died suddenly at Middleham in the second half of April. Born probably in the summer of 1476, he could not have been eight years old. What made matters worse was that Richard and Anne were absent at the time, being resident at Nottingham, which suggests they knew nothing of any illness in their son. Both parents were agonized with grief, and the *Crowland* chronicler, who could have been an eyewitness, described them as ‘almost out of their minds for a long time’.”.

Com o passar dos dias gelados de janeiro, Ana ‘ficou gravemente doente’, diz Crowland, ‘e sua fraqueza deveria ficar cada vez pior à medida que o rei se afastava completamente da cama de sua esposa. Foi o conselho de seus médicos para fazê-lo, declarou ele’. Crowland está aqui nos convidando a compartilhar o ponto de vista de que Ricardo, desta forma, deliberadamente tentou apressar sua morte. Mas as atividades de quarto dos príncipes eram de conhecimento público, e este rei era supostamente o divulgador consumado. Até mesmo o mais feroz opositor de Ricardo é capaz de reconhecer o quão tolo teria sido para ele convidar a apreensão e o boato de tal afastamento, a menos que um risco genuíno para sua própria saúde estivesse envolvido.

Inevitavelmente os temores pela rainha eram múltiplos e estariam ligados a quaisquer sinais percebidos da elevação de Elizabeth de York, de modo que à medida que Ana ficava mais fraca, a especulação se tornava mais forte. O rei deve obviamente buscar uma nova esposa. Ele era jovem e capaz de ser pai de muitos herdeiros.⁹⁴

Ana aparentemente sofria de alguma doença debilitante — possivelmente tuberculose e, não muito depois da sua morte, em 16 de março de 1485, surgiram as primeiras acusações que Ricardo a teria envenenado para se casar com a sobrinha Elizabeth. Tais redarguições, ainda que sem quaisquer comprovações históricas ou científicas, sobreviveram até o século XVI, no qual Shakespeare as descreve no ato 4, cena 2 e cena 4 de *Ricardo III*. O primeiro trecho corresponde ao pensamento do próprio Ricardo, que externa suas intenções e o segundo trecho demonstra o diálogo entre o rei que tenta convencer sua antiga cunhada a conceder a mão da sobrinha em casamento e a viúva de Eduardo IV, que finge concordar:

Quadro 16 – Ricardo III - Ato 4, cena 2

Ricardo III - Ato 4, cena 2

RICARDO III (Rei) - Vem cá, Catesby. Lança o rumor de que Ana, minha mulher, está com gravidade enferma. Ordenarei que ela seja mantida cativa. Descobre por aí um qualquer pobre e mísero fidalgo que eu possa já casar com a filha de Clarence... O mancebo parvo é e dele não me receio. Olha, tu estás sonhando? Outra vez te digo, espalha por aí que Ana, a minha Rainha, enferma é e quase morta. Vai, que me é forçoso cortar todas as esperanças cujo crescimento me possa mal fazer. (Sai Catesby) E mister que case com a filha de meu irmão, ou então tem meu reinado fundações de vidro. Assassinar-lhe seus irmãos, e desposá-la depois... Modo incerto de ganhar! Mas estou de tal guisa imerso em sangue que pecado causará novo pecado. A chorosa piedade não tem morada nestes olhos.

Fonte: Shakespeare (2007)

⁹⁴ Traduzido pela autora. No original: “As the freezing days of January dragged on, Anne ‘became seriously ill,’ says Crowland, ‘and her weakness was supposed to get ever worse as the king entirely shunned his wife’s bed. It was his doctors’ advice to do so, he declared.’ Crowland is here inviting us to share the view that Richard in this way deliberately attempted to hasten her death. But the bedroom activities of princes were public knowledge, and this king was supposedly the consummate dissembler. Even the most diehard anti-Richard can recognize how foolish it would have been for him to invite apprehension and rumour-mongering by such a withdrawal unless a genuine risk to his own health were involved.

Inevitably fears for the queen were manifold, and would be linked to any perceived signs of Elizabeth of York’s elevation, so as Anne grew weaker the speculation grew stronger. The king must obviously seek a new wife. He was young and capable of fathering many heirs.”.

Quadro 17 – Ricardo III - ato 4, cena 4

Ricardo III - ato 4, cena 4

RICARDO III (Rei) - Olhai, o que feito está não pode mais ser emendado. Os homens agem por vezes sem razão e o porvir lhes concede tempo para arrependimento. Se a vossos filhos eu tomei o reino, em reparação a vossa filha eu o darei. Se matei o fruto de vosso ventre, para dar vida a descendentes vossos, irei gerar fruto meu de sangue vosso em vossa filha. O nome de avó pouco menos tem de amor que o apaixonado título de mãe. São como filhos, num degrau mais em baixo; feitos do vosso metal, do vosso próprio sangue; da mesma dor, afóra uma noite de gemidos que suporta aquela por quem vós igual pena haveis sofrido. Vossos filhos foram nojo para vossa juventude, mas o meu será conforto para vossos anos avançados. A perda que haveis é só um filho que era Rei e por essa perda será Rainha vossa filha. Não posso dar-vos a reparação que eu desejara, por isso aceitai a bondade de que sou capaz. Dorset, vosso filho, que com alma temerosa dá passos descontentes em estrangeiro solo, esta bela aliança breve o chamará ao lar para subidas promoções e grande dignidade. O Rei que chama esposa a vossa formosa filha, como parente chamará a teu Dorset irmão. Sereis de novo mãe de um Rei. E todas as ruínas de desgostosos tempos reparadas serão com dobradas riquezas de contentamento. Quê! Ainda veremos muitos e bons dias. As líquidas gotas das lágrimas que haveis derramado de novo voltarão mudadas em porias do Oriente, pagando delas o empréstimo com bons juro de dez vezes o dobrado ganho de felicidade. Vai então, minha mãe, vai adiante tua filha. Com vossa experiência animai seus tímidos anos, aparelhai seus ouvidos para ouvirem proposições de amor, ponde em seu tenro peito a chama desejosa da dourada soberania, dai conhecimento à Princesa das horas silenciosas e doces das alegrias do himeneu. E quando este meu braço houver punido o mísero rebelde, o pouco entendido Buckingham, regressarei cingido em triunfais coroas e guiarei tua filha ao leito de um vencedor. A ela contarei a vitória que ganhei e ela só será a vencedora, César do próprio César.

ISABEL - Que será melhor dizer? Que o irmão de seu pai quereria ser o seu senhor? Ou devo dizer seu tio? Ou aquele que assassinou os seus irmãos e seus tios? Qual título usarei para em teu nome cortejar, que Deus, a lei, minha honra e seu amor possam tornar amável a seus tenros anos?

RICARDO III (Rei) - Fala da paz da bela Inglaterra por meio desta aliança.

ISABEL - Que ela comprará com infundável guerra.

RICARDO III (Rei) - Diz-lhe que o Rei, que pode mandar, suplica.

ISABEL - Aquilo que, nas mãos dela, o Rei dos Reis proíbe.

RICARDO III (Rei) - Diz-lhe que será Rainha sublime e poderosa.

ISABEL - Para deixar o título como agora sua mãe.

RICARDO III (Rei) - Diz que toda a eternidade a amarei.

ISABEL - Mas essa eternidade quanto tempo dura?

RICARDO III (Rei) - Com doçura viverá, até que sua formosa vida tenha fim.

ISABEL - Mas quanto tempo durará sua doce vida em formosura?

RICARDO III (Rei) - Tanto tempo quanto o céu e a natureza o permitirem.

ISABEL - Tanto tempo como o inferno e Ricardo o desejarem.

RICARDO III (Rei) - Diz que eu, seu soberano, sou seu humilde súbdito.

ISABEL - Mas ela, vossa súbdita, odeia tal soberania.

RICARDO III (Rei) - Sê eloqüente diante dela em meu favor.

ISABEL - Mais favorece um conto honesto se for feito com simpleza.

RICARDO III (Rei) - Então diz-lhe com simpleza o conto de meu amor.

ISABEL - Simples e não honesto é estilo demasiado discordante.

RICARDO III (Rei) - Vossas razões são demasiado leves e demasiado vivas.

ISABEL - Oh, não, minhas razões são demasiado pesadas e mortas; demasiado pesados e mortos, pobres infantes, em seus túmulos.

RICARDO III (Rei) - Essa corda não deveis tanger, senhora, passado é.

ISABEL - Tangerei, até que se quebrem as cordas do coração.

RICARDO III (Rei) - Pois pelo meu São Jorge, pela minha Jarreteira e por minha coroa...

ISABEL - Profanado um, desonrada a outra e a terceira usurpada...

RICARDO III (Rei) - Juro...

ISABEL - Por nada, que isto não é juramento. O teu São Jorge, profanado, perdeu sua sagrada honra. A tua Jarreteira, manchada, penhorou sua fidalga virtude. A tua coroa, usurpada, desgraçou sua glória real. Se por alguma coisa quiseres jurar para que alguém te creia, jura então por coisa que não tenhas ofendido.

RICARDO III (Rei) - Bom, pelo mundo...

ISABEL - Prenhe está de imundas ofensas.

RICARDO III (Rei) - A morte de meu pai...

ISABEL - Tua vida a desonrou.

RICARDO III (Rei) - Então por mim próprio...

Fonte: Shakespeare (2007)

Quadro 18 – Ricardo III - ato 4, cena 4 – Continuação Quadro 17

<p><i>Ricardo III - ato 4, cena 4</i></p> <p>ISABEL - Tu próprio a ti próprio usaste mal. RICARDO III (Rei) - Ora então, por Deus... ISABEL - A ofensa a Deus é de todas a maior: se temeras quebrar uma jura que a Ele tiveras feito, a união que o Rei, meu marido, concertou, não a terias tu quebrado, nem meus irmãos morrido. Se houveras temido quebrar uma jura que por Ele tiveras feito, o metal imperial que ora cinge tua fronte teria ornado a suave testa de meu filho, e aqui estariam os dois príncipes que agora? Dois tenros companheiros de leito destinados à poeira? A tua fê quebrada em presa de vermes transformou. Porque coisa podes agora jurar? RICARDO III (Rei) - O tempo por vir! ISABEL - Esse tu o ofendeste no tempo que é passado, que eu própria muitas lágrimas tenho para lavar. O tempo por vir, pelo tempo passado que tu ofendeste. Vivem os filhos cujos pais assassinaste: juventude abandonada, que o lamentará na velhice. Vivem os pais cujos filhos tu com crueza mataste: velhas, estéreis plantas, que o lamentarão com a velhice. Não jures pelo tempo por vir, que esse ofendeste tu, antes de usado, por tempos mal usados do passado. RICARDO III (Rei)- Tal como é meu intento prosperar e arrepender-me, assim vença eu em meus tratos perigosos de armas hostis! Eu próprio a mim próprio me destrua! Deus e fortuna, negai-me horas felizes! Dia, não me concedas tua luz, nem tu, noite, teu repouso! Sede contrários, todos vós, planetas de boa sorte, a meus procedimentos, se, com o amor de um leal coração, imaculada devoção e subidos pensamentos, eu não amar tua real, formosa filha. Nela tem assento minha felicidade e a tua. Sem ela, haverá para mim e para ti, para ela própria, para a terra e para muita alma cristã, morte, desolação, ruína e decadência. Isto só assim se pode evitar. Portanto, querida mãe ? assim vos devo chamar ?, sede o advogado do meu amor por ela, falai do que eu serei, não do que eu hei sido; não naquilo que mereço mas do que hei de merecer. Instai na necessidade e no estado dos tempos, e não vos mostreis contrária a grandes intentos. ISABEL - Deverei ser tentada assim pelo demônio? RICARDO III (Rei) - Sim, se o demônio vos tentar a fazer bem. ISABEL - Deverei a mim própria esquecer para ser eu própria? RICARDO III (Rei) - Sim, se a lembrança de vós própria a vós própria ofender. ISABEL - Porém, tu mataste meus filhos. RICARDO III (Rei) - Mas no ventre de vossa filha eu os enterro, e aí, nesse oloroso ninho, renascerão de si próprios, para conforto vosso. ISABEL - Deverei eu ir aparelhar minha filha para o teu desejo? RICARDO III (Rei) - E sede, por esse feito, mãe feliz. ISABEL - Eu vou. Escrevei-me muito em breve e sabereis de mim seu pensamento. RICARDO III (Rei) - Levai-lhe o beijo de meu vero amor. Beija-a. E então adeus. (Sai Isabel)</p>
--

Fonte: Shakespeare (2007)

Não há evidência contemporânea da acusação de que Ricardo tenha envenenado Ana, pois ela teria sido a última pessoa a quem Ricardo desejaria prejudicar, já que uma grande parte de seu império cuidadosamente construído no norte se articulava em seus doze anos de casamento com ela. Muito do status de Ricardo como senhor do norte repousava sobre ele ser visto como o sucessor do pai de Ana, o Conde de Warwick. E além disso, se Ricardo desejasse arranjar uma nova esposa para gerar outro herdeiro, ele não necessitaria assassinar Ana. O casal era primo, restrito ao casamento pelas leis da consanguinidade, e era necessária uma dispensa do Papa para permitir que eles se casassem legalmente. Ricardo não conseguiu obter essa dispensa necessária antes de seu casamento, ou seja, caso ele desejasse se ver livre do enlace, bastava alegar que o mesmo era tecnicamente inválido, e ele se veria livre para casar-se novamente.

Carson (2013, p. 129) aponta que:

É fácil concluir que o problema da sucessão, e a possibilidade do novo casamento de Ricardo deve ter sido o tema dominante em todas as reuniões do conselho na segunda metade de 1484, e mais do que provável a candidatura de Elizabeth de York foi considerada. Tal casamento teria exigido dispensa papal, mas não era, como o casamento entre tia e sobrinho, expressamente proibido. Mas embora não fosse desconhecido no exterior, teria sido abominado na Inglaterra. Este, de fato, é o ponto saliente. Ricardo e seus conselheiros certamente teriam percebido a repulsa que tal casamento geraria, e como ele desfaria todo o seu trabalho cuidadoso para reconciliar e consolidar sua posição.⁹⁵

A autora ainda acrescenta que:

Em seu *History of King Richard III*, sir Jorge Buck afirmou ter visto, na coleção de seu patrono, o conde de Arundel, uma carta escrita por Elizabeth de York ao duque de Norfolk, no final de fevereiro de 1485. Ela aparentemente pediu a Norfolk que ajudasse a facilitar sua união com o rei, a quem ela descreveu como “sua única alegria e criador”. Entretanto, foi sugerido que poderia ter sido mal lido e mal interpretado, não porque qualquer historiador tenha cometido um erro evitável, mas com base em motivos apresentados pelo editor de Buck, Arthur Kincaid, que o próprio Buck poderia ter entendido mal seu conteúdo.⁹⁶ (CARSON, 2013, p.130).

O que de fato ocorreu, entre março e agosto de 1485, foram negociações para que Ricardo se casasse com Joana, irmã de João II de Portugal. Descendentes diretamente de João de Gaunt e sua primeira esposa Blanche de Lancaster, Joana e João eram os bisnetos da filha mais velha de Gaunt, Philippa, rainha de João I. Isso fazia deles, à época, os herdeiros mais antigos do que restava da casa de Lancaster. Ao casar-se com Joana, Ricardo teria conseguido elegantemente a unificação que Henrique Tudor pretendeu, sem derramar uma única gota de sangue. As negociações ainda previam um casamento para que Elizabeth de York se tornasse esposa do primo de João e Joana: Manuel, duque de Beja (futuramente rei Manuel I).

Williams (1983 apud CARSON, 2013, p. 132) registra que:

Seguiu-se um desdobramento dramático. ... Ela teve ou uma visão ou um sonho de um “belo jovem” que lhe disse que Ricardo “havia deixado de estar entre os vivos”. Na manhã seguinte, ela deu a seu irmão uma resposta firme: Se Ricardo ainda estivesse vivo, ela iria para a Inglaterra e se casaria com ele. Se ele estivesse realmente morto, o rei não iria pressioná-la novamente para se casar. Não é necessário acreditar no sobrenatural para aceitar que Joana poderia ter tido um sonho premonitório com a

⁹⁵Traduzido pela autora. No original: “It is easy to conclude that the problem of the succession, and the possibility of Richard’s remarriage, must have been the dominating topics at every council meeting in the second half of 1484, and more than likely the candidacy of Elizabeth of York was put on the table. Such a marriage would have required papal dispensation but was not, like marriage between aunt and nephew, expressly forbidden. But although not unknown abroad, it would have been abhorred in England. This, indeed, is the salient point. Richard and his advisers would certainly have realized what revulsion such a marriage would engender, and how it would undo all their careful work to reconcile and consolidate his position.”.

⁹⁶ Traduzido pela autora. No original: “In his *History of King Richard III* Sir George Buck claimed to have seen, in the collection of his patron, the Earl of Arundel, a letter written by Elizabeth of York to the Duke of Norfolk towards the end of February 1485. This apparently asked Norfolk to help facilitate her union with the king, whom she described as ‘her only joy and maker’. It has, however, been suggested that it might have been misread and misconstrued, not because any historian has made an avoidable mistake, but on grounds put forward by Buck’s editor, Arthur Kincaid, that Buck himself might have misunderstood its contents.”.

morte de Ricardo. Poucos dias após sua decisão, notícias de Bosworth chegaram a Portugal.⁹⁷

Usando o argumento de Williams, Carson (2013) faz uma observação pertinente de que as negociações de casamento entre as nobrezas portuguesa e inglesa lançam nova luz sobre a interpretação de Ricardo III: ainda que se considerasse João II como um monarca implacável, é pouco credível que o rei e seu conselho de estado teriam tentado coagir Joana a se casar com um usurpador manchado de sangue; menos ainda que ela, embora sob pressão ou não, deveria tê-lo aceito quando já havia recusado Maximiliano da Áustria e Carlos, duque de Orleans. Dificilmente a corte em Portugal não teria tido conhecimento dos acontecimentos na Inglaterra.

Rememorando que um mensageiro havia sido enviado simultaneamente para a Espanha onde outro possível casamento entre Ricardo e a infanta Isabella fora discutido, Williams (1983 apud CARSON, 2013, p.132) prossegue seu argumento:

Qualquer que fosse a pressão exercida sobre Portugal em 1485, nenhuma restrição desse tipo estava sobre a Espanha. No entanto, aparentemente Ferdinando e Isabella estavam tão dispostos que Ricardo se casasse com sua filha mais velha quanto João II estava de que ele se casasse com sua irmã. A atitude dos reis da Espanha e de Portugal é a melhor estimativa que temos para o caráter de Ricardo. Ela deve ter muito mais peso do que as fofocas e rumores que circulam na Inglaterra e na França, os quais têm sido indevidamente considerados pelos historiadores.⁹⁸

Constata-se então, que não há propósito ou sentido em um desejo de Ricardo de se casar com sua sobrinha, quando existem provas documentais de que ele estava realmente negociando com duas potências estrangeiras (ao contrário de estar tramando um casamento incestuoso) que teriam forjado alianças de benefício significativo para a Inglaterra.

⁹⁷ Traduzido pela autora. No original: “A dramatic dénouement followed. ... She had either a vision or a dream of a ‘beautiful young man’ who told her that Richard ‘had gone from among the living’. Next morning, she gave her brother a firm answer: If Richard were still alive, she would go to England and marry him. If he were indeed dead, the King was not to press her again to marry. It is not necessary to believe in the supernatural to accept that Joanna might have had a premonitory dream of Richard’s death. Within days of her decision, news of Bosworth reached Portugal.”.

⁹⁸ Traduzido pela autora. No original: “Whatever pressure was upon Portugal in 1485, no such constraint was on Spain. Yet apparently Ferdinand and Isabella were as willing that Richard should marry their eldest daughter as John II that he should marry his sister. The attitude of the Kings of Spain and Portugal is the best testimonial we have to Richard’s character. It should carry far more weight than the gossip and rumour circulating in England and France which has been unduly regarded by historians.”.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da presente dissertação, buscou-se investigar a obra *Ricardo III*, de William Shakespeare, abordando suas conexões com o Rei Ricardo III histórico, a construção da narrativa e suas representações na literatura e nas artes. Discutiu-se, ainda, as concepções de história elaboradas por Jacques Le Goff, Michel de Certeau e Paul Veyne, de forma a compreender suas relações com narrativa, literatura e mito.

Nesse contexto, partimos da proposta de Nova História de conectar a construção do pensamento histórico a outros campos do conhecimento, para debatermos as relações entre evento histórico, documento e narrativa. LeGoff conduz sua discussão a partir das conexões entre narrativa literária, narrativa histórica e a construção da memória. Já Certeau traz as relações entre história e mito, baseada no apreço dos povos com os personagens históricos, tal como representado em nosso objeto de estudo. Por fim, Veyne destaca o conceito de *tekmeria*, que traz a noção do elemento que simboliza a relação entre evento, documento e narrativa. Em nosso caso, a peça shakespeariana representa a versão cristalizada da percepção construída a respeito de Ricardo III.

Tais perspectivas foram complementadas pelas noções sistêmicas de tradução e reescrita, enquanto formas de reconstrução do discurso histórico-literário. Nesse universo, os *polissistemas* possibilitam a análise do lugar da peça Ricardo III na construção do imaginário acerca do monarca Plantageneta. Tal como a concepção de Even-Zohar, os *polissistemas* são hierárquicos, dinâmicos e flexíveis. Em nossa discussão, William Shakespeare representa o centro de um *polissistema* de literatura mundial, legitimando não somente suas escolhas literárias, como também suas concepções históricas.

O dinamismo também se vê representado, pois o teórico israelense considera que as leituras de um bem simbólico contribuem para o movimento constante e inerente aos *polissistemas*. Dessa forma, as análises acerca da peça shakespeariana e de suas consequências históricas desencadeiam novos posicionamentos ao repertório literário e cultural em questão. Por fim, os elementos flexíveis são representados pelo fato de que a peça estudada é central no *polissistema* literário, assim como no sistema de referências históricas.

Além disso, discutimos a obra de Lefevere a partir da perspectiva de manipulação, considerada inerente ao processo de reescrita – o que envolveria a tradução e a escrita literária de temática histórica, além de muitas outras possibilidades – estando sempre ligada a esferas de poder.

Tais leituras foram possibilitadas pela proposta advinda da Virada Cultural dos Estudos da Tradução, que buscou as interfaces entre o contato intercultural e a construção do pensamento histórico e tradutório.

Por fim, foram analisados excertos da obra de forma a testilhar as questões pessoais e sociais que foram transcritas no discurso histórico. O objetivo em tal percurso foi problematizar as relações entre o pensamento tradutório na construção de um imaginário acerca de Ricardo III, permeado pela peça shakespeariana. Os impactos foram mais enunciados nos episódios relativos à aparência física e caráter de Ricardo III; aos assassinatos (morte de Jorge, Duque de Clarence; culpar Eduardo IV pela morte de Clarence; assassinato dos nobres leais aos sobrinhos; mandar matar os sobrinhos na torre; e trucidar o ex-marido da atual esposa); e aos relacionamentos e casamentos (casamento Lady Ana; suposta tentativa de casamento com a sobrinha).

Os desafios de escrita refletiram o próprio contexto do reinado de Ricardo em sua turbulência (salvo às suas devidas proporções), muito devido à pandemia de COVID-19 que atingiu o mundo nos últimos anos. Destaca-se os percalços encontrados na escrita do presente trabalho, especialmente no que tange o cotejamento documental da vida do monarca inglês. Entretanto, dá-se o devido reconhecimento a todas e todos que seguiram na jornada pela busca do conhecimento, fosse essa jornada impactada por fatores de ordem social, política e estrutural, fosse impactada pelo lastro de um vírus que mudou permanentemente a maneira como o mundo é visto e organizado.

A partir das questões empreendidas, nota-se o potencial para mais estudos que conectem o aparato teórico da História e dos Estudos da Tradução, bem como que discutam o impacto histórico-literário das peças shakespearianas.

REFERÊNCIAS

ABBOTT, Jacob. **History Of King Richard The Third Of England**. Estados Unidos: Hardpress Publishing, 2013. 350 p.

AGUIAR, Luiz Antonio. Apresentação. *In*: SHAKESPEARE, William. **Ricardo III**. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009. v. 3, cap. 1, p. 7-11.

ASHDOWN-HILL, John. **The secret intimacies of Edward IV: multiple marriages and a same-sex affair?**. [S. l.], 9 abr. 2018. Disponível em: <https://www.historyextra.com/period/medieval/the-secret-intimacies-of-edward-iv-multiple-marriages-and-a-same-sex-affair/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

AZENHA JUNIOR, João. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. **Tradterm**, v. 16, p. 37-66, 2010.

BARROS, José Costa D. Assunção. Jacques Le Goff—considerações sobre contribuição para a teoria da história (Jacques Le Goff—considerations on the contribution to the theory of history). **Cadernos de História**, v. 14, n. 21, p. 135-156, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/5074/5637>. Acesso em: 2 dez. 2021.

BARTLETT, Robert. **The Plantagenet royal dynasty: England's ultimate family drama**. [S. l.], 1 dez. 2013. Disponível em: <https://www.historyextra.com/period/plantagenet/the-plantagenet-royal-dynasty-englands-ultimate-family-drama/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BEVINGTON, David. **Richard III**. [S. l.], 4 maio 1999. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/Richard-III-play-by-Shakespeare>. Acesso em: 1 maio 2020.

BRITAIN, Battlefields of. **Battle of Tewkesbury (1471)**. [S. l.], 1 abr. 2019. Disponível em: http://www.battlefieldsofbritain.co.uk/battle_tewkesbury_1471.html. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRITANNICA, Encyclopaedia. **Richard, 3rd duke of York**. [S. l.], 1 abr. 2019a. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Richard-3rd-duke-of-York>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRITANNICA, Encyclopaedia. **Wars of the Roses**. [S. l.], 1 abr. 2019b. Disponível em: <https://www.britannica.com/event/Wars-of-the-Roses>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRITANNICA, Encyclopaedia. **Edward IV**. [S. l.], 9 maio 2019c. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Edward-IV-king-of-England>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BRITISH LIBRARY (Londres). **Richard III, arch-topped portrait, c. 1510–40**. [S. l.], [200-?]. Disponível em: <https://www.bl.uk/collection-items/richard-iii-arch-topped-portrait-c-1510-40>. Acesso em: 10 ago. 2020.

BUESCU, Gabriela. **Teoria dos Polissistemas**. [S. l.], 24 dez. 2009. Disponível em: <https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/teoria-dos-polissistemas/>. Acesso em: 9 mar. 2021.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. São Paulo: Ed. da UNESP, 1997

CARDOSO, Irene. Narrativa e história. **Tempo Social**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 3-13, 2000. ISSN 1809-4554. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20702000000200002>. Acesso em: 2 dez. 2021.

CARSON, Annette. **Did the princes survive?: Richard III and the princes in the Tower**. 2014. Disponível em: <http://nerdalicious.com.au/history/did-the-princes-survive-richard-iii-and-the-princes-in-the-tower/>. Acesso em: 30 ago. 2020.

CARSON, Annette. **Notes and Trifles: ‘Looking for a Straight Spine’**. [S. l.], 8 mar. 2020. Disponível em: <https://www.annettecarson.co.uk/357052370>. Acesso em: 10 ago. 2020.

CARSON, Annette. **Richard III: The Maligned King**. 2. ed. Stroud: The History Press, 2013. 336 p.

CASTELOW, Ellen. **The Battle of Tewkesbury**. [S. l.], 1 abr. 2019. Disponível em: <https://www.historic-uk.com/HistoryMagazine/DestinationsUK/The-Battle-of-Tewkesbury/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

CAVENDISH, Richard. The Birth of Richard III. **History Today**. Londres, v. 52, n. 10, 2002.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

CULTURE24. **Head of Richard III reconstructed in four-hour operation based on DNA test results**. [S. l.], 10 mar. 2015. Disponível em: <https://www.culture24.org.uk/history-and-heritage/royal-history/art52050-head-of-richard-third-reconstructed-in-four-hour-operation-based-on-dna-test-results>. Acesso em: 23 ago. 2020.

DAVIES, C. S. L. Bishop John Morton, the Holy See, and the Accession of Henry VII. **THE ENGLISH HISTORICAL REVIEW**, Oxford University Press, v. 102, n. 402, jan. 1987, p. 2-30.

DINNING, Rachel. **Henry VI may have had a “sex coach” – plus 4 more curious facts about his life**. [S. l.], 21 maio 2019. Disponível em: <https://www.historyextra.com/period/plantagenet/king-henry-vi-facts-life-death-reign-marriage-sex-coach-wife-illness-mental-health-mysterious-strange/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

EASTERLING, Peter. E. Form and Performance. In: EASTERLING, P. E. (ed.). **The Cambridge Companion to Greek Tragedy**. Cambridge: CUP, 2001. p. 151-177.

ECOSTEGUY, Ana C. D. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 5, n. 9, p. 87-97, dez. 1998.

ENCYCLOPEDIA OF THE WARS OF THE ROSES. **Clarence, Execution of**. [S. l.]. 2001. Disponível em: https://war_of_roses.enacademic.com/80/Clarence%2C_Execution_of. Acesso em: 29 ago. 2020.

EVEN-ZOHAR, Itamar. A posição da literatura traduzida dentro do polissistema literário. **Translatio**, n. 3, p. 3-10, 2012.

EVEN-ZOHAR, Itamar. Teoria dos polissistemas. Traduzido de Luis Fernando Marozo, Carlos Rizzon e Yanna Karlla Cunha. **Revista Translatio**, Porto Alegre, 4, p. 1-21, 2013.

FURET, F. Da história-narrativa à história-problema. *In*: _____. **A oficina da história**. Lisboa: Gradiva, [19--?]. p. 81-98.

FURET, F. O quantitativo em história. *In*: LE GOFF, J.; NORA, P. (org.). **História: novos problemas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. p. 49-62.

GENTZLER, Edwin. **Teorias Contemporâneas da Tradução**. [S. l.]: Madras, 2009. 296 p. ISBN 8537004510

GREY FRIARS RESEARCH TEAM *et al.* **The Bones of a King: Richard III Rediscovered**. Oxford: John Wiley & Sons, 2015. 219 p.

HALBWACHS, Maurice. Memória individual e memória coletiva. *In*: **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 25-52.

HALL, Stuart. Cultural studies: Two paradigms. **Media, Culture and Society**, SAGE, London, Newbury Park and New Delhi, v. 2, n. 1, p. 57-72, 1980a.

HALL, Stuart. Cultural Studies and the Centre: some problematics and problems. *In*: HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. **Culture, media, language – Working papers in Cultural Studies 1972-1979**. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York, 1980b. p. 2-35.

HALL, Stuart. Introduction to Media at the Centre in HALL, S., HOBSON, D., LOWE, A., e WILLIS, P. **Culture, media, language - Working papers in Cultural Studies 1972-1979**. Routledge e Centre for Contemporary Cultural Studies/University of Birmingham, London e New York, 1980c. p. 104-109

HELIODORA, Bárbara. **Shakespeare: o que as peças contam: tudo o que você precisa saber para descobrir e amar a obra do maior dramaturgo de todos os tempos.** Rio de Janeiro: Edições de Janeiro, 2014.

HEPBURN, Frederick. **Earliest Portraiture of Richard III.** [S. l.], 2015. Disponível em: http://www.richardiii.net/2_4_0_riii_appearance.php. Acesso em: 10 ago. 2020.

HERMANS, Theo. **The manipulation of literature: studies in literary translation.** London: Croom Helm, 1985.

HICKS, Michael. **Richard III and his Rivals: Magnates and their Motives in the Wars of the Roses.** Londres: A&C Black, 1991. 447 p.

HICKS, Michael. **His Brother - George, Duke of Clarence, 1449-78.** [S. l.], 1 abr. 2019. Disponível em: http://www.richardiii.net/2_2_0_riii_family.php. Acesso em: 3 jun. 2019.

JÚNIOR, J. A. Transferência cultural em tradução: contextualização, desdobramentos, desafios. **Tradterm**, [s.l.], v. 16, n. 0, p. 37–66, 2010. ISSN 2317-9511, DOI: 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.2010.46311.

KIERNAN, Victor. **Shakespeare: poeta e cidadão.** Tradução: Álvaro Hattner. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

KINCAID, Arthur Noel. The Dramatic Structure of Sir Thomas More's History of King Richard III. **Studies in English Literature, 1500-1900**, Rice University, v. 12, n. 2, p. 223-242, (Spring, 1972),

LANGLEY, Philippa. **The King's Grave: The Search for Richard III.** Londres: John Murray, 2013. 336 p.

LEFEVERE, André. **Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame.** London: Routledge. 1992.

LEFEVERE, A. **Tradução, Reescrita e Manipulação da Fama Literária**. Tradução de Cláudia Matos Seligmann. Bauru: EDUSC, 2007 [1992].

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução: Bernardo Leitão, *et al.* 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LE GOFF, Jacques. A História Nova. *In*: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEICESTER, Universidade de. **Osteology**. [S. l.], [201-?a]. Disponível em: <https://www.le.ac.uk/richardiii/science/osteology.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

LEICESTER, Universidade de. **Analysing the Skeleton**. [S. l.], [201-?b]. Disponível em: <https://www.le.ac.uk/richardiii/science/osteology-3-analysing.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

LEICESTER, Universidade de. **Face and voice**. [S. l.], [201-?c]. Disponível em: <https://www.le.ac.uk/richardiii/science/facevoice.html>. Acesso em: 23 ago. 2020.

LEWIS, Matthew. **King Edward IV's Shortsighted Policy**. [S. l.], 18 abr. 2014a. Disponível em: <https://mattlewisauthor.wordpress.com/2014/08/23/why-is-it-called-buckinghams-rebellion/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

LEWIS, Matthew. **Why Is It Called Buckingham's Rebellion?**. [S. l.], 23 ago. 2014b. Disponível em: <https://mattlewisauthor.wordpress.com/2014/08/23/why-is-it-called-buckinghams-rebellion/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

LICARIÃO, Berttoni Cláudio; OLIVEIRA, Elinês de Albuquerque Vasconcelos. Experiências Shakespearianas: um estudo de Ricardo III. XI ENCONTRO DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA, p. 1-8, 2 dez. 2009, [S. l.]. **Anais**. Disponível em: http://www.prac.ufpb.br/anais/xenex_xienid/xi_enid/prolicen/ANAIS/Area4/4CCHLADLEM PLIC01.pdf. Acesso em: 12 out. 2021.

MONARCHS, English. **Edward of Westminster, Prince of Wales**. [S. l.], 1 abr. 2018. Disponível em: http://www.englishmonarchs.co.uk/plantagenet_41.html. Acesso em: 3 jun. 2019.

MONARCHS, English. **George Plantagenet, Duke of Clarence**. [S. l.], 1 abr. 2018. Disponível em: http://www.englishmonarchs.co.uk/plantagenet_21.html. Acesso em: 3 jun. 2019.

MOORHEN, Wendy E.A. **His Life**. [S. l.], 1 abr. 2019. Disponível em: http://www.richardiii.net/2_1_0_richardiii.php#life. Acesso em: 3 jun. 2019.

MORAIS, Julierme. Paul Veyne e Hayden White: duas visões acerca da narrativa histórica. **Revista Aedos**, v. 10, n. 22, p. 263-284, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/aedos/article/viewFile/76623/49781>. Acesso em: 2 dez. 2021.

MORE, Saint Thomas; HARDYNG, John. **History of King Richard III**. CUP, 1924.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY (Londres). **King Richard III**. [S. l.], [201-?a]. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw05304/King-Richard-III?LinkID=mp03765&role=sit&rNo=0>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY (Londres). **King Richard III**. [S. l.], [201-?b]. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw05305/King-Richard-III?sort=dateDesc&LinkID=mp03765&wPage=1&role=sit&rNo=24>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY (Londres). **King Richard III**. [S. l.], [201-?c]. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw123666/King-Richard-III?sort=dateDesc&LinkID=mp03765&wPage=1&role=sit&rNo=23>. Acesso em: 10 ago. 2020.

NATIONAL PORTRAIT GALLERY (Londres). **King Richard III**. [S. l.], [201-?d]. Disponível em: <https://www.npg.org.uk/collections/search/portrait/mw123660/King-Richard-III?sort=dateDesc&LinkID=mp03765&wPage=1&role=sit&rNo=23>.

III?sort=dateDesc&LinkID=mp03765&wPage=1&role=sit&rNo=20. Acesso em: 10 ago. 2020.

POTTER, Jeremy. **Good King Richard?** An Account of Richard III and his Reputation. 3. ed. Londres: Bloomsbury Reader, 2014. 278 p.

PRZEWORSKI, A.; TEUNE, H. **The Logic of comparative social inquiry**. New York: Wiley-Interscience, 1970.

PUJANTE, Ángel-Luis. Introdução. *In*: SHAKESPEARE, William. **Ricardo III**. 1. ed. Buenos Aires: Planeta, 2016, cap. 1, p. 9-33.

RICHARD III SOCIETY - AMERICAN BRANCH. **The murders of Edward of Lancaster and Henry VI**. [S. l.], [200-?]. Disponível em: <http://www.r3.org/on-line-library-text-essays/back-to-basics-for-newcomers/the-murders-of-edward-of-lancaster-and-henry-vi/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

RICHARD III SOCIETY OF CANADA. **The “Crimes” of Richard III – Myth vs Fact**. [S. l.], [200-?]. Disponível em: <http://www.richardiii.ca/the-crimes-of-richard-iii-myth-vs-fact/>. Acesso em: 27 ago. 2020.

RICKARD, J. **Battle of Tewkesbury, 4 May 1471**. [S. l.], 5 mar. 2014. Disponível em: http://www.historyofwar.org/articles/battles_tewkesbury.html. Acesso em: 3 jun. 2019.

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro**. Campinas: Papirus, 1991.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa I**. Campinas: Papirus, 1994

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa II**. Campinas: Papirus, 1995.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa III**. Campinas: Papirus, 1997.

ROSS, Charles. **Richard III**: Yale English Monarchs. New Haven: Yale University Press, 2011. 268 p.

SEWARD, Desmond. **The Wars of the Roses: Through the Lives of Five Men and Women of the Fifteenth Century**. Nova York: Viking, 1995. 379 p.

SHAKESPEARE, William. **The Tragedy of King Richard the Third**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2008. 414 p.

SHAKESPEARE, William. **Ricardo III**. 1. ed. Uberlândia: Ridendo Castigat Mores, 2007. 91 p.

SHAKESPEARE, William. **Ricardo III**. 1. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2009. 200 p.

SUTTON, Anne. **His Leadership**. [S. l.], 1 abr. 2019. Disponível em: http://www.richardiii.net/2_3_0_riii_leadership.php#top. Acesso em: 3 jun. 2019.

TATTERSALL, Kerry R. J. **The King's death**. Viena, 2016. Disponível em: http://www.henrysixth.com/?page_id=57. Acesso em: 27 ago. 2020

THE RICARDIAN. [Londres?] v. 11, n. 145, jun. 1999.

THE ROYAL COLLECTION TRUST (Londres). **Richard III (1452-85) 1504-1520**. [S. l.], [199-?]. Disponível em: <https://www.rct.uk/collection/403436/richard-iii-1452-85>. Acesso em: 10 ago. 2020.

KUHN, T.S. **The Structure of Scientific Revolutions**, Nova York, 1961.

VENUTI, L. A tradução e a formação de identidades culturais. *In*: SIGNORINI, Inês. (org.) **Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado**. Campinas: Mercado de Letras. 1998. p.173-198.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história**. 3. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2005.